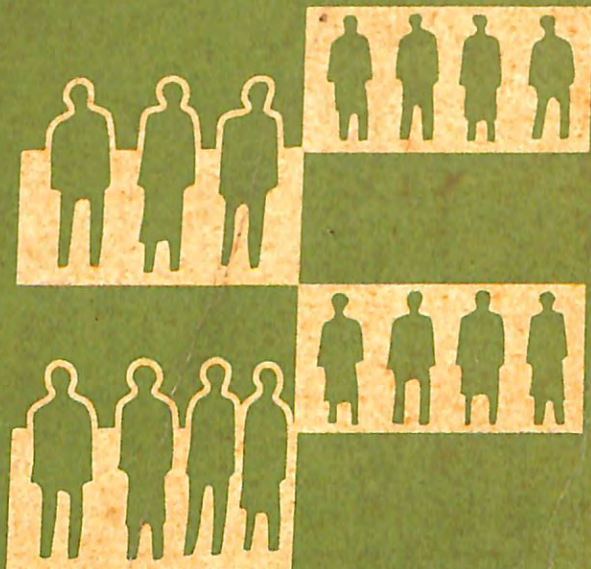




M. E. C.

PROGRAMA DE EMERGENCIA

ESTUDOS SOCIAIS NA ESCOLA PRIMÁRIA



BIBLIOTECA DA PROFESSORA BRASILEIRA

ESTUDOS SOCIAIS
NA
ESCOLA PRIMÁRIA

JOÃO BELCHIOR MARQUES GOULART
Presidente da República

HERMES LIMA
Presidente do Conselho de Ministros

DARCY RIBEIRO
Ministro da Educação e Cultura



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PROGRAMA DE EMERGÊNCIA

Edição promovida pelo
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA,
com recursos do seu Programa de Emergência,
para distribuição gratuita às professoras bra-
sileiras.

BIBLIOTECA DO PROFESSOR BRASILEIRO

ESTUDOS SOCIAIS NA ESCOLA PRIMÁRIA

Orientação e redação:

JOSEPHINA DE CASTRO E SILVA GAUDENZI

Colaboradoras:

MARIA DO CARMO MARQUES PINHEIRO
MARIA DA GLÓRIA CORRÊA LEMOS

Desenhos:

HUGO QUINTÃO DUARTE



1962

PROGRAMA DE EMERGÊNCIA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SUMÁRIO

Biblioteca do Professor Brasileiro	11
Introdução	13
Prefácio	17

1º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

A CRIANÇA EM SEU NÓVO AMBIENTE

- 1 — **Objetivos: hábitos, atitudes, conhecimentos**
- 2 — **A criança em seu nôvo ambiente**
 - Condições que favorecem a ambientação
 - Aquisição de hábitos e atitudes convenientes
 - Dificuldade de ambientação
 - Colaboração entre pais e professôres
- 3 — **Ação da Escola**
 - Atenção às necessidades da criança relativamente à vida em família
 - Formação e desenvolvimento de hábitos de bom convívio social e de trabalho
 - Hábitos de higiene; o aprêço à saúde física
 - Outros hábitos de bom convívio social; hábitos de trabalho
 - Exercício de observação:
 - Na sala de aula e na escola, em geral
 - No caminho que leva à escola
 - Registro das observações de fenômenos atmosféricos
 - Aquisição de instrumentos de trabalho (maquetes, planificações)
- 4 — **Valorização de fatos e homens de interêsse histórico e aquisição de noções básicas para a formação do conceito de História.**

- 5 — Sugestões de atividades
- Construção da casa da boneca
 - Confeção do mobiliário e arrumação da casa da boneca
 - Confeção dos bonecos que irão constituir a família, de seus respectivos vestuários e dos animais de estimação da casa
 - Brincar de família com os bonecos
 - Organizar uma feira de brinquedo e brincar de feira
 - Construção de circo de brinquedo e respectivo elenco
 - Brincar de circo
 - Comemoração ao Dia da Árvore e entrada da Primavera.
- 6 — Avaliação do rendimento escolar para orientação da atividade da professora
- Avaliação pela professora
 - Apreciação professor-aluno
 - Auto-avaliação

2º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

A COMUNIDADE E O TRABALHO

- 1 — Objetivos e programa
- 2 — A comunidade e o Trabalho
- O sentido da Comunidade — A interdependência
 - A valorização do trabalho na comunidade — Ação da escola
 - A comunidade rural
 - A boa-vizinhança na comunidade
 - A boa-vizinhança na escola
 - As características da criança de oito anos e como aproveitá-las no interesse da aprendizagem
- 3 — Aspectos sociais da comunidade
- O comércio
 - A indústria
 - Aspectos sociais da comunidade vividos pelas crianças, na escola
 - Aspectos ligados à Higiene e Saúde — Estímulo à utilização dos serviços de saúde da comunidade
- 4 — A localidade
- Observações dos aspectos geográficos em correlação com a vida econômica e social da comunidade
 - Registro de observação de fenômenos atmosféricos
 - Representação material da localidade

- 5 — Interêsse histórico e compreensão de conceitos históricos
- Gráficos das gerações
- 6 — Entrevistas e excursões
- Entrevistas
 - Necessidade de planejamento
 - Registro das observações
 - Outras considerações
 - Excursões
 - Planejamento da excursão
 - A excursão
 - Atividades de linguagem e matemática decorrentes das entrevistas e excursões
- 7 — Atividades sugeridas:
- Correio Escolar
 - Organização de uma farmácia
 - Organização e funcionamento de uma loja de doces
 - Execução de um diorama ou maquete rudimentar
 - Outras atividades decorrentes dos trabalhos programados para o segundo ano
- 8 — Avaliação do rendimento escolar
- Sugestões para exercícios de fixação que servem também para avaliação das informações e dos conhecimentos adquiridos

3º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

NOVAS FORMAS DE VIDA E APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS NO SENTIDO DA MELHORIA E PROGRESSO DAS CONDIÇÕES DE VIDA

- 1 — Objetivos e programa
- 2 — A boa-vizinhança e a interdependência nas relações entre as comunidades
- Comunidade urbana
 - Comunidade político-administrativa
 - Conhecimentos a adquirir
 - Conceitos político-administrativos
 - Conceitos a adquirir
- 3 — O homem e o aproveitamento dos recursos locais relativamente às necessidades primárias
- Como conduzir a criança a experiência de aprendizagem
 - Aspectos de Higiene e Saúde ligados à vida local

- Aproveitamento dos recursos naturais
Interdependência entre o ambiente físico e as atividades humanas
- Os fenômenos da atmosfera
Os fenômenos naturais, o solo e os acidentes físicos
Aproveitamento e valorização de produtos da localidade
Conservação e recuperação dos produtos naturais
Atividades escolares no sentido da conservação e recuperação de recursos
- Condições de trabalho no passado e no presente
Conhecimentos a adquirir
- 4 — Aspectos da experiência brasileira no sentido da adaptação e melhoria das condições de vida
- Os portugueses à época do Descobrimento
O indígena
O colonizador
O negro
Contribuição dos jesuítas
Os jesuítas, o silvícola, o negro e o colonizador — personagens de histórias
- Evolução de aspectos essenciais de vida — Contribuição para a formação do conceito de História
Como tem evoluído a habitação no Brasil
Como se formaram e evoluíram nossos hábitos alimentares
Os meios de locomoção e transporte, no Brasil
Conhecimentos a adquirir
- 5 — Instrumentos de estudo a adquirir e utilizar
- Excursões no 3º ano
Preparando a criança para a leitura inteligente de mapas
O globo terrestre e o mapa
- 6 — Atividades sugeridas
- Uma exposição
Clubes e organizações, em geral
Organização interna de um clube — Atividades de um clube
Clube dos amigos da escola
Preparo de uma horta
Locação de terras
Organização de um «cinema»
- 7 — Avaliação dos trabalhos e fixação de noções no 3º ano
- Avaliação pelos alunos
Hábitos e atitudes formativas
Habilidades no uso de técnicas e de fontes de estudo
Conhecimentos e informações
Avaliação pela professora

4º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

A REALIDADE BRASILEIRA

- 1 — Objetivos e programa
- 2 — A criança e o conhecimento da realidade brasileira
- Sentido da aprendizagem
Aprendizagem facilitada pelas características da criança aos 10 anos
Compreensão de aspectos históricos
- 3 — Clima e condições de vida
- Introdução ao estudo do clima no 4º ano
Fatores de influência no clima
Conclusões a respeito do clima, no Brasil
- 4 — Processos de ocupação e colonização
- Introdução ao estudo das regiões no Brasil
Sentido da aprendizagem
Panorama da ocupação:
ocupação litorânea;
ocupação mediterrânea.
- A mineração intensificando o povoamento
Aspectos da ocupação nas diferentes regiões
Região Nordeste
Região Sertaneja do Noroeste
Região Leste
Região Meridional
A estância — motivo de pesquisa
Região Centro Oeste
Região Norte
- Alguns aspectos regionais que auxiliam a caracterizar a vida em cada uma dessas regiões
Na Região Norte
Na Região Meridional
Etnias emigradas — motivo de pesquisa
Na Região Nordeste
Na Região Leste
Na Região-Centro-Oeste
- 5 — Desenvolvimento da noção de tempo
- Como se vão sucedendo os fatos históricos
A criança e o mercado do trabalho
Festas cívicas
- 6 — Instrumentos de estudo a utilizar
- O globo-terrestre e o mapa no 4º ano de Estudos Sociais

7 — Trabalho de Equipe

Atividades de pesquisa

Outros recursos para a aprendizagem

Jogos didáticos

Teatro escolar

O cartaz — O quadro mural

Flanelógrafo

Os livros, as gravuras, os diapositivos, diafilmes e filmes

Excursões no 4º ano (informações para o professor)

8 — Atividades sugeridas:

Organização de um clube

Atendimento aos interesses da criança

A importância dos clubes na escola

O Clube dos Brasileirinhos (exemplificação)

Organização do clube

Organização geral

As reuniões de trabalho

As promoções do clube

Instituições anexas

Departamento recreativo

A biblioteca do clube

O museu — setor do clube

As representações gráficas e o clube

Programas inaugurais

Prática da Democracia

Uma experiência de eleição democrática

Oportunidades de aprendizagem

Brasília, Capital do Progresso

9 — Avaliação

Com respeito a hábitos e atitudes sociais

Com respeito a conhecimentos e habilidades

0 — Programa

5º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

CIDADANIA FUNDADA NO CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA

— Objetivos e programa

— Sentido da Aprendizagem — a cidadania efetiva e os interesses da Comunidade Nacional

Interesses da idade e seu aproveitamento no sentido dos objetivos visados

Experiência de organização de campanha de âmbito escolar do sistema federativo de governo

O sistema federativo de governo; a Constituição Federal e os Três Podêres da República

3 — Higiene e Saneamento: importância da educação sanitária no Brasil

Saúde — «Conquista do esforço e do conhecimento humano»
Saneamento da cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal

Pesquisa e estudos — necessidade de equipes de trabalho
Medidas gerais de saneamento — combate aos males de mais grave incidência no Brasil

4 — Planejamento e ação no sentido da melhoria das condições de vida na Amazônia

Planejamento e ação no sentido da melhoria das condições de vida no Nordeste

Exemplo de trabalho de governos passados relativamente aos problemas do Nordeste

Interesse pelas condições de vida no Médio São Francisco

Região Centro-Oeste

Região Sul e Leste

Apreciação de problemas comuns

5 — Informações de interesse sobre as atividades de comércio internacional, no Brasil

Necessidade de mais amplos conhecimentos em relação à troca de produtos

6 — Indústria — aspectos da industrialização no Brasil

Oportunidade para ressaltar importantes aspectos de Educação Cívica

7 — Trabalho e educação

Valorização da agricultura cientificamente orientada

Concessões de bolsas de estudo para todos os cursos de nível médio

8 — Governos republicanos do Brasil

Relações diplomáticas no Brasil

Organização das Nações Unidas

9 — Aplicação de instrumentos de trabalho já adquiridos

Levantamento das condições locais

Excursões, visitas e entrevistas

10 — Alguns dados estatísticos — Como auxílio ao professor

11 — Atividades sugeridas:

O jornal escolar

Sugestões para a constituição de um corpo de servidores do jornal escolar

Sugestões sobre assuntos que podem interessar ao público de um jornal infantil

Notícias a destacar periodicamente

Atividades que decorrem dos trabalhos relativos ao jornal

O jornal e o conteúdo das matérias do programa

Estudos Sociais

12 — Organização de uma cooperativa

O cooperativismo — A importância das cooperativas

As cooperativas e a escola

Cooperativas de produção

Cooperativas de consumo

Os estatutos da cooperativa

Símbolo do cooperativismo

A cooperativa e a aprendizagem — Os estudos sociais e as demais disciplinas

13 — Avaliação

SUGESTÃO DE BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

I — LIVROS PARA OS ALUNOS

Livros que atendem ao 1º ano escolar:

Importância do lar.

Vida infantil.

Hábitos, atitudes, sentimentos.

Livros infantis estrangeiros.

Livros que atendem ao 2º ano escolar:

Comunidade, vida em família, atividades infantis.

Divertimentos da comunidade.

Meios de transporte.

Hábitos, atitudes, sentimentos.

Livros de leitura graduada.

Livros estrangeiros infantis.

Livros que atendem ao 2º e 3º anos escolares simultaneamente:

Leituras e poesias.

Livros que atendem ao 3º ano:

Comunidade urbana.

Higiene.

Vida no campo.

Indígenas.

Hábitos, atitudes, sentimentos.

Livros de leitura graduada.

Livros que atendem ao 3º e 4º anos escolares:

O desenrolar de nossa História.

Fatos esparsos de nossa História.

Livros de leitura graduada.

Livros que atendem ao 4º ano escolar:

Fatos e vultos da História do Brasil.

Lendas e mitos.

Satisfação das necessidades primárias do homem.

Estados e cidades do Brasil.

Livros de leitura graduada.

Livros que atendem ao 4º e 5º anos escolares:

O desenrolar de nossa História.

Geografia.

Atlas.

Cooperativismo.

Vida no campo.

Folclore.

Assuntos variados.

Livros que atendem ao 5º ano escolar:

História do Brasil.

A Economia Brasileira.

Assuntos variados.

Vida em outras terras.

Pequenos históricos.

Hábitos, atitudes, sentimentos.

Conhecimentos de puericultura.

Livros de leitura graduada.

II — LIVROS COM INFORMAÇÕES PARA O PROFESSOR

Publicações diversas sobre o Brasil e o mundo.

Agricultura e problemas relacionados.

Higiene.

História do Brasil.

Geografia do Brasil.

Cidades Brasileiras.

Históricos sobre habitação, alimentação, vestuário e transportes no Brasil — Os usos e costumes coloniais — elementos formadores do povo brasileiro.
Museus.
Técnicas de trabalho.
Sugestões de exercícios de verificação.
Assuntos variados.
Ilustrações.

III — OUTROS RECURSOS

Filmes e diafilmes.
Música.

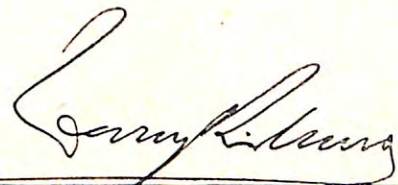
IV — BIBLIOGRAFIA NACIONAL CONSULTADA

V — BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA CONSULTADA

BIBLIOTECA DO PROFESSOR BRASILEIRO

Uma das medidas mais importantes do Programa de Emergência é aquela que tem em vista atender ao professor e à professora brasileiros, muito poucas vezes ajudados no sentido de melhor cumprir sua missão. Segundo nossos cálculos, cerca de 2 milhões de crianças estão sendo educadas neste momento, no Brasil, por professores que não têm sequer a 4.^a série primária. Aquêles que, mais felizes, conseguiram completar cursos normais, ressentem-se igualmente de deficiências na sua formação profissional, de falta de amparo e estímulo, ou de meios e materiais necessários à boa execução de sua nobre tarefa educacional. Essa é uma situação extremamente grave e que perdura há longos anos. Para fazer face a ela, Anísio Teixeira, à frente de um grupo de educadores, já tentava, em 1934, no Rio de Janeiro, realizar uma reforma do ensino, cuja pedra angular era o aperfeiçoamento técnico e profissional do magistério primário e o preparo de professores, do mais alto nível. A iniciativa mais importante tomada por Mestre Anísio foi a elaboração e edição de uma coleção de guias de orientação didática, posteriormente revistos e reeditados sempre sob sua direção. Esta coleção é que hoje tomamos para editar como BIBLIOTECA DO PROFESSOR BRASILEIRO, em tiragem que permite colocar nas mãos de cada professor e de cada professora do Brasil tão poderoso instrumento de trabalho. A B.P.B., que esperamos se amplie e enriqueça no futuro, compõe-se inicialmente das seguintes obras: ATLAS HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO — DICIONÁRIO ESCOLAR DO PROFESSOR (edições da Campanha Nacional do Material de Ensino) e 6 guias para o ensino de LINGUAGEM — MATEMÁTICA — ESTUDOS SOCIAIS — CIÊNCIAS — RECREAÇÃO E JOGOS e MÚSICA na escola primária.

Ao fazer esta doação aos professores de todo o Brasil, o Ministério da Educação e Cultura cumpre o seu dever básico de auxiliá-los no desempenho de sua alta função de formar os cidadãos brasileiros.



DARCY RIBEIRO
Ministro da Educação e Cultura

INTRODUÇÃO

Constitui este volume o primeiro de uma série de Guias de Ensino que o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos está preparando, para utilização de alunos-mestres e de professores primários. Encontra-se em fase final de organização o Guia para o ensino de Ciências, nos mesmos moldes, e quase terminada a preparação do 2.º volume do Guia para o ensino da Matemática, o 1.º dos quais já publicado sob o título "Ensinando Matemática a Crianças", que trata do ensino dessa disciplina no 1.º ano primário.

Além de indicar ao professor a linha geral de orientação da matéria nos vários anos escolares, e também os recursos para isso necessários, procurou-se, na presente publicação, incluir informações mais precisas sobre o conteúdo a desenvolver. Não com o intuito de conduzir os professores numa direção única — pois que o cunho pessoal dado pelo mestre ao seu trabalho é o que o torna, realmente, educativo — mas no de mostrar como se podem correlacionar os assuntos e as atividades sugeridas, no sentido de formarem um todo orgânico e significativo, que possa atingir objetivos amplos, e que seja de interesse para a criança.

Foi grande a preocupação de atender, de um lado, às necessidades infantis — não aos caprichos momentâneos, mas aos grandes interesses e necessidades de cada idade — que são as verdadeiras molas da ação e, conseqüentemente, da aprendizagem e, por outro lado, às necessidades sociais de um país em desenvolvimento.

Verão os professôres o empenho pôsto em que as crianças conheçam o Brasil, o seu Estado, a sua cidade, em seus problemas e em suas conquistas, e se capacitem das responsabilidades que lhes cabem de participar de empreendimentos que conduzam ao progresso individual e social.

Procurou-se fazê-lo levando as crianças a melhor se integrarem na sociedade em que vivem e a valorizar as tradições positivas e combater os preconceitos desfavoráveis contra o trabalho manual, a educação não acadêmica etc.

E, ainda, tentou-se desenvolver atitudes relativas ao trabalho em geral, ao estudo, à vida social e moral — atitudes de reflexão, de busca de esclarecimentos, responsabilidade, bom convívio social, cortesia, justiça, generosidade, iniciativa, objetividade — e habilidades, como as relativas ao uso de instrumentos de estudo, à pesquisa, ao trabalho em grupo etc.

Com êsse fim, são apresentadas, nesta publicação, amplas sugestões de participação de crianças em atividades globais que, por sua própria natureza de atenderem aos interesses básicos das crianças, tornam desnecessários recursos constantes para combater o desinterêsse infantil e são especialmente favoráveis ao desenvolvimento de atitudes.

Buscou-se dar aos professôres largos recursos bibliográficos, não só para seu aprimoramento profissional como, ainda, para leitura dos alunos, classificando essa bibliografia por assunto, para facilitar-lhes a utilização.

E, finalmente, incluíram-se no texto muitas indicações de conteúdo, nos aspectos relativos a conhecimentos que, possívelmente, muitos professôres não terão tido oportunidade de adquirir em seus cursos de formação, com a finalidade de evitar a necessidade de recorrer constantemente à nova bibliografia de Estudos Sociais, nem sempre acessível no local.

Nossa aspiração foi a de sermos, o mais possível, úteis ao professor, contribuindo assim para o aperfeiçoamento de nosso ensino primário, a que cabe tão grande responsa-

bilidade em país, como o nosso, no qual a metade da população não é sequer alfabetizada, e relativamente poucos possuem os instrumentos de conhecimento e de vida que se fazem necessários na época atual.

Oxalá tenhamos alcançado nossos objetivos.

Contamos, para isso, com uma Comissão dedicada, que não poupou esforços no sentido de desincumbir-se de sua missão: Josephina de Castro e Silva Gaudenzi, que orientou e coordenou o trabalho, encarregando-se, ainda, da redação do mesmo, exceto no que diz respeito a atividades sugeridas e à avaliação do rendimento do ensino; Maria do Carmo Marques Pinheiro e Maria da Glória Corrêa Lemos, a que couberam êsses capítulos, a pesquisa e resumo do material relativo ao conteúdo incluído no texto e o estudo e seleção da bibliografia para o professor e o aluno, a primeira no que se refere aos cinco anos escolares e a segunda aos quatro primeiros. Contamos, ainda, com o auxílio de Norma Fraga de Souza, que obteve material bibliográfico para o 5º ano de estudos.

Esperamos a colaboração do professorado, cujas sugestões e crítica preciosa virão permitir o preparo de publicações que possam auxiliá-lo, cada vez melhor, em sua importante tarefa.

PREFÁCIO

Os objetivos que nos moveram a organizar êste Guia de Estudos Sociais para o professor primário residem, principalmente, nas novas experiências de vida por que vêm passando nossas crianças e nas necessidades sociais da época presente.

O meio familiar se tem modificado, levando a criança, por vêzes, a participar de experiências nem sempre formadoras.

Ocorre, por isso, com certa freqüência um amadurecimento que se vai processando sem a aquisição básica de hábitos e atitudes convenientes.

Tanto o professor experimentado, como aquêle que se inicia reconhecem a existência do problema e procuram soluções adequadas na Psicologia Infantil e na Psicologia da Aprendizagem.

Com êste Guia, procuramos trazer nossa colaboração, enriquecida por realizações da Escola Guatemala, 1.º Centro Experimental de Educação Primária do ex-Distrito Federal e de outras instituições, como a Fazenda do Rosário, em Ibitité, Minas Gerais e a Escola de Aplicação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, da Bahia.

Procuramos fundamentar as atividades aqui sugeridas para cada ano escolar nos interêsses e necessidades da criança, ao mesmo tempo que as fazíamos decorrer de situações de vida que se iam tornando mais complexas, porém, em

estreita ligação com situações anteriores, de maneira a constituírem, os Estudos Sociais, um processamento global de vida.

Consideramos ainda as necessidades sociais que se vêm tornando cada vez mais complexas e mais urgentes, exigindo o domínio de instrumentos de ação, de conhecimento, de atitudes, de interesses e ideais para uma feliz integração do indivíduo a seu grupo.

No 1.º ano, mais do que conhecimentos a adquirir, preocuparam-nos as necessidades das crianças relativamente à vida de família e à formação e desenvolvimento de hábitos de bom convívio social e de trabalho, sem que nos descurássemos de uma gradativa e essencial aquisição de instrumentos de trabalho e estudo.

Levamos ainda a criança a valorizar as pessoas segundo o bom desempenho de suas tarefas no grupo social, preparando-a para a futura aquisição de uma escala de valores, o que é continuado nos anos seguintes e nos parece da maior importância.

Enfim, procuramos fazer da vida escolar a expressão dos interesses e necessidades da criança, de maneira a torná-la experiência realmente significativa e útil à sua vida futura.

No 2.º ano, demos relêvo à integração da criança à comunidade, levando-a a identificar-se com aquêles que com ela participam dos mesmos interesses, das mesmas dificuldades e do mesmo desejo de vencê-las, em benefício do bem-estar comum.

Levamo-la a valorizar o trabalho de maneira objetiva, na pessoa dos que servem à comunidade, emprestando a maior significação às profissões modestas, e conduzindo a criança a verificar que é o cumprimento exato de suas atribuições que confere dignidade aos membros do grupo social. Isso sem prejuízo de uma compreensão mais larga e humana quanto ao devotamento ao trabalho e às causas comuns. O que resulta no objetivo importante de estimular a criança no sentido de sua contribuição presente e futura à vida comunal.

Iniciamos ainda o estudo das relações entre os aspectos geográficos e as formas de vida, ao mesmo tempo que procurávamos ir criando, para a criança, atmosfera de respeito ao passado, preparando a formação do conceito de História.

Aliás, cabe aqui esclarecer que a aprendizagem da História se inicia, propriamente, no 4.º ano, quando a criança vai amadurecendo para a conceituação de tempo histórico. A noção de tempo vai sendo adquirida aos poucos, desde o 1.º ano, tendo mesmo constituído uma de nossas preocupações constantes, por ser de gradativa apreensão, pela criança, dificultando sobremodo o curso de História na escola primária.

No 3.º ano ampliou-se o sentido de comunidade e vizinhança, levando-se a criança a situar a cidade no estado, e êste no país, de maneira a apreender a Comunidade Nacional.

Procurou-se ainda levar a criança a tomar contacto com novas formas de vida, de modo a compreendê-las e valorizá-las pela comparação de seus aspectos sociais diferentes, mas igualmente importantes. O que a levaria ainda a apreciar com maior objetividade os aspectos de interdependência e inter-relação.

Deu-se o maior relêvo ao aproveitamento dos recursos naturais pelo homem, no sentido da melhoria de condições de vida, daí resultando a valorização da terra como recurso básico do homem.

A criança foi conduzida a iniciar a apreciação da experiência brasileira no sentido da adaptação e melhoria de condições de vida, ao mesmo tempo que condicionava a conservação e recuperação do solo ao uso inteligente que dêle se deve fazer.

Foram desenvolvidas, no 3.º ano, com especial ênfase, a iniciativa pessoal e o espírito de grupo.

Foram, assim, relacionados, o homem, o trabalho e o atendimento às necessidades de vida, ao mesmo tempo que se iniciava a criança no progresso das técnicas de trabalho.

No 3.º ano há a preocupação de que a criança adquira instrumentos de trabalho mais específicos, como o domínio da leitura de globos e mapas, dentre outros.

No 4.º ano de Estudos Sociais, através das experiências de aprendizagem que se vêm processando nos anos anteriores, com base, portanto, nas relações entre o homem e seu ambiente físico, e nas lições do passado, procuramos proporcionar à criança condições de maior integração à realidade brasileira. Para isso, consideramos necessário compreender, a

criança, nossos processos de povoamento e colonização. O conhecimento da maneira por que se foi efetuando o povoamento de nossa terra, e dos processos de colonização — como, por exemplo, o aspecto peculiar de que se revestiu o interesse de Portugal pelo Brasil — levam à assimilação, pela criança, de nossos fundamentos econômicos e sociais, embora não constituindo, êstes, objetivos imediatos.

A criança, no 4.º ano, verá desenrolar-se a seus olhos todo o processo de formação de uma nacionalidade; é um momento de grande importância, pelo qual é responsável a escola primária.

Não serão fatos justapostos — o descobrimento, as expedições exploradoras, as capitânicas hereditárias etc. — que darão à criança consciência da formação da comunidade a que ela pertence, e que é o resultado da ação contínua e coletiva das gerações passadas; nem tampouco será êsse conhecimento suficiente para fazê-la reconhecer o sentido de nacionalidade e o espírito de unidade que inspiraram essas gerações umas em relação às outras, e que irão agora guiar seus próprios atos no sentido de preservar e transmitir sua herança.

E' preciso tomar consciência da natureza e importância dessa herança, e situá-la em seu meio geográfico e em sua época, a fim de compreendê-la como patrimônio da humanidade.

E' preciso que a criança tome consciência dos fatos como processos de vida, os últimos interferindo em sua própria experiência.

Procuramos ainda estimular a curiosidade infantil no que concerne às etnias imigradas, com o principal objetivo de estreitar os laços de amizade entre os brasileiros natos e os nascidos em outras terras, mas aqui emprestando o concurso de sua experiência anterior.

Quanto aos demais aspectos de nossa História Pátria, apresentamo-los de maneira sucinta, embora dentro da orientação metodológica dêste Guia, por constituírem assunto a que o professor sempre emprestou a devida significação, e que facilmente se encontram sistematizados. Queremos apenas lembrar o seguinte:

— as datas devem constituir, para a criança, verdadeiros marcos que as auxiliem a perceber a sucessão de acontecimentos que importam em transformação, em mudança, e que assinalem os períodos de nossa História, situando-os ainda no século, em sincronia com os demais acontecimentos universais

— os grandes vultos de nossa História surgem através dêsses acontecimentos e devem representar, para a criança, exemplo e estímulo.

Ainda no 4.º ano chamamos atenção do professor para o especial relêvo dado ao trabalho de equipe e à pesquisa.

E, por fim, para a apresentação, à criança, de possibilidades futuras, em consonância com suas inclinações e aptidões, favorecendo o conhecimento das necessidades atuais de ordem técnica, e dos cursos de formação profissional que atendem a essas necessidades, principalmente agora, quando o País mobiliza suas forças para o desenvolvimento.

Devemos ainda acrescentar que, no 4.º ano, a criança compreende o mecanismo dos processos democráticos através do que vem realizando e das atitudes que vem assumindo, desde o 1.º ano.

No 5.º ano de Estudos Sociais, procurou-se desenvolver, na criança, melhor compreensão das condições atuais de vida no país, levando-a a aceitar com objetividade as deficiências, e mesmo a considerá-las do ponto-de-vista de estímulo à capacidade de trabalho e recuperação do brasileiro.

Procuramos ainda dar maior ênfase às medidas de Higiene e Saúde que vêm sendo observadas desde o 1.º ano que mais se valorizam, agora, pelo conhecimento das medidas de saneamento que influem diretamente na vida do país.

Iniciamos ainda a criança na observância de práticas que a levam à compreensão:

— do dever de colaborar com o Governo Federal, Estadual ou Municipal nas medidas em prol do desenvolvimento

— de que a permanência dos efeitos positivos dessas medidas depende

da valorização, pelo povo, dos objetivos visados

da utilização e conservação, pelo povo, dos benefícios que daí decorrem.

Levamos a criança a reconhecer a importância, para a vida do País, do respeito à Constituição, ao mesmo tempo que a conduzimos a verificar as tradições pacifistas e de solidariedade que distinguem nossas relações com os demais países.

Ajudamos a criança a pensar em termos internacionais relativamente ao intercâmbio de idéias e recursos.

E, por fim, procuramos emprestar a devida importância à fase de industrialização a que o País se encaminha, procurando estimular os alunos no sentido da preparação técnica, o que confere à Educação o papel que atualmente desempenha.

de acôrdo, aliás, com o consenso universal de investimento seguro para o progresso do País e das Nações em geral.

Apresentamos, ainda, sugestões sôbre a avaliação do rendimento escolar — o que, importando em avaliação, pelo professor, de seu próprio trabalho, qualitativa e quantitativamente, dá-lhe ensejo a constante aperfeiçoamento.

Procuramos contribuir com pequenos exemplos que evidenciam a necessidade de meios objetivos de avaliação, e mesmo o de uma avaliação organizada e contínua, incluindo, o mais possível, a participação da criança.

Queremos deixar aqui nosso agradecimento, em primeiro lugar, a D. Lúcia Marques Pinheiro, Diretora da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério, a cujo estímulo e crítica elevada e construtiva devemos a realização deste trabalho e o sentido de constante aperfeiçoamento a que fomos levadas dentro de nossas possibilidades, e ainda à Secção de Bibliografia do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, principalmente à sua Dirigente Sra. Regina Helena Tavares, pela adaptação da bibliografia às normas vigentes e aos Professôres Delgado de Carvalho, Francisco da Gama Lima e Guy de Hollanda pela leitura deste trabalho e valiosa opinião a respeito.

Desejamos ainda externar vivo agradecimento à dedicação e à competência de nossas colaboradoras, companheiras de trabalho infatigáveis.

JOSEPHINA DE CASTRO E SILVA GAUDENZI

1.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

A CRIANÇA EM SEU NÓVO AMBIENTE.

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 1º ANO

Objetivos — hábitos, atitudes, conhecimentos

1) Levar a criança a um comportamento adequado no grupo familiar e na escola, pela compreensão do que seja comportamento socialmente desejável, e pela valorização do indivíduo como membro importante do grupo a que pertence.

2) Levá-la a adquirir informações que constituam instrumentos de valor para sua integração social presente e futura.

3) Promover a valorização, pela criança, de fatos e homens de interesse histórico e a aquisição de noções básicas para a formação do conceito de História.

A) No decorrer do 1.º ano de estudos, as crianças devem apresentar, dentro de suas possibilidades, desenvolvimento nas seguintes apreciações e atitudes que se irão formando em todo o período escolar:

— valorização das atividades desenvolvidas por aqueles que a cercam, no sentido do bem-estar do grupo (família e escola)

— necessidade de ação continuada dirigida para os objetivos a alcançar

— respeito aos mais velhos e aos mais capazes

— cooperação e solidariedade

— respeito ao direito alheio

— domínio de si mesma

— cortesia no trato social

— responsabilidade na defesa da saúde

— importância da alimentação sadia

— necessidade de vestuário adequado

- conveniência de um ambiente de ordem e asseio
- bom-gosto e aproveitamento adequado do espaço no arranjo dos ambientes

B) Devem igualmente formar bons hábitos e desenvolver capacidades relativamente a:

- perseverança no trabalho
- polidez na escola e em casa
- assiduidade e pontualidade
- saúde, asseio e precaução
- cuidado com as roupas e objetos de uso pessoal
- uso conveniente do material
- economia do material escolar e de tempo
- uso de instrumentos tais como agulha, tesoura, e de materiais como argila, cola, papel, pano, plastilina etc.

C) Devem finalmente adquirir conhecimentos e informações relativamente a:

— *noção de autoridade: posição da criança relativamente aos pais, professores, diretor, irmãos, outras pessoas da família e empregados*

— *fatos geográficos (relêvo e paisagem vegetal) e fenômenos naturais: o dia e a noite; luz e sombra; sol pela manhã e à tarde — nascente e poente; o sol como fonte de luz e calor; calor e frio; temperatura; dias claros e dias nublados — bom e mau tempo; as nuvens e a chuva; o vento e seus efeitos; a lua e as estrelas; iluminação natural e artificial*

— *localização da casa do aluno e da escola, situação de uma em relação à outra, o caminho percorrido pelo aluno, meios de transporte observados*

— *planificação (planta simples da sala de aula e das dependências de uma casa); gráficos*

— *preparação para a formação de conceitos históricos (presente, passado, futuro)*

— *reconhecimento da Bandeira Brasileira e do Hino Nacional.*

Capítulo 2

A CRIANÇA EM SEU NÓVO AMBIENTE

No 1.º ano escolar faz-se necessário dar à criança condições que lhe permitam não só o convívio com um grupo social mais amplo, como também a compreensão de que tôdas as pessoas têm um papel a desempenhar nesse grupo, e que o valor de cada uma dessas pessoas e o lugar de importância que ocupa no grupo dependem das tarefas que lhes cabe desempenhar e da maneira como o realizam — o que a levará a compreender e valorizar a *hierarquia familiar e escolar*.

À vida na escola continuará de certo modo a vida em família, mas a ela trará elementos diversos; a nova experiência da criança assentará, pois, sobre os mesmos interesses que lhe enchem a vida no lar e sobre outros ainda, igualmente próprios de sua idade e que as situações de aprendizagem façam surgir. Ter-se-á propiciado à criança o devido incentivo para a aprendizagem, ligando a ação escolar a seus interesses e lhe proporcionando acolhida simpática e compreensiva. Devemos ter presente que os primeiros contactos da criança com a vida escolar influenciarão de maneira marcante, e por largo tempo, sua atitude para com a escola.

a) Condições que favorecem a ambientação

A fim de que a ambientação da criança se processe de maneira favorável, a professora deverá atender às características que a distinguem nessa fase de iniciação escolar.

“A criança de 7 anos é ativa, gosta de experiências novas e, principalmente, das que lhe permitem movimentar-se; por outro lado aprecia trabalhos calmos, por exemplo, escrever, desenhar, recortar, e sente prazer em repeti-los várias vezes.

(Assim, o ouvir uma narrativa, realizar um tipo de jôgo ou exercício).

São motivos de atração, nesse período, os assuntos que se referem a animais, circo, jardim zoológico, histórias (de animais, de vida cotidiana, maravilhosas), brinquedos e jogos, dramatizações, cinema, teatrinhos, canções, desenhos, pintura, festas. Demonstra ela também grande empenho por organizar albuns e livrinhos, ornamentar a sala, construir casa, fazer coleções para utilizá-las nos momentos que deseja" (1).

Esses interesses da idade e as novas e variadas experiências que a escola oferece devem harmonizar-se de maneira a proporcionar situação favorável de aprendizagem.

Entretanto, a escola é, para a criança, um ambiente novo, cujas regras ela desconhece. Isso lhe afeta, de certo modo, a espontaneidade. Ela precisa então sentir-se atraída para as tarefas que lhe cabem, o que se dará naturalmente se essas tarefas atenderem aos interesses da idade e forem compatíveis com seus meios de ação e recursos próprios.

Dêsse intento, e da necessidade ainda de desenvolver sua coordenação sensório-motriz deve resultar o aproveitamento da habilidade manual da criança através do que ela sabe ou pode fazer, o que lhe traz a satisfação imediata de algo realizado com seu próprio esforço.

Constituem, pois, condições favoráveis de ambientação, as realizações da criança.

A professora procurará, assim, criar novas oportunidades de desenvolver na criança habilidades e recursos naturais, dando à sua atividade direção adequada e fazendo-a sentir-se feliz em seu novo ambiente.

O ajustamento do aluno far-se-á, portanto, através do alargamento de sua própria experiência e da aquisição de novas e adequadas formas de convivência — o que importa na socialização da criança.

b) Aquisição de hábitos e atitudes convenientes

Por largo espaço de tempo, diariamente, a criança fará parte de um novo grupo. Novas regras de conduta ser-lhe-ão necessárias no interesse da harmonia do grupo. Será preciso integrar-se nesse grupo, isto é, partilhar com as demais crianças das mesmas oportunidades de brinquedo e de trabalho.

(1) "Ensinando Matemática a Crianças" — Guia para o professor de 1.º ano — Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais — Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — 1960.

Deverá a professora ter em vista a necessidade de levá-la a compreender o porquê dessas novas regras de conduta. Atitudes e hábitos convenientes serão facilmente adquiridos se a criança sentir sua razão de ser de maneira natural, nas relações com o grupo. A criança gosta de experiências novas, e a novas experiências correspondem naturalmente novas atitudes e hábitos. O que se torna difícil é, mais tarde, mudar atitudes já assumidas no ambiente escolar.

Para isso é importante agir com serenidade e procurar, com as crianças, ir fixando as razões especiais da conduta que se deseja desenvolver, o que se fará por exemplo, por meio de um cartaz. Assim:

"Para trabalhar bem, precisamos:

- 1) Esperar a vez de falar para que todos sejam ouvidos
- 2) Levar os trabalhos até o fim
- 3) Ter cortesia para com todos"

O simples ato de cortesia não só de parte da criança, mas e principalmente, de parte da professora, concorre para a obtenção de bons resultados em qualquer das atividades empreendidas.

De igual modo, o esforço individual deverá ser valorizado. É preciso fazer sentir à criança que o êxito é sempre o resultado de um esforço e, por vezes, de um grande esforço, mas que os resultados são compensadores. A criança irá percebendo, então, que dispõe agora de mais recursos e que mais facilmente resolve as novas situações que se lhe deparam.

c) Dificuldades de ambientação

É preciso levar em conta, entretanto, que a criança que freqüenta a escola primária está, muitas vezes, pouco ou mal ajustada no que concerne à vida social. Por vezes, pertença ou não a uma família regularmente constituída, carece de afeição e carinho; desconhece mesmo, por motivos vários, o que seja assistência materna e, principalmente, paterna, estando sujeita a influências nem sempre benéficas. De outras vezes, é excessivamente protegida ou está exposta a influências contraditórias, o que dificulta a formação de bons padrões de conduta.

Condições deficitárias de saúde têm igualmente consequências negativas sobre o nível do desenvolvimento social alcançado.

Torna-se mais difícil, então, ajustá-la a um ambiente novo e a novas formas de convivência.

As condições de socialização das crianças dependem, portanto, de tôdas essas situações, acrescidas da eventualidade de terem ou não as crianças companhias infantis, haverem ou não freqüentado o Jardim de Infância etc. Dêsse modo, a professora necessita, por vêzes, para uma ação eficaz, da colaboração efetiva do médico e da assistente social; *na maioria dos casos, porém, sua ação esclarecida pode vencer qualquer dificuldade.*

Cabe à escola, por vêzes, uma bela tarefa de reajustamento da criança a seu grupo familiar, ao lado do ajustamento a ambiente mais amplo e mais rico de novas e sugestivas experiências.

Para êsse fim, a professora precisa agir com prudência no que concerne às dificuldades que encontra relativamente à atitude da criança.

d) Colaboração entre pais e professores

De modo geral, o necessário entendimento entre os pais e a professora resolverá, de maneira simples, muitos dêsses problemas de conduta, se a professora levar em consideração as seguintes condições:

— evitar queixas a respeito da atitude das crianças, pois, essas queixas poderiam levar os pais a castigar os filhos, o que retardaria o processo de adaptação;

— procurar entender a mentalidade dos pais, seus padrões, as condições em que vivem, a fim de melhor compreender a criança;

— levar os pais a reconhecerem a necessidade de dar padrões claros e adequados de conduta à criança não por mera coação autoritária, mas pela compreensão da justeza dêsses padrões de conduta, e a valorizar o esforço da criança;

— esclarecer os pais sôbre algumas medidas a tomar, mostrando-lhes que cada criança tem necessidades e interesses próprios que devem ser atendidos de maneira adequada, e entre os quais avulta o de brincar.

Entretanto, não pode a professora esperar obter da criança, mal conduzida até então, o pronto atendimento às novas exigências do meio. Êsse atendimento é favorecido quando há continuidade entre o ambiente em que a criança sempre viveu e o nôvo meio que vem enriquecer agora suas experiências. E essa continuidade, quando não existe, só pode ser estabelecida através do conhecimento, por parte da professora, dos pais ou responsáveis pela criança. Uma reunião com os pais de alunos, logo no início do ano, será de grande auxílio: a

professôra dirá de seus objetivos e o mais concretamente possível dará idéia dos meios que pretende empregar, e mostrará a importância de ação semelhante por parte da família, sem o que os padrões dificilmente se consolidarão. A propósito de querer a professora conhecer melhor a criança e informar os pais sôbre seus progressos, seguir-se-á entrevista pessoal de uma hora mais ou menos, em que a professora procurará conhecer — já aí em face das dificuldades encontradas — as causas que as determinaram (disciplina férrea, ausência de padrões, falta de atenção à criança, influência em conflito etc.).

Em certos casos, uma visita amiga à família da criança, por ocasião de um aniversário, de uma doença da criança, ou mesmo para pedir colaboração a atividades de classe, favorecerá o necessário conhecimento do ambiente em que vive a criança.

Se o resultado dêsse conhecimento fôr positivo, a continuidade de ação irá conduzindo a criança ao desejável ajustamento.

Se o resultado fôr negativo, far-se-á necessário atrair a criança de modo especial para o ambiente de classe, despertar-lhe a simpatia e boa-vontade para com a escola, dar-lhe condições de bem-estar. E nunca exigir muito, demasiado rapidamente. O fator tempo terá aí um grande papel. De qualquer modo, a situação de ingresso na vida escolar aos seis ou sete anos é grandemente favorável à obtenção de bons resultados.

Conseguindo interessar a criança através da expressão de suas necessidades próprias, levando-a a trabalhar em ritmo estimulador, agindo com serenidade, perseverança, a professora obterá resultados realmente animadores.

É necessário ocupar a criança a todos os momentos, valorizar o resultado de seus esforços, mesmo incipiente, incentivar-lhe os movimentos de simpatia e aprêço pelos colegas e pela escola; mostrar-se familiarizada com suas ocupações, seus trabalhos em casa, porque os terá, por vêzes, e bastante árduos, atender-lhe às preferências e aptidões na medida do possível e sem constrangimento para os demais. E, principalmente, evitar situações de exceção que focalizem a criança, e ter sempre em vista a situação de cada criança para uma ação individual adequada.

Se a professora agir discretamente, com simpatia e naturalidade, as demais crianças agirão do mesmo modo e trarão aos poucos, para seu convívio, o colega arredio e difícil.

A criança que precisa de assistência maior da professora, no sentido de sua formação social, não é a turbulenta que exterioriza seus problemas, mas a tímida que muitas vêzes

tem desajustamentos mais sérios. Deve a professora procurar inculcá-lhe, pela valorização do que realiza, o necessário sentimento de segurança e ao mesmo tempo atraí-la para atividades simples de expressão em que tenha participação crescente — o que lhe permitirá vencer suas barreiras (dramatizações em que nada diga, depois fale com máscara, teatro de fantoches etc.).

Dêse modo, se a experiência de casa não contribuir para as novas situações de vida na escola, a nova experiência na escola, assim conduzida, trará a melhoria de conduta pela satisfação que a atividade integral traz à criança.

As oportunidades de ação e de convívio agradável que a escola oferece concorrem para estabelecer entre as crianças e a professora laços de simpatia que contribuirão para levar às formas desejadas de conduta.

Aliás, os laços de simpatia e amizade são os que concorrem de maneira definitiva para a ambientação da criança. E o fortalecimento desses laços de simpatia e solidariedade dependerá, em grande parte, da ação conjunta da escola e da família.

Dáí o tornar-se natural, e ao mesmo tempo profundamente significativo, que as atividades da criança no primeiro ano escolar, encontrem sua força, sua inspiração e motivo, *no lar e na escola.*

Capítulo 3

AÇÃO DA ESCOLA

No 1.º ano, mais do que conhecimentos, procurar-se-á dar às crianças hábitos e atitudes que lhes permitam convivência agradável, feliz, produtiva, do que resultará, evidentemente, a compreensão de que há necessidade de regras de conduta e de que todos têm o dever de cumpri-las, aprimorá-las e ajudar a cumpri-las;

— os conhecimentos a adquirir serão o mais possível de caráter prático, de maneira a lhes reconhecerem, as crianças, interesse imediato;

— através das atribuições das pessoas que convivem com as crianças no lar e na escola, e concorrem ou devem concorrer para o seu bem-estar, far-se-á a necessária distinção entre as atividades e responsabilidades dos indivíduos, e o respectivo escalonamento hierárquico, a fim de levar as crianças não só à noção de *autoridade* e *convergência de ação* no sentido de um único e elevado objetivo, como também à necessidade de colaborar com essas pessoas, no sentido de lhes tornar agradável e mais fácil, a tarefa.

Em atendimento aos objetivos do 1.º ano de Estudos Sociais, a ação da escola far-se-á no sentido de satisfazer o seguinte programa de trabalho:

— atender às necessidades da criança em relação à vida de família;

— formar e desenvolver hábitos de bom convívio social e de trabalho;

— levar a criança a exercer sua capacidade de observação;

— iniciar a criança na aquisição de instrumentos de trabalho e estudo;

— valorizar fatos e homens de interesse histórico e levar à aquisição de noções básicas para a formação do conceito de História.

1) ATENÇÃO ÀS NECESSIDADES DA CRIANÇA RELATIVAMENTE À VIDA EM FAMÍLIA

Deve o professor tomar conhecimento do ambiente de família da criança, de maneira discreta e hábil, através dos seguintes recursos:

- *observação* das reações da criança durante as atividades normais de classe;
- *conversação dirigida*, procurando levar a criança a participar, com naturalidade, de conversas hábilmente conduzidas para as relações de família;
- *dramatização* de cenas familiares: a hora do almoço, da merenda ou do jantar, a saída para a escola, o banho ou a alimentação do bebê, o regresso da escola, a visita do médico, a chegada do papai etc.;
- *brincadeira de "família"*, deixando-se às crianças a iniciativa das situações criadas;
- *entrevistas* com membros da família da criança;
- *visitas* aos alunos.

Conhecidas as necessidades das crianças e as condições de ambiente familiar, a professora procurará estabelecer a necessária ligação entre a escola e a família.

Se as deficiências observadas provierem desta última, a escola procurará agir discretamente, porém com a autoridade que lhe confere seu lugar na comunidade, inclusive alertando, quando fôr o caso, o serviço de *assistência social*, se existir, e que deverá colaborar estreitamente com a escola.

No que diz respeito à criança, será da maior importância o ambiente de simpatia, compreensão, interêsse pelo trabalho criado em classe; além disso a professora agirá lançando mão das *dramatizações*, da *brincadeira de família*, da *conversação dirigida*, enfim, dos próprios recursos que revelaram a situação da criança, e, ainda, de *narrações* e *leituras* de caráter recreativo e, ao mesmo tempo, de formação etc.

Nada se dirá relativamente às deficiências notadas; apenas, procurar-se-á que sejam vividos pelas crianças na escola os aspectos positivos da vida em família. Assim, as crianças terão oportunidade de ver ressaltados sempre a cordialidade e o respeito para com os pais ou responsáveis, irmãos mais velhos, parentes.

As pessoas que servem à família, como empregados e agregados, serão igualmente lembradas às crianças, procurando a professora conduzi-las no sentido de conceder tratamento adequado a essas pessoas que, concorrendo para o bem-estar do grupo familiar, ganham honestamente os recursos de que necessitam para viver.

Será acentuada, nas diferentes situações acima criadas, a responsabilidade de cada um dos membros da família, chegando-se à conclusão de que os componentes de uma família trabalham juntos e auxiliam-se mutuamente.

Mostrar-se-á às crianças, através dessas mesmas situações criadas nas brincadeiras de família e de pequenos recursos especialmente as famílias numerosas e de dramatizações, que especializam do auxílio e boa-vontade de todos os seus componentes.

Do mesmo modo, far-se-á compreender a necessidade de cuidar dos bens da família, mantendo em ordem e conservando o que lhes pertence.

Enfim, levar à compreensão de que o bem-estar e o progresso da família dependem da ação de cada um nesse sentido, e da união de todos pelos laços de solidariedade.

2) FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE HÁBITOS DE BOM CONVÍVIO SOCIAL E DE TRABALHO

Precisar-se-á formar e desenvolver, na criança, de maneira natural e através dos contactos diários, os seguintes hábitos de convívio social e de trabalho, indispensáveis à felicidade e harmonia do grupo e ao bem-estar individual:

- bons hábitos de higiene e alimentação
- cortesia para com todos: saber ouvir, esperar a vez de falar, pedir a palavra de maneira discreta (levantar a mão) etc.
- respeito aos mais velhos e aos mais capazes
- respeito ao direito alheio
- cooperação e solidariedade
- tolerância
- domínio de si mesma
- perseverança
- assiduidade e pontualidade
- economia do material escolar e de tempo
- cuidado com a roupa e objetos de uso pessoal
- uso conveniente do material.

a) Hábitos de higiene; o aprêço à saúde física

O aprêço à saúde física, às pequenas regras de asseio e o dever que temos de não transmitir doenças serão apreendidos principalmente nos contactos diários.

A solicitude pelas crianças, por exemplo, em um dia de chuva forte e inesperada, as providências tomadas para resguardá-las, valerão mais, sem dúvida, que conselhos e explicações, já que evidenciam a importância da própria saúde e o apreço que esta merece dos demais.

Interessante seria, por exemplo, que, em consequência da solicitude da professora, e mesmo de sugestões oportunas, as crianças viessem a sentir a necessidade de ter, na escola, um par de sapatos velhos ou um par de meias e palmilhas de material plástico feitas por elas mesmas.

É importante, porém, que a professora mostre às crianças que essas providências constituem medidas de emergência, e não excluam de modo algum o guarda-chuva e a capa, se possível, quando houver prenúncios de chuva. Forrar os sapatos com jornal, por exemplo, é medida aconselhável desde que as crianças não possuam galochas ou botas de borracha.

Será ótima oportunidade para a professora conduzi-las a observar melhor as condições do tempo, registrando-as em gráficos que poderão, inclusive, conter indicações quanto à adequação do vestuário (ver registros de fenômenos atmosféricos a pág. 45).

Estando a professora gripada, o manter-se à distância das crianças e informá-las de maneira natural do motivo por que não se aproxima é mostrar-lhes, de modo eficaz, o dever que todos têm de não transmitir doenças e de evitar contágio. O uso de lenço ao tossir constituirá exemplo de fácil imitação. Nas épocas de maior incidência de resfriados, a professora deve aconselhar o uso de frutas cítricas e gargarejos de água e sal, por exemplo, em caráter preventivo.

Perceber quando uma criança não se sente bem, conversar com ela, providenciar para que seja atendida da melhor maneira possível pelo médico, demonstrando interesse e nenhum aborrecimento, por mais que isso interfira no trabalho escolar, é de grande importância. Como o é, igualmente, mostrar interesse pela criança enfêrma, perguntando por ela logo ao entrar na sala de aula, ou transmitindo aos alunos as notícias que porventura haja recebido. Será interessante visitar a criança ou, não sendo isso possível, mandar lembranças ou um recado de caráter pessoal sobre as atividades escolares, por exemplo.

Em caso de doença demorada e contagiosa, mostrar, de maneira franca e simples, a conveniência e mesmo o dever de evitar o contágio, procurando, porém, fazer chegar à criança

enfêrma a certeza do carinho e solicitude dos colegas. Recordar o colega ausente sempre que houver oportunidade, principalmente durante as atividades em que este costuma sobressair.

Cabem ainda, aqui, as precauções a tomar quando as crianças brincam e trabalham, como a escolha do local adequado, a posição correta na carteira, as regras de higiene pessoal, a boa alimentação, a prática da vacina e a submissão a exames médico e dentário periódicos, tôdas realizadas com a compreensão de suas razões.

Embora devam ter sentido predominantemente prático as atividades ligadas à educação da saúde, a organização de álbuns e as dramatizações contribuem para seu maior êxito.

A divulgação de conselhos do Serviço Nacional de Educação Sanitária (S.N.E.S.), pequenas campanhas, como a da importância do sol e do ar puro para a saúde, a da conveniência do uso do lenço, a de fiscalização de ralos etc., levam a criança a colaborar no sentido da melhoria das condições de higiene na escola e no lar.

Far-se-á comemoração condigna do "Dia Mundial da Saúde", que é o dia sete de abril. Poderá ser apresentada uma dramatização ou iniciada uma campanha, por exemplo.

No que diz respeito à *higiene da alimentação*:

— zelar pela boa qualidade da merenda escolar, de maneira que esta se torne elemento de bons hábitos nesse sentido;

— contribuir para que a merenda escolar aproveite, de preferência, os produtos da região, de maneira que a criança valorize os alimentos de mais fácil aquisição;

— mostrar o acerto da preferência pelos produtos da estação, o que importa em abundância e economia;

— organizar cardápios simples com êsses produtos, de maneira a estimular o seu aproveitamento;

— incentivar o consumo de frutas, verduras e legumes cultivados em casa;

— levar as crianças a organizar, na escola, uma pequena refeição, merenda por exemplo, a ser oferecida aos pais, a fim de lhes mostrar a possibilidade da alimentação adequada com pequenos recursos (mesmo não havendo, para isso, meios especiais). A merenda poderá constar de sanduiches de alface e tomate cultivados na escola e refrescos de limão;

— desenvolver, enfim, bons hábitos de alimentação na escola, sem se descuidar da situação em casa do aluno, pro-

curando interessar os pais ou responsáveis nessa modificação e no desenvolvimento de hábitos em prol da saúde.

Para aquilatar do resultado dêsse trabalho basta a simples observação da merenda trazida de casa pela criança.

b) Outros hábitos de bom convívio social; hábitos de trabalho

Em seus contactos diários com a professora e os colegas, as crianças revelam interesses que auxiliam e orientam a professora relativamente à sua ação no sentido do bem-estar e harmonia.

Essas manifestações espontâneas, embora de inestimável valor para a professora, não satisfazem em relação aos fins em vista; faz-se necessário também criar situações em que os interesses se manifestem e possam ser conduzidos no sentido da formação e desenvolvimento, não só de hábitos e atitudes sociais que tornem mais harmoniosa e eficiente a vida, como especialmente de hábitos de trabalho.

Dêsse modo, procurar-se-á conduzir o interesse da criança para atividades que, satisfazendo aos objetivos acima, permitam adquira a criança conhecimentos úteis.

Aproveitando, por exemplo, os momentos em que conversa com a criança, a professora poderá sugerir, ou, mesmo, propor as atividades programadas. No primeiro caso, e se o faz com habilidade e de maneira natural, as próprias crianças solicitam a atividade, que lhes desperta interesse e desejo de ação.

Aproveitando ainda a espontaneidade com que as crianças se manifestam, a professora terá o cuidado de fazê-las compreender que há *limitações* impostas pela necessidade de atender aos interesses comuns, o que leva à boa aceitação, e aceitação consciente, das regras de conduta. Dessa compreensão surgirá mesmo a necessidade de *organização* em qualquer atividade e de curtas regras que o grupo fixa. É interessante que as próprias crianças descubram essas regras.

Devemos lembrar ainda que as atividades das crianças devem ser levadas ao término, a fim de que se lhes desenvolva o hábito de perseverar no trabalho até concluí-lo.

Se a professora aproveitar devidamente as atividades intencionais das crianças e com elas realizar o que fôr pla-

nejado, e chegar ainda, com as crianças, a uma apreciação final do trabalho em função dos meios e esforços empregados, esse objetivo terá sido bem atendido e se iniciará o desenvolvimento do hábito importante de ação reflexiva e crítica.

Exemplificando:

Através de uma conversa sobre as personagens da leitura de classe, por exemplo, procurar despertar o interesse pela construção de uma casa (que poderá ser também a casa de uma boneca trazida à turma).

Sendo o assunto de real interesse para a criança, tanto meninos quanto meninas, pelos aspectos variados que apresenta, ela talvez proponha a construção da casa. Se, entretanto, a turma não reagir como se esperava, a professora poderá, ela própria, sugerir a atividade, verificando naturalmente a reação das crianças. Caso seja esta favorável à execução da atividade, traçando com as crianças o plano da construção, terá oportunidade de desenvolver hábitos sociais convenientes, como:

— domínio de si mesma — aguardando a criança a vez de opinar sobre o assunto, aceitando para posterior discussão os pontos-de-vista dos colegas, sem rejeitá-los de imediato;

— respeito ao direito alheio — desde que a criança atenda ao item anterior, estará respeitando o direito alheio;

— hábito de cortesia — embora os hábitos anteriores importem em hábitos de cortesia na vida social, haverá situações em que ressalte a cortesia de uma criança para com outra, como no caso em que um menino ceda a vez de falar à menina que demonstrou desejo de fazê-lo ao mesmo tempo que ele;

— hábitos de cooperação — desde que as crianças manifestem desejo de cooperar, trazendo cada uma sua contribuição em material, poderá a turma construir a casa com material melhor e mais difícil de obter (casa feita de cartolina ou papelão em lugar de caixas de fósforo, por exemplo);

— hábitos de tolerância — procurar-se-á inculcar nas crianças, durante a discussão dos trabalhos, hábitos de tolerância e simpatia para com os enganos, erros, opiniões absurdas dos colegas, evitando assim a agressividade com que em geral são apontados os erros e enganos.

Esses hábitos e atitudes serão observados ainda mais facilmente durante a execução do trabalho (como aliás nos momentos de expandir-se a criança em brincadeiras).

Assim, insistimos:

— sempre que uma criança compreenda que seus colegas têm direito de tomar parte no trabalho que ela gostaria de fazer sozinho, estará *respeitando o direito alheio* e mostrando que logrou o domínio de si mesma, o que se faz mais evidente quando uma criança bem dotada manualmente, ou com mais prática no assunto, e desejosa de fazer o trabalho, apenas auxilia o colega, dando conselhos simples para um melhor resultado.

Do mesmo modo se evidenciam, então, a *cortesia* e os hábitos de *tolerância* e *simpatia* que merecem os colegas.

Enfim, quando a criança está planejando, executando e apreciando os resultados, está igualmente desenvolvendo *hábitos de trabalho*, de reflexão, de planejamento e, ao mesmo tempo, de *boa convivência*.

EXERCÍCIOS DE OBSERVAÇÃO

a) Na sala de aula e na escola, em geral

Serão observados o *mobiliário* e os *objetos que guardam a sala de aula* e, à proporção que o ensino da Matemática o permitir, será feita a avaliação quantitativa desses objetos e mobiliário, dando-se, ao mesmo tempo, especial relêvo à sua *colocação* na sala de aula:

— a professora procurará interessar as crianças pelo aspecto cuidado da sala e, mais do que isso, pelo *aspecto de bom gosto*, iniciando a necessária educação estética da criança; daí resultará, com certeza, não só o desejo de conservar os objetos e mobiliário que guardam a sala, mas também o de mantê-la limpa e agradável à vista, o que terá repercussão na própria casa do aluno;

— quando a criança já estiver familiarizada com os colegas que a cercam ou que constituem seu grupo e conhecer bem sua localização na sala de aula, levá-la a observar a sala de vários pontos-de-vista: de sua carteira, o que lhe fica *à direita, à esquerda, à frente, atrás*; de outra carteira, a mesma criança observará a sala de aula de ponto-de-vista diferente; observar ainda a sala de aula olhando dos fundos da sala e da posição em que a observa, de sua mesa, a professora.

— esses exercícios de observação poderão ser dados em situação de jogo, de brinquedo, fazendo-se as crianças trocarem de lugar umas com as outras e pedindo que digam quem lhes fica à direita, à esquerda etc., o mais depressa possível, desde que a rapidez não prejudique a justeza da observação.

Da sala de aula levar a criança a identificar-se com a *escola em sua totalidade*, incluindo dependências internas e externas (a escola é patrimônio de cada criança; há salas e dependências externas comuns a todas as crianças).

A escola será observada em pequenas excursões de reconhecimento tais como: ida à área de recreio (a criança poderá inclusive descrever o percurso que fez), passeio em torno da escola, passeio pelo interior do prédio etc.

É interessante também observar a localização da sala de aula em relação à escola: *à frente, nos fundos, em cima ou em baixo* e em relação à criança, *à direita, à esquerda* etc.

A observação da escola far-se-á aos poucos, levando-se as crianças a comparar as diversas salas de aula e dependências, de maneira a avaliar o tamanho de umas em relação às outras.

As atividades de observação criam largas oportunidades a *comparações* (tamanho, forma, cor, distância etc.) e estas constituem experiências de grande valor no que diz respeito à facilidade na interpretação e traçado de plantas e, futuramente, de mapas. Daí poderão surgir atividades de planificação que darão às crianças instrumentos de trabalho futuro.

Levá-la a observar, *de cima*, a maquete da sala de aula e mesmo, se possível, da escola; a observação *de cima para baixo* irá preparando a noção de *projeções*, de tanta utilidade para a compreensão futura de *mapas*.

b) No caminho que leva à escola

No trajeto de casa à escola, far-se-ão notar os meios de transporte.

É preciso ressaltar a importância dos mesmos não só relativamente à condução de pessoas, como ao transporte de mercadorias.

As crianças compreenderão que os suprimentos de alimentação, por exemplo, deles dependem e que esses suprimentos muitas vezes vêm de grandes distâncias, como no caso das cidades.

No trajeto para a escola, a criança exercitará assim sua capacidade de observação, não apenas no que diz respeito ao trabalho do homem e sua contribuição para o bem-estar e progresso de seus semelhantes, mas também no que se refere aos fatos geográficos, cuja observação prepara a compreensão futura da interdependência entre o homem e o meio. Se em determinada localidade, por exemplo, a criança observar a indústria como gênero de vida, em outra observará a pesca ou a agricultura, o que a leva ainda a estabelecer contacto, desde o 1.º ano escolar e de maneira natural, com um dos setores da atividade econômica do país.

Assim, a professora interessará a criança na observação do que constitui sua paisagem natural e que, de outro modo, passar-lhe-ia despercebido.

Poderão ser motivo de observação e comentário, conforme o caso:

— as praças, jardins particulares e arborização das ruas, que levarão a conversas visando a noções de higiene, recreação e mesmo urbanização;

— edifícios, monumentos e, em certas localidades, pontes, estradas de ferro, túneis etc. que darão à professora oportunidade de exaltar o trabalho do homem;

— vales, colinas, montanhas, florestas, enfim, o relêvo e a paisagem vegetal, que poderão levar a comentários muito simples, mas de importância para o estudo da vida na localidade.

Assim: terras planas são mais fáceis de atravessar do que terras acidentadas e montanhosas, vive mais gente nas planícies do que nas montanhas etc.

Os dias de sol, assim como dias de chuva, o vento que sopra, a poeira que se eleva nas ruas, as folhas que caem, a temperatura, o nascer e o pôr do sol, a época de reflorescimento, enfim, o que a criança puder observar no caminho que leva à escola, no lar e na própria escola será motivo de comentários e aquisição de conhecimentos.

A observação, sempre que possível, deve ser acompanhada de desenhos que a criança fará livremente. A professora deverá estimular a criança em relação aos desenhos em seqüência, para registro de ocorrências sucessivas, o que é de grande importância para o desenvolvimento da noção de tempo. Poderão surgir também ocorrências que são diferentes conforme as horas do dia ou a época do ano.

Da observação do céu e do sol e seus efeitos, surgirá a oportunidade de conhecimentos em relação a:

— dia e noite;

— o sol pela manhã e à tarde; nascente e poente;

— o dia: manhã, tarde e noite;

— luz e sombra;

— calor e frio, temperatura, vestuário adequado à temperatura;

— iluminação natural e artificial;

— dias claros e dias nublados — bom e mau tempo;

— as nuvens e a chuva;

— o vento e seus efeitos;

— a lua e as estrélas.

A observação de fenômenos atmosféricos será feita, portanto, desde o primeiro ano.

É importante que as crianças tomem conhecimento da existência de tão relevantes fatores e que se habituem a interpretá-los através de gráficos que elas mesmas poderão executar.

Posteriormente irão compreendendo não só a relação desses fenômenos entre si, como também sua influência na vida de todos os dias (hábitos, transporte, trabalho agrícola etc.).

c) Registro das observações de fenômenos atmosféricos

O resultado das observações pode ser registrado em cartazes-calendários, quadros murais ou, ainda, em cadernetas individuais, inclusive sob a forma de sanfona, não só pela oportunidade que estas oferecem à visão de conjunto, como também pela facilidade de acondicionamento.

Essas anotações poderão ser feitas por equipes de alunos em rodízio, ou ainda individualmente.

Nas turmas não alfabetizadas serão utilizados, de início, apenas desenhos e recortes que poderão ser gradativamente substituídos por palavras. Entretanto, de modo geral, não se prescinde do desenho como elemento de compreensão e mesmo de bom gosto.

AQUISIÇÃO DE INSTRUMENTOS DE TRABALHO

(maquetes, planificações).

É de grande utilidade, na vida prática, saber interpretar uma projeção. Não só para a leitura rápida e inteligente de uma carta geográfica, mas também para resolver situações em que se faz necessário traçar ou interpretar uma *planta*, situações que se apresentam freqüentemente na vida real.

Não é fácil compreender a *projeção* sem um preparo para isso; dê-se modo, desde o primeiro ano ir-se-á a criança familiarizando com a visão *de cima para baixo*, ao mesmo tempo que se vai familiarizando, igualmente, com representações gráficas e escalas.

Com êsse fim, aconselhamos o seguinte:

— fazer a criança observar, sempre que possível, *de cima para baixo* — aproveitando o mais possível a própria experiência infantil (olhar de cima a maquete da casa construída pela turma, os brinquedos de armar etc.);

— levá-la a realizar, no papel e em situação adequada de interesse, o traçado das mãos, por exemplo, ou de caixas, contornando-as com o lápis;

— reproduzir a sala de aula em “maquete”: caixas pequenas ou blocos de madeira maiores e menores representarão a mesa da professora, as mesinhas e cadeiras dos alunos; pode-se também representar as mesas e cadeiras por meio de quadrados ou retângulos de cartolina;

— fazer a *planta* dessa sala de aula, passando o lápis ao redor do mobiliário que será, então, retirado;

— mostrar que a planta da sala de aula não poderia ser feita em tamanho natural porque excederia as dimensões do papel, o que prepara a posterior compreensão da *escala*;

— aproveitar a reprodução da sala em “maquete” e o traçado da planta da sala de aula para levar a criança a observar as proporções, fazendo-a dizer qual a parede maior, qual a menor etc.;

— iniciá-la, então, na *comparação de grandezas*, tomando como unidade, no caso das paredes, a mesinha dos alunos, por exemplo, (um pedaço de barbante correspondendo à largura da mesinha servirá para medir, verificando as crianças que a parede maior mede... larguras de mesas, e que a menor mede outras tantas);

— para executar o “retrato da sala”, ou melhor, a *planta da sala*, no papel ou no quadro-negro, a mesa será uma caixa de fósforos, por exemplo; se as crianças verificarem, conforme

o item anterior, que a parede contém oito mesas, oito caixas de fósforos darão a dimensão dessa parede, e assim por diante;

— fazê-la arrumar salas, cozinhas e varandas (*) sôbre um “chão” de papel, exercício de grande utilidade já que permite à criança *olhar de cima*, como “gigante”;

— elogiar a arrumação dessas dependências e sugerir que as crianças risquem em volta, isto é, *façam a planta*, a fim de poder arrumar de igual modo outra vez, colocando algo que indique cada um dos móveis no lugar determinado, o que já é um preparo para o uso da legenda;

— organizar concursos de arranjo ou arrumação de salas, com retângulos e quadrados de cartolina representando os objetos: o chão poderá ser de papel de cor contrastante e terá o lugar das portas e janelas marcado.

A professora assinalando, por exemplo, que o armário não poderá ficar na parede da janela porque é muito alto, estará contribuindo para que as crianças guardem as devidas proporções, o que será de real utilidade.

Como vemos, até as noções de distância (perto, longe) e de espaçamento regular, simetria, poderão ser dadas através das projeções, que ainda permitem desenvolver-se o *espírito de ordem e economia* (aproveitamento dos espaços).

(*) O mobiliário poderá ser feito de papelão, cartolina, blocos de madeira, caixas de fósforos ou massa.

VALORIZAÇÃO DE FATOS E HOMENS DE INTERESSE HISTÓRICO E AQUISIÇÃO DE NOÇÕES BÁSICAS PARA A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE HISTÓRIA

O preparo da criança relativamente à formação do conceito de *História*, no 1.º ano de Estudos Sociais, terá por base a *sucessão de fatos no tempo*.

A criança irá desenvolvendo o conceito de tempo e apreendendo que o presente depende do passado e prepara o futuro. Compreenderá igualmente que os fatos que se sucedem são importantes principalmente pela repercussão favorável que têm sobre a vida humana. Aliás, só o aspecto positivo dos fatos interessa, no momento. Precisamos dar, à criança, fatos que se sucedem numa contribuição positiva dos esforços humanos, e fazendo ressaltar que esses esforços se *juntam*, somam-se para o bem-estar comum. Dêsse ponto-de-vista, a criança irá apreendendo que esses fatos importantes não são fatos isolados, da mesma maneira que os esforços do homem não são esforços isolados. Valorizemos, então, as pessoas que fizeram algo de bom, a fim de que as crianças sejam levadas a imitá-las, contribuindo com seu esforço pessoal, na certeza de que não agem no bom sentido, socialmente falando, aquêles que nada realizam.

Assim, as experiências vividas pelas crianças no lar e na escola deverão ainda ser aproveitadas no sentido da aqui-

sição, pela criança, das bases de uma futura escala de valores, de modo que se vão criando, em seu espírito, os indispensáveis padrões de conduta.

A valorização da pessoa humana, mesmo no restrito ambiente social da criança, muito concorrerá para esse objetivo. A criança, atribuindo a cada pessoa um papel a desempenhar no meio familiar e na escola, compreenderá a importância do homem em seu grupo social e o sentido positivo ou negativo de sua ação relativamente aos acontecimentos que se sucedem.

Far-se-á em seu espírito a correlação entre a importância de cada um e suas responsabilidades.

Ela própria será estimulada em relação ao cumprimento de seus deveres e à prática do bem comum em casa e na escola.

A ação da professora e das pessoas ligadas à escola — diretora, subdiretora, inspetoras, professoras etc., exercerá grande influência na aquisição, pela criança, desses padrões de conduta e na apreciação dos esforços no sentido da continuidade de ação em prol do bem comum.

Dêsse modo, procuraremos alargar essa influência positiva, trazendo ao conhecimento da criança, de maneira oportuna e discreta, o nome de ex-alunos, professores e, de modo geral, de personalidades que hajam de algum modo beneficiado a escola, ou mesmo a localidade.

Estarão assim as crianças igualmente incentivadas no sentido de realizar alguma coisa por sua escola. Poderão, mesmo, espontaneamente, interessar os pais nesse sentido, resultando daí a verdadeira aproximação entre pais e professores.

Pequenos trabalhos realizados pelos pais em prol da escola beneficiarão a esta, e terão grande importância na formação de seus filhos. O amor e a dedicação destes pela escola serão o prenúncio de mais significativas atitudes em relação ao próximo.

Assim, deverão tornar-se familiares à criança quaisquer objetos ligados à vida da escola, como fotografias de crianças realizando trabalhos escolares, especialmente os de interesse geral (jardim, cooperativa etc.) e retratos de patronos e fundadores.

Procurar-se-á formar, para a criança, em relação à escola, atmosfera de tradição e vinculação afetiva.

Ao mesmo tempo, os fatos ligados ao histórico da escola e que foram documentados através de fotografias despertam a curiosidade dos alunos e levam a professora a narrações simples sobre esse passado. Se houver na escola ou na localidade uma pessoa ligada a esses fatos, essa pessoa deverá narrá-los às crianças, o que significará, nessa reconstrução do passado, precioso apoio na realidade. Se cada escola tiver um pequeno museu relativo ao seu histórico, as crianças nêle encontrarão atmosfera favorável à conceituação de passado.

As crianças irão também compreendendo que a situação presente resultou da ação de várias pessoas no passado e que elas próprias trabalharão para melhorar as condições presentes, preparando o futuro, isto é, preparando a escola para os novos alunos. A sucessão de fatos se vai impondo ao seu espírito.

E compreenderão ainda que devemos ser gratos aos que melhoraram as condições de vida para nós.

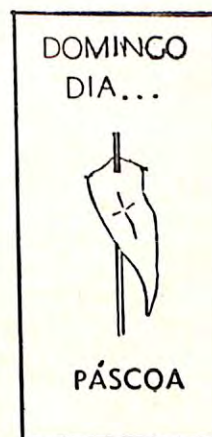
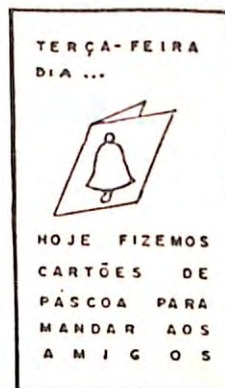
A noção de tempo, entretanto, só aos poucos irá sendo adquirida pela criança. Sempre que possível, a professora empregará e fará empregar, em situações de vida, os termos relativos à duração e localização no tempo (hoje, ontem, amanhã). Aliás, a anotação do dia da semana nos trabalhos escolares, acompanhando o dia do mês, muito auxiliará nesse sentido.

Os registros de bom ou mau tempo e de temperatura, como vimos anteriormente, são de grande importância nesse particular, já que associam tais fenômenos aos dias que se sucedem.

Essas observações são registradas, como o dissemos, em cartazes-calendários, que podem constituir quadros-murais ou cadernetas individuais.

Um cartaz-calendário em que os dias da semana ficassem assinalados por acontecimentos importantes seria de grande utilidade. Nêle as crianças, ao fim dos sete dias, caracterizariam a semana pela sucessão desses fatos importantes. Apreciando cada semana decorrida, as crianças iriam apreendendo o conceito de distância no tempo.

Se a professora caracterizar com as crianças quatro semanas, ou quatro semanas e dias do mês em curso, deverá mostrar que os trinta ou trinta e um dias que passaram formaram o mês. É interessante, porém, que as semanas e dias decorridos constituam realmente os trinta ou trinta e um dias do mês, e não trinta ou trinta e um dias quaisquer.



A professora poderá aproveitar esse cartaz ou outros semelhantes para mostrar aos alunos que eles já estão trabalhando em conjunto, no sentido do bem comum. Será útil, ainda, classificar cronologicamente os trabalhos realizados pelos alunos na última semana a fim de alargar as experiências das crianças sobre o decorrer do tempo.

A propósito de conversas que surjam naturalmente sobre os irmãos mais velhos e mais novos, por exemplo, a profes-

sôra mostrará aos alunos que irmãos mais velhos são os que nasceram *antes* do aluno, e mais novos, os que nascem *depois*.
 Acentuará também a relatividade entre as idades dos alunos das classes sucessivas, dos alunos e da professora; dos alunos, seus pais e avós, preparando a compreensão futura das gerações.

Enfim, serão proporcionadas à criança experiências que a levem a compreender que o *presente* depende do *passado* e prepara o *futuro*. Será essa uma significativa iniciação em conceitos históricos essenciais.

Capítulo 5

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1 — CONSTRUÇÃO DA CASA DA BONECA

<i>Oportunidades que oferece relativamente à aquisição de hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
<p>— valorização do planejamento no trabalho</p>	
<p><i>Insolamento</i></p> <p>— importância do sol e do ar puro para a saúde</p>	
<p>— noção de nascente e poente</p>	<p>Observar o sol vendo onde nasce e onde desaparece; observar o sol como fonte de calor: pôr uma das mãozinhas ao sol.</p>
<p><i>Diversificação e dimensões dos cômodos</i></p> <p>— noção de higiene e de proporção.</p>	
<p><i>Colocação da casa na sala de aula e número de portas e janelas</i></p> <p>— necessidade de ventilação.</p>	<p>Observar a existência do ar:</p> <p>— usando um leque ou mesmo um catavento de papel, feito em classe</p>

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

2 — CONFECÇÃO DO MOBILIÁRIO E ARRUMAÇÃO DA CASA DA BONECA

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

— apreciando efeitos da ação dos ventos.

Observar a necessidade do ar prendendo a respiração.

Observar a força do vento

Observar a aparência mais saudável de pessoas que estiveram, durante as férias, em maior contacto com a natureza.

Pequenas brincadeiras — jogos dramáticos: imitar o ruído do vento, o movimento das árvores batidas pelo vento etc.

Histórias e dramatizações (sobre o vento e o sol, por exemplo).

Áreas livres: jardim, quintal, horta e pomar

— os benefícios que trazem para a saúde as áreas livres.

— aproveitamento das áreas livres:

— tipos de vegetais aí encontrados: plantas ornamentais, hortaliças, cereais, árvores frutíferas etc.

— animais domésticos que aí podem viver

Apreciação dos resultados da atividade

— valorização do trabalho em grupo

— valorização do planeamento no trabalho.

Escolha e disposição do mobiliário

O mobiliário em função de sua utilidade

— necessidade de camas individuais

Disposição adequada do mobiliário

— simplicidade e conforto

— preparo para a compreensão de projeções

Ornamentação da casa: vasos, cortinas, tapetes e quadros

— educação do gosto estético

— diferença entre conforto e luxo.

Limpeza em geral

— conservação, asseio e ordem na moradia

— como proceder à limpeza de maneira fácil e ordenada

Apreciação dos resultados da atividade

— valorização do trabalho em grupo.

Fazer arrumações e projeções (ver "Exercícios de Observação" — pág. 42 e "Aquisição de Instrumentos de Trabalho" — pág. 48).

Assuntos correlatos:

Importância da árvore como matéria prima para o mobiliário. Material de limpeza. Higiene no trato dos utensílios domésticos. Animais nocivos: mósca, barata, rato, percevejo e a maneira de combatê-los.

Assuntos correlatos:

Necessidade de abrigo em geral. Condições de vida dos animais em relação a peculiaridades de abrigo. Banhos de sol; solários. Nomes de plantas ornamentais e de hortaliças, cereais, verduras. Animais úteis e nocivos.

3 — CONFECÇÃO DOS BONECOS QUE IRÃO CONSTITUIR A FAMÍLIA, DE SEUS RESPECTIVOS VESTUÁRIOS, E DOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO DA CASA

(Atividade substitutiva: organizar uma lojinha de roupas)

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
<p>— valorização do planejamento no trabalho</p> <p>Utilização de material aparentemente inaproveitável</p> <p>— hábitos de economia</p> <p>— estímulo à criação, originalidade e bom gosto</p> <p>Proporções na confecção dos bonecos e animais e nos moldes para as roupinhas.</p> <p>— noção de grande, pequeno, menor, maior, perto, afastado, alto e baixo, magro e gordo etc.</p> <p>Higiene do vestuário:</p> <p>— conforto</p> <p>— limpeza</p> <p>— adequação à temperatura e à variedade de situações (esporte, passeio, festa etc.)</p> <p>— existência de dias frios, dias quentes e dias de temperatura amena</p> <p>— existência de dias chuvosos e dias de sol</p>	<p>Colecionar e trazer para a escola retalhos, botões, linhas.</p> <p>Observar a figura humana (colegas e familiares) e animais</p> <p>Recortar moldes de roupinhas</p> <p>Colecionar modelos de roupinhas em álbuns.</p> <p>Escolher feitiços nesses álbuns ou em figurinos, tendo em vista o conforto, a adequação e o bom gosto (cores)</p> <p>Examinar tecidos e pedaços de couro pelo tato.</p> <p>Colecionar amostras de tecidos.</p> <p>Colecionar retalhos e agrupá-los de acordo com a época que são apropriados.</p> <p>Fazer excursões a lojas de roupas.</p>

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
<p>— o sol como fonte de luz e de calor</p> <p>— a chuva e seus efeitos</p> <p>Confecção dos animais</p> <p>— noção de animal doméstico</p>	<p>Fazer exercícios de observação do sol, das nuvens etc. e colecionar os gráficos resultantes (ver "calendários").</p> <p>Comparar a luz do sol com a da lua.</p> <p>Observação de animais domésticos para chegar a suas características principais.</p> <p>Colecionar figuras dos animais que se tem comumente em casa e separar em grupos pela observação das características: aves, mamíferos, peixes.</p> <p>Modelar outros animais caseiros em barro, massa plástica, pedaços de sabão ou cêra.</p> <p>Organizar vocabulário ilustrado de animais domésticos.</p> <p>Fazer jogos dramáticos, baseados na observação dos animais estudados. Ex.: imitar os animais pelo passo; imitar com gestos suas características principais etc. (os colegas tentarão reconhecer o animal focalizado).</p> <p>Dramatizar e mesmo compor historietas a respeito de animais estudados (A dramatização pode também ser realizada apenas pela mímica, havendo um narrador).</p>

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
--	---

Apreciação dos resultados da atividade

— valorização do trabalho em grupo.

Assuntos correlatos:

Necessidade de proteção contra os rigores da temperatura. Origem das matérias primas com que se fazem os tecidos. Como se fazem os tecidos. Outros animais domésticos.

4 — BRINCAR DE FAMÍLIA COM OS BONECOS (Atividade complementar da anterior)

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
--	---

A família e a vida familiar

— os membros da família
— graus de parentesco mais próximos

Autoridade na família

— respeito aos pais e às pessoas mais velhas em geral
— atenção à idade e experiência

— uso corrente das fórmulas mais comuns de cortesia: bom dia, obrigado, com licença, faz favor

Obrigações e direito de cada membro da família

— tratamento conveniente a agregados e empregados

Organizar o álbum da família com retratos ou desenhos.
Preparar uma caderneta para anotar aniversários dos familiares e amigos.

Contar pequenas histórias sobre a vida em casa, usando inclusive, desenhos em seqüência.

Dramatizar atividades da vida diária em família.

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
--	---

— valorização da cooperação e da solidariedade

— hábitos de economia: conservação dos bens da família e dos bens públicos de que se beneficiam (água, por exemplo); conservação de bens individuais; comprar o necessário de preferência ao supérfluo; as vantagens de certos consertos e reformas

— hábitos de higiene pessoal; necessidade de trabalho, recreação e descanso

— divisão do tempo para atender a essas necessidades
— domingo e dias úteis da semana

— asseio e ordem em relação a objetos, vestuário e lugares

O trato a dispensar aos animais de estimação da casa

— carinho e cuidados apropriados aos animais

<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>

Organizar a lista de tarefas caseiras que a criança pode realizar.

Dramatizar atividades de compra, e de conservação (engraxar sapatos, escovar a roupa etc.).

Organizar gráficos da fixação de hábitos higiênicos (ver "avaliação").

Colecionar gravuras ou desenhar atividades da família e separá-las em dois grupos: atividades de trabalho e de recreação ou descanso. (Ex.: o pai saindo para o trabalho com a pasta; a família ouvindo programa de rádio; as crianças brincando etc.).

Cuidar das peças do vestuário dos bonecos.

Observar os hábitos de animais de casa.

Dramatizar aspectos da vida desses animais (inclusive com máscaras ou usando fantoches).

Fazer um caderno de observação de animais anotando onde estavam e o que faziam de interessante. (Em cada página colo-

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

- higiene no trato dos animais domésticos
- cuidados em relação às doenças desses animais
- a raiva em cães e gatos
- vacinação e identificação de cães
- alimentação apropriada aos diferentes animais domésticos
- utilidade desses animais

- noção de animal útil.

Apreciação dos resultados da atividade

- valorização da vida familiar, e do trabalho em grupo.

Assuntos correlatos:

A importância da água e sua utilização em casa. Animais úteis e nocivos. Cuidados para evitar a procriação de insetos nocivos. Meios de combatê-los.

5 — ORGANIZAR UMA FEIRA "DE BRINQUEDO" E BRINCAR DE FEIRA

(Atividades substitutivas: — organizar um mercado, armazém, quitanda)

car o desenho ou, se fôr possível, a fotografia do animal ou dos animais observados).

Organizar álbuns ilustrados sobre animais e sua utilidade.
Organizar vocabulário ilustrado de animais úteis.

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

Necessidade de apresentação conveniente das mercadorias (diversificação das barracas)

— os grandes grupos de mercadorias da feira "de verdade" e sua importância: alimentos, materiais de limpeza, peças de vestuário, utensílios domésticos, flores e sementes.

Tratamento devido aos vendedores e compradores

— bons hábitos durante as compras

— conhecimento da variedade de alimentos existentes: legumes, verduras, frutos, cereais, grãos, pescados, carnes salgadas, aves e ovos, laticínios, massas, biscoitos, condimentos

Execução de barracas.

Dramatizar cenas interessantes relativas à feira (compras, casos observados).

Colecionar amostras e miniaturas.

Fazer em massa, legumes e frutos.

Colecionar figuras de bons alimentos e separar em álbuns os frutos, as verduras, os legumes, os laticínios, colocando os respectivos nomes.

Organizar um vocabulário ilustrado utilizando vegetais ou animais citados durante a execução do trabalho.

Fazer brincadeiras como "Fui à feira comprar... mas não havia (cada criança representará um alimento e ouvindo "o seu nome" dirá que havia sim e apontará a falta de outro alimento)

Dramatizar cenas como o preparo da refeição e a refeição.

Desenhar cenas de refeições e alimentos, hábitos e atitudes durante as refeições, medidas higiênicas etc.

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

— valorização do planejamento do trabalho

Ida à feira.

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

Completar quadrinhas do tipo adivinhação (apenas a última palavra) a respeito dos vegetais e animais que servem à alimentação.

Fazer barras e quadrinhos para o refeitório, usando recortes ou desenhos.

Conversar sobre os alimentos preferidos e os pratos que se fazem com eles.

Fazer riscos simples de frutas e legumes para bordar a ponto de haste nos aventais, guardanapos de merenda etc.

— economia sem prejuízo da qualidade e variedade dos alimentos.

Medidas higiênicas na feira.

— proteção dos alimentos contra o calor, moscas e poeira (proteção adequada ao peixe, legumes, verduras etc.)

— limpeza das barracas

Apreciação dos resultados da atividade

— valorização de uma escolha mais adequada de alimento
— valorização do trabalho em grupo.

Assuntos correlatos:

A importância da alimentação. Origem dos alimentos. O valor da terra. Lugares especializados para a aquisição de alimentos. Higiene da alimentação (horário, alimentos sadios, alimentação variada, cuidado no preparo, apresentação dos pratos, ambiente agradável).

6 — CONSTRUÇÃO DO CIRCO DE BRINQUEDO E RESPECTIVO ELENCO

(Atividades substitutivas: construção de um cineminha, de teatrinho, de um parque de diversões, organização de uma bandinha rítmica etc.)

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

— valorização do planejamento

Condições adequadas de higiene e conforto: as arquibancadas circundantes para melhor visão; altura e largura dos degraus; espaços livres nos degraus para facilitar o escoamento; o picadeiro no centro; a iluminação maior no picadeiro.

— noções de perto, longe, de cima, de baixo, alto, baixo.

— facilidades que a forma circular possibilita no que diz respeito a aproveitamento de espaço e a conforto

— noção de proporção

— valorização da técnica: é possível melhorar o resultado de um trabalho, estudando e descobrindo recursos mais eficazes

Necessidade da bilheteria

— dever de pagar entrada para assistir a um espetáculo

Elenco do circo: pessoas e animais

Observar e conversar sobre circos; comentar espetáculos vistos, histórias ouvidas ou lidas.

Colecionar figuras.

Desenhar a respeito.

Fazer a planta do circo.

Organizar um vocabulário ilustrado.

Vestir os bonecos e os animais de acordo com a função no circo.

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
--	---

- significação do trabalho honesto
- profissões
- valor da colaboração
- animais de um modo geral
- ferocidade de alguns
- noção de domesticação

Modelar animais
 Reconhecer os animais selvagens vendo silhuetas dos mesmos.
 Fazer barrinhas em objetos diferentes utilizando essas silhuetas (capa do vocabulário).
 Realizar as marchas de diversos animais como um jogo dramático.

Apreciação dos resultados da atividade

- valorização do trabalho em grupo

Assuntos correlatos:

Como se arma o circo (colaboração de todos, até dos animais). Transportes (o circo viaja). Liga de Proteção aos Animais. Vida e *habitat* de animais selvagens.

7 — BRINCAR DE CIRCO

(Atividade complementar da anterior)

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
--	---

- Planejamento
- valorização do planejamento

Observação e conversas sobre circos; comentar espetáculos vistos.

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
--	---

Necessidade de um dirigente no trabalho ou no brinquedo

- a ordem como fator de organização
- diferença entre pedir opinião e depender de opiniões

Distribuição das funções

- reconhecer o direito de todos à participação
- respeitar gostos e preferências
- reconhecer as qualidades dos demais
- noção de que a duração relativa e a variedade são importantes para o sucesso do "espetáculo"
- bom gosto na seleção dos números.

Executar exercício de ritmo e equilíbrio, agilidade, atenção, percepção (visual e auditiva) sob a forma de jogos.

Fazer o programa e ilustrá-lo.
 Organizar cartazes de propaganda.

Memorizar, completar pela rima ou mesmo compor quadrinhas sobre o circo (para os cartazes de propaganda, jornaisinhos etc.).

Arrumação do local para o espetáculo.

- cooperação
- gosto artístico
- ordem
- valorização do prático e do funcional

Caracterizações

- sobriedade
- gosto estético

Colecionar objetos sem utilidade em casa e que podem servir para caracterização: papéis — fino, crepon, prateado — fitas, retalhos, fantasias velhas.

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
<p>A brincadeira</p> <ul style="list-style-type: none"> — ajuda mútua — compreensão de que num trabalho de grupo todos podem colaborar e toda colaboração é preciosa <p>Os artistas e seus respectivos números</p> <ul style="list-style-type: none"> — iniciativa e espontaneidade — anulação do exibicionismo <p>O público</p> <ul style="list-style-type: none"> — atitude adequada num lugar público — a importância das manifestações de agrado <p>Arrumação do local após o espetáculo</p> <ul style="list-style-type: none"> — presteza e ordem — compreensão de que as demais atividades de classe não devem sofrer interrupção <p>Resultados em função dos esforços dispendidos</p> <ul style="list-style-type: none"> — apreciação da brincadeira 	<p>Cantar em conjunto músicas infantis relativas ao circo.</p> <p>Organizar um álbum com o histórico do espetáculo.</p>

Exemplo de atividade de colaboração que concorre para identificar a criança com a escola.
Comemoração ao Dia da Árvore e entrada da primavera:
Pequenas tarefas em colaboração à festa organizada pela escola:

- trazer para a escola sugestões de "lembranças", bem como o material a ser utilizado na execução dessas "lembranças" e na caracterização das crianças para a festa
- preparar um número de poesia, de dança, de música ou de teatro para apresentar na festa
- fazer guirlandas para enfeitar o corredor, o pátio, o palco, a sala de aula
- recortar borboletas e flôres

<i>Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos</i>	<i>Atividades auxiliares e correlatas</i>
<ul style="list-style-type: none"> — valorização da árvore como o exemplar vegetal máximo pela sua grande utilidade <p>Ajuda nos preparativos gerais da escola</p> <ul style="list-style-type: none"> — valor da cooperação, e da iniciativa; imaginação, originalidade, criação. <ul style="list-style-type: none"> — hábitos de proteção às plantas. 	<p>Observar as diferentes espécies vegetais do jardim de casa, do terreno da escola etc. e aprender a estimá-las.</p> <p>Memorizar quadras, dramatizar; dançar ou realizar bailados, cantar, executar mímica etc. tendo como motivos a natureza</p> <ul style="list-style-type: none"> — sementes, flôres, plantas, borboletas, joaninhas. <p>Fazer barrinhas em álbuns e cartazes com flôres, fôlhas, borboletas desenhadas ou recortadas (oportunidade para a familiarização com as noções de ritmo, de repetição, de simetria).</p> <p>Cuidar de vasos ou jardineiras para aprender a amar as plantas.</p>

Oportunidades que oferece relativamente a hábitos, atitudes e conhecimentos

Atividades auxiliares e correlatas

Festejar (*) em classe uma planta que floresça (pô-la em posição de realce).

Observação do jardim depois da chuva, sob o sol inclemente etc.

Fazer experiências sobre germinação (grãos em algodão úmido e em terra com humus, comparar).

Organizar um vocabulário ilustrado.

Separar figuras de vegetais conforme sua utilidade: alimentação, sombra, ornamentação, etc.

Fazer pequenos jogos dramáticos.

— noções simples sobre a utilidade dos vegetais.

Participação no concurso das "Janelas Floridas".

— hábitos sadios de competição

— aceitação conveniente da vitória ou derrota numa competição

— acatamento à opinião dos julgadores.

Apreciação dos resultados da atividade:

— valorização da solidariedade e do trabalho em grupo

— maior identificação com a escola.

Assuntos correlatos:

Plantas ornamentais. Partes do vegetal — interdependência entre essas partes. Observar a vida de animais encontrados na área livre.

(*) Quando nos referimos a festas no primeiro ano, queremos significar um momento de alegria, de expansão em que a criança bate palmas, canta ou se manifesta de alguma outra maneira espontânea. Essa expansão favorece a todos em geral, inclusive aos tímidos pela naturalidade de que se reveste. Realizam-se em classe para alegria da própria criança, as mais das vezes sem a presença de convidados.

Capítulo 6

AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR PARA ORIENTAÇÃO DA ATIVIDADE DA PROFESSORA

Através da avaliação *organizada e contínua*, a professora se inteira dos resultados atingidos no sentido dos objetivos visados e, baseada nesses resultados, segue rumos adequados à ação educativa.

No primeiro ano de estudo, a avaliação é tarefa quase exclusiva da professora. Haverá, entretanto, uma preocupação constante em incentivar a participação da criança e, mesmo, a auto-apreciação.

AVALIAÇÃO PELA PROFESSORA

A conversação dirigida, os trabalhos de classe, a merenda, os jogos e outras atividades, além das entrevistas com os familiares dão base à avaliação pela professora do rendimento escolar.

A simples observação da merenda trazida pelas crianças, por exemplo, poderá revelar a assimilação de bons hábitos de alimentação. O mesmo ocorre em relação ao uso do lenço, à apresentação do material, à pontualidade, à cordialidade etc.

Tôdas as atividades sugeridas para o primeiro ano consistem em oportunidades de trabalho avaliativo, tanto do ponto-de-vista dos conhecimentos, quanto de hábitos e atitudes.

Assim, o agrupamento de figuras segundo as espécies: frutas, legumes, verduras, cereais etc., para a organização de álbums, será prova de que houve aprendizagem nesse sentido; e o preparo de uma barra para o refatório, utilizando figuras ou desenhos das crianças, poderá revelar o grau de cooperação a que alguns chegaram, e assim por diante (ver organização de uma feira a pág. 62).

Deve-se frisar aqui a ajuda que trazem à professora, nesse processo de julgamento da aprendizagem, os desenhos, a linguagem espontânea das crianças e as situações lúdicas.

Será interessante utilizar esse último recurso em ordens para serem executadas. Assim:

— Aponte o nascente!

— Levante o braço direito!

As crianças podem expressar-se pelo *desenho* obedecendo a ordens ou espontaneamente, e o resultado será apreciado pela professora no que diz respeito à indicação de interesses, à compreensão, à fixação de conhecimentos e informações etc. Poder-se-á, por exemplo, pedir às crianças que desenhem "o que nós usamos para iluminar a casa quando a luz do sol desaparece"; "o céu num dia muito bonito, ou numa linda noite".

As crianças poderão ainda ser levadas a desenhar cômodos mobiliados, planta da sala de aula ou da casa de brinquedos, um animal observado, uma cena assistida ou a de uma história narrada.

A linguagem espontânea denunciará a assimilação de formas de conduta desejáveis, de bons hábitos adquiridos, além da compreensão de termos e conceitos que as crianças incorporaram a seu vocabulário. Assim, nas dramatizações, através principalmente da *observação* constante, a professora iniciará, desde logo, a tarefa avaliativa que lhe compete. No entanto, essa avaliação somente será proveitosa para o trabalho escolar se vier acompanhada de anotações adequadamente tomadas. A professora poderá utilizar um caderno à maneira de diário, fichas individuais etc.

As anotações sucessivas irão evidenciando não só o desenvolvimento da capacidade de refletir e observar como a aquisição de hábitos da vida diária, de trabalho e de convívio social. É importante que essas anotações reproduzam objetivamente fatos e não incluam apreciação (F. negou 1 lápis de côr a B. que o pedira emprestado, e não, F. não coopera com os colegas, ou é egoísta).

APRECIÇÃO PROFESSOR-ALUNO

As crianças poderiam participar do julgamento pela professora se esta, anotando melhorias sensíveis do grupo du-

rante a realização de um trabalho, fizesse, por exemplo, um quadro de registro de aquisições marcantes em hábitos e atitudes, o que as incentivaria.

Exemplificando:

AGÔSTO
5

QUE ÓTIMO! NÓS
CONSEGUIMOS MATERIAL PARA INICIAR A
CONSTRUÇÃO DO NOSSO CIRCO.

AGÔSTO
9

FORMAMOS E FOMOS SÓZINHOS PARA
O REFEITÓRIO.

AGÔSTO
11

DISTRIBUIMOS AS TAREFAS SEM
DIFICULDADE.

AGÔSTO
20

CONSEGUIMOS BOM RESULTADO NO CONCURSO
E VIMOS QUE APRENDEMOS MESMO MUITA
COISA COM A CONSTRUÇÃO DO CIRCO. *

AGÔSTO
23

ASSISTIMOS COM BOA ATITUDE AO ENSINO
DE UM NÚMERO PARA A FESTINHA FINAL
DO TRABALHO

ETC.

Dessa maneira foram apurados: a colaboração, a disciplina consciente, o interesse pelo estudo, a ordem, o respeito ao direito alheio e o domínio próprio. (Ver "Construção do circo de brinquedo" — pág. 65).





AUTO-AVALIAÇÃO


As crianças poderão ainda avaliar suas próprias realizações em calendários pessoais, organizados enquanto se desenvolvem estudos relativos a determinados temas:

(*) É muito importante levar as crianças a constatar ter havido aprendizagem enquanto, aparentemente, apenas brincavam.


MÊS DE		CHEGUEI À HORA <input type="checkbox"/>				
FALTEI <input type="radio"/>		CHEGUEI ATRASADO <input checked="" type="checkbox"/>				
DOMINGO	2.ª-FEIRA	3.ª-FEIRA	4.ª-FEIRA	5.ª-FEIRA	6.ª-FEIRA	SÁBADO
		1 <input checked="" type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 FOLGA	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>
6 FOLGA	7 <input type="checkbox"/>	8 <input type="checkbox"/>	9 <input checked="" type="checkbox"/>	10 FOLGA	11 <input type="checkbox"/>	12 <input type="checkbox"/>

ETC.

MÊS DE						
COMO CUIDO DE MINHA SAÚDE						
DOMINGO	2.ª-FEIRA	3.ª-FEIRA	4.ª-FEIRA	5.ª-FEIRA	6.ª-FEIRA	SÁBADO
				1 	2 	3 
4 	5 	6	7	8	9	10

LEGENDA:  LAVEI AS MÃOS ANTES E APÓS CADA REFEIÇÃO

 TOMEI BANHO

 ESCOVEI OS DENTES
PELO MENOS DUAS VEZES

Calendários semelhantes a esses podem ser utilizados, mudando-se apenas os temas de acordo com o trabalho que se está realizando.

Assim:

- hábitos alimentares (obediência ao horário e às determinações da mãe);
- cuidado com os objetos de uso pessoal e com o vestuário;
- cuidado com os instrumentos de trabalho da escola.

2.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

A COMUNIDADE E O TRABALHO

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 2º ANO

Objetivos e programa:

Levar a criança a participar de experiências que a conduzam gradualmente

- à aquisição do sentimento de comunidade
- à valorização do trabalho humano e dos esforços no sentido do bem-estar comum e do progresso da comunidade
- à compreensão das relações entre os aspectos geográficos e as formas de vida da comunidade
- à aquisição do sentimento de passado, de tradição
- à valorização de fatos e homens de interesse histórico
- à aquisição de noções básicas para a formação do conceito de História.

Com essa finalidade, levá-la a situações que a façam apreciar ou reconhecer

- o valor do trabalho humano em relação ao bem-estar individual e público, e a importância de todas as profissões honestas na vida de uma comunidade;
- a necessidade de divisão do trabalho de acordo com as aptidões do indivíduo e o interesse social;
- a reciprocidade de direitos e obrigações dos membros da comunidade;
- suas possibilidades de cooperação imediata com as pessoas e instituições da comunidade;
- a necessidade de obedecer a regras e leis que visam ao bem-estar individual e público;
- a necessidade de direção, de govêrno;

- a convergência de esforços no sentido do bem-estar e do progresso;
- a continuidade de esforços no sentido do bem-comum;
- a melhoria de condições de vida e o progresso como resultado desses esforços.
- a interdependência entre o desenvolvimento social e econômico da comunidade e as condições geográficas locais;

Nesse sentido, ir desenvolvendo os seguintes hábitos e atitudes:

- de observar, levando a criança a apreciar a diversidade de aspectos do ambiente em que vive;
- de procurar o livro como fonte de informações;
- de usar outras fontes de informação;
- de trabalhar em grupo, apreciando os resultados obtidos como consequência da contribuição de cada um;
- de acatar a opinião dos mais experientes;
- de cooperação; de solidariedade;
- de iniciativa e responsabilidade;
- de prever e planejar;
- de usar convenientemente o material de trabalho;
- de zelar pela conservação de bens individuais, de grupo ou públicos;
- de economizar;
- de portar-se convenientemente na rua, obedecendo aos guardas e aos sinais do trânsito;
- de respeitar a precedência (fazer fila);
- de aceitar críticas e fazê-las de maneira cortês e visando a ajudar.

As crianças, ao fim do 2º ano de Estudos Sociais, devem ter adquirido conhecimentos e informações relativamente a:

- o bairro ou localidade em que está situada a escola e em que mora, provavelmente, a maioria dos alunos;
- ruas paralelas e transversais (perpendiculares) à rua em que se acha a escola;
- como é formado o bairro (casas residenciais, comerciais, fábricas, pequenas indústrias, edifícios públicos);
- movimento de pessoas e veículos; trânsito;
- outros bairros ou localidades;
- a boa-vizinhança no mesmo bairro ou localidade e a boa-vizinhança e a interdependência entre os bairros de uma cidade ou localidades próximas;

- aspecto geral do centro da cidade;
- aspectos de vida dos centros comerciais, industriais, agrícolas ou de pesca, conforme as características da localidade em que reside a criança;
- as profissões e sua importância na vida da comunidade;
- os serviços públicos, seu papel, forma por que são mantidos, relações com o público;
- aspectos antigos e modernos dos bairros ou localidades e dos transportes, em geral;
- acidentes geográficos que podem ser vistos da escola ou da casa do aluno, e durante o trajeto de uma à outra: montanhas, colinas, vales, planícies, rios, lagoas, mares e ilhas;
- trabalhos do homem em benefício da comunidade: pontes, túneis etc.;
- fenômenos atmosféricos e sua influência na economia e na vida em geral da comunidade;
- orientação pelo sol;
- planificação da escola e das vizinhanças da escola;
- traçado de percursos;
- preparo para a formação de conceitos históricos.

Observação:

Em se tratando de uma cidade, mesmo que os alunos residam todos no bairro em que está localizada a escola, o estudo dos demais bairros surgirá naturalmente, em função dos interesses e necessidades da vida cotidiana, já que se faz sentir, na vida diária, a interdependência entre os bairros de uma cidade.

Assim, a criança será levada às seguintes conclusões:

- o seu bairro ou localidade é parte de um todo;
 - há outras localidades ou bairros como o seu, porém, com características próprias (bairros residenciais, industriais, localidades com predominância de um determinado gênero de vida-agricultura, pesca ou criação de animais etc.), dependendo dessas características de fatores diversos, tais como: afastamento do centro comercial, proximidade do mar, situação em colinas ou vales etc.
- Cabe, evidentemente, à professora aproveitar outras oportunidades que levem à aquisição de hábitos, atitudes e conhecimentos igualmente úteis, mas que não tenham sido ressaltados no presente trabalho.

A COMUNIDADE E O TRABALHO

O SENTIDO DE COMUNIDADE — A INTERDEPENDÊNCIA

No primeiro ano de Estudos Sociais procuramos fazer sentir à criança que ela é parte de um grupo mais amplo, e que a conduta de cada um afeta a vida do grupo, assim como a vida do grupo, por sua vez, exige de cada um hábitos e atitudes que lhe permitam a boa convivência social.

Procura-se agora, no segundo ano de Estudos Sociais, fazê-la compreender a *comunidade* como o resultado da ação de pessoas que se gruparam num determinado lugar onde deverão atender às suas necessidades materiais e espirituais, isto é, à necessidade de abrigo, alimentação, vestuário, segurança, saúde, comunicação, religião, educação, diversão etc., dentro das normas de convivência social.

Os indivíduos que se grupam em uma comunidade têm diferentes características pessoais, o que, devidamente aproveitado, será uma fonte de maiores recursos para o grupo.

A criança apreenderá, assim, o próprio sentido democrático de comunidade em que todos colaboram, na medida de suas possibilidades reais, para o bem comum, e dêle usufruem na interdependência das sociedades democráticas.

Além disso, a necessidade de adaptação ao meio geográfico leva o indivíduo a agir sobre o meio físico, no sentido de melhorar as condições de vida que ele apresenta. Dêsse modo, a criança irá sendo conduzida à compreensão de que o povoamento, as comunicações, os gêneros de vida e os costumes dos habitantes da região, isto é, o desenvolvimento social e econômico da comunidade, é largamente influenciado pelas condições geográficas locais.

Será, portanto, profundamente significativo fazer as crianças sentirem que pertencem a uma determinada comunidade porque freqüentam:

a mesma igreja,
a mesma escola,
os mesmos cinemas,
a mesma praça,
as mesmas lojas,
a mesma feira,

utilizam os mesmos meios de transporte, enfim, vivem no mesmo ambiente, têm interesses comuns em relação a esse ambiente e participam das mesmas dificuldades e do mesmo desejo de vencê-las, no sentido do *progresso* de que todos se beneficiarão, e da *dignidade da vida humana*.

Da compreensão da convergência de esforços segundo as aptidões de cada um, surgirá a compreensão do sentido e da dignidade das profissões humanas, por mais modestas que sejam.

E a interdependência entre os membros da comunidade apontará às crianças o papel de cada uma dentro do grupo, como membro importante da sociedade a que pertence.

A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NA COMUNIDADE AÇÃO DA ESCOLA

É no sentido de alcançar esse objetivo que se faz necessário tenham as atividades das crianças repercussão no grupo, na comunidade, e que esta procure prestar-lhes o auxílio necessário, a fim de mantê-las conscientes da reciprocidade de interesses e obrigações que caracteriza as sociedades bem constituídas. E a fim de que as crianças possam participar da vida da comunidade para melhor conhecê-la.

Dêsse modo, procurar-se-á não só levar a criança a conhecer "in loco" a própria vida da comunidade, mas trazer, à escola, a experiência de elementos válidos dessa comunidade, de maneira a familiarizar a criança com a vida e os problemas da mesma, conduzindo-a à compreensão de que, para resolver esses problemas, faz-se necessário desenvolver conhecimentos, técnicas e atitudes no interesse do bem-estar e da dignidade humana.

As *pessoas conhecidas por todos na comunidade* como o médico, o engenheiro, o vigário, a catequista, a enfermeira, a professora, o dono da mercearia, o guarda, por vezes ven-

dedores ambulantes etc., devem ter papel expressivo na integração da escola na comunidade.

Do mesmo modo, a experiência de um carpinteiro ou jardineiro, por exemplo, solicitada no momento exato em que as crianças dela necessitam para o prosseguimento de suas atividades, valoriza a profissão modesta, mas significativa na comunidade, e fortalece o sentido de colaboração. E se esse jardineiro ou carpinteiro é por acaso um pai de aluno, que oferece ajuda espontaneamente, ou por solicitação da escola, ao exemplo de colaboração e valor profissional junta-se a verificação, por parte da criança, de que o pai é membro atuante na comunidade. Disso lhe advirá, naturalmente, maior integração no grupo social.

Os Serviços Públicos, que atendem às necessidades do grupo e resultam da própria contribuição de seus componentes, devem ser também acessíveis à criança, de maneira que ela possa visitá-los em pequenas excursões escolares, sentindo que eles são parte da comunidade, o que evidentemente lhes dará justo sentimento de orgulho e segurança.

À escola atual cumpre atrair para seu âmbito esses servidores públicos que tão de perto interessam à vida do bairro, da cidade, mas tão distanciados vivem do seu círculo social.

Colaborando com a escola no seu objetivo de fazer da criança um *membro eficiente da comunidade*, estarão eles indiretamente trabalhando pelo aperfeiçoamento de suas próprias instituições.

O Comércio e a Indústria poderão igualmente colaborar com a escola, permitindo a visita de escolares aos estabelecimentos comerciais e às fábricas, a fim de que sejam os mesmos iniciados no conhecimento das condições materiais da comunidade.

Assim, dado o sentido educativo que a escola confere aos Serviços Públicos e às atividades do Comércio e Indústria na comunidade, a ação da escola far-se-á no propósito de que tais atividades sejam, sempre que possível, vividas pelas crianças e por elas valorizadas.

A escola, assim, conduzirá a criança ao conhecimento da vida sócio-econômica da comunidade, a par dos conhecimentos relativos à tradição local e ao meio físico.

A comunidade rural

Se a criança é membro de uma comunidade agrícola, cabe à escola, igualmente, proceder à sua identificação com as

necessidades e aspirações do meio em que vive. Referimos, é claro, a necessidades que sejam facilmente apreendidas pelas crianças de oito anos e a aspirações no sentido de remediar essas necessidades.

Conhecendo as pequenas aspirações de seu meio e sua gente, mais do que isso, sentindo-as ela própria, a criança, esclarecida pela ação da escola, passará a considerar-se capaz de contribuir para o bem estar da comunidade. Despertar o sentimento de comunidade, na criança, é de grande importância no meio rural. Só o amor à terra e à sua gente, e a certeza de que são passíveis de progresso as condições locais, trarão o entusiasmo pelas atividades do campo e a esperança de uma futura radicação rural. É necessário, entretanto, que a criança sinta o apoio dos que a cercam e confie na ação do governo.

Mesmo nas escolas de zona urbana faz-se necessário despertar interesse pelas atividades agrícolas, preparando-se assim melhor compreensão de seus problemas e uma possível e efetiva colaboração entre as populações urbanas e rurais, em sua tão estreita e necessária interdependência.

Em qualquer situação, portanto, as crianças, devidamente orientadas, saberão como contribuir de maneira efetiva e desde já para a vida do grupo.

A boa-vizinhança na comunidade

Instituições particulares como, por exemplo, as denominadas "Amigos dos Bairros", que são verdadeiras promoções de boa-vizinhança e cooperação no sentido do bem-comum, poderão auxiliar a escola, nela organizando palestras em que se evidenciem seus propósitos de ajuda mútua e trabalho no sentido do progresso de cada bairro. Será esse um grande passo no sentido das relações de grupo. As crianças deverão, ainda, tomar conhecimento do que seja o "mutirão", que aparece aqui e ali como movimento de solidariedade e boa vizinhança. Consiste o "mutirão" em se reunirem os vizinhos a fim de prestar auxílio em trabalho ao que dêle necessita. No meio rural, principalmente, é elemento valioso, dadas as condições de dificuldade de transporte e comunicações e o relativo isolamento em que vive o agricultor. É o recurso imediato de que ele carece, a mensagem de amor e solidariedade.

A escola, de acôrdo com a comunidade, deverá incentivar, através de seus alunos, e em contacto direto com os pais, a prática do "mutirão", fazendo-a inclusive reviver em localidades onde existiu e desapareceu.

A boa-vizinhança na escola

As crianças, assim estimuladas, poderão organizar seus grupos de boa-vizinhança na própria escola, prestando pequenos auxílios às demais turmas, como, por exemplo, os serviços relativos ao "Correio Escolar" (pág. 112). De igual modo poderão dedicar algumas horas semanais a pequenos trabalhos de melhoria da escola — o que as fará participar de maneira natural de um verdadeiro "mutirão".

Um quadro de novidades ou de recados colocado no corredor atingirá os objetivos de oferecer contacto e promover auxílio mútuo. A professora deverá valorizar essa contribuição individual e de grupo, no que diz respeito igualmente aos laços de simpatia e compreensão que devem unir as diferentes turmas de uma escola.

AS CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA DE OITO ANOS E COMO APROVEITÁ-LAS NO INTERESSE DA APRENDIZAGEM

A criança de oito anos está principalmente interessada em tomar conhecimento direto do ambiente em que vive e que constitui o campo de ação de sua atividade e da atividade de seus pais e familiares.

Anseia por experiências novas e deseja penetrar mais profundamente na vida do adulto. Agrada-lhe falar, discutir, ler: deseja compreender realmente o que ocorre ao seu redor; daí interessar-se por noticiários, revistas ilustradas etc. Revela-se apta a empreender trabalho em grupo — de 3 ou 4 crianças — mas considera indispensável a presença da professora no grupo. Aprecia dramatizar e realizar coleções.

A aprendizagem relativa ao 2.º ano de Estudos Sociais far-se-á, portanto, no sentido de atender ao que caracteriza a criança de oito anos — intensa atividade e anseio por experiências novas — e basear-se-á na redescoberta do que a cerca e forma seu ambiente.

Sòmente as *entrevistas* e *excursões*, devidamente planejadas, poderão imprimir a essa redescoberta o sentido prático e ao mesmo tempo humano compatível com os interesses da idade. Daí o valorizarmos sobremodo as *excursões* e *entrevistas* que atendem não só à intensa atividade da criança nessa fase mas também à necessidade de contacto direto com valores humanos. Assim, a turma fará *excursões* e realizará pequenas *entrevistas*.

As *excursões* e *entrevistas*, em sua objetividade, evidenciam as condições de vida locais, quer sejam estas satisfatórias, ou não. Assim sendo, e cabendo à escola estimular a criança no sentido de uma futura contribuição efetiva em prol do bem-estar e progresso da comunidade, deverá, a professora, selecionar cuidadosamente essas *excursões* e *entrevistas*, a fim de que sejam assegurados os objetivos de valorização do trabalho e cooperação, ao mesmo tempo que se não perca de vista o espírito de comunidade.

Mesmo que sejam observadas falhas e deficiências, é preciso esclarecer as crianças quanto à possibilidade de corrigi-las, o que poderá mesmo contribuir para nelas despertar certo anseio de realização em prol do bem-comum.

Às *excursões* e *entrevistas* devem seguir-se outras atividades de alto valor educativo como dramatizações e exposições, o que importa em estímulo à auto-expressão através da arte-desenho, pintura, mímica, pequenas redações etc. — e atendimento à necessidade infantil de colecionar e de sentir a apreciação dos demais pelas suas realizações. Tais atividades favorecem ainda a organização mental através da seleção e organização do material a expor em álbuns, cartazes, biombos etc., e incentivam a prática da cortesia, a responsabilidade, o intercâmbio de idéias nos trabalhos de equipe e no contacto maior com outras crianças.

ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNIDADE

O comércio

Em relação ao comércio, é de grande interesse as crianças observarem a organização de uma casa comercial. E o tratamento dado ao assunto poderá variar conforme o desenvolvimento que as atividades de comércio tenham na localidade.

A visita a um estabelecimento comercial, entretanto, exige sempre planejamento cuidadoso devido à amplitude do assunto. É preciso que os grupos tenham atribuições definidas e saibam realmente o que é mais importante observar (ver "Entrevistas e Excursões" pág. 103).

Igualmente, as entrevistas serão de grande importância. As anotações feitas durante as excursões e entrevistas, e mais a experiência que alunos e professores tenham sobre o assunto, servirão de base ao estudo e debate dos seguintes aspectos:

- o ponto mais favorável a um estabelecimento comercial (praça, cruzamento de ruas, por exemplo)
- tipos de lojas existentes, no local — as necessidades básicas do homem (alimentação, vestuário, abrigo) atendidas pelas lojas
- benefícios que o comércio traz, facilitando a vida das pessoas
- a especialidade do estabelecimento visitado
- atitude adequada a quem dirige e aos empregados
- atitude dos fregueses
- os deveres de cortesia mútua
- o prédio, o exterior e o interior; as vitrinas, as marquises, os balcões, os títulos, os dizeres S.A. e Cia. Ltda.; a

luz fluorescente e os cuidados que devemos ter com os cacos da lâmpada

— compra e venda; gastos com empregados e material empacotado, impostos; o lucro que, por direito, cabe ao dono do estabelecimento

— como são entregues as mercadorias às lojas e em nossas casas

— os locais de proveniência das mercadorias — a origem dos produtos

— os atacadistas; a compra por atacado e a compra a varejo

— os caminhões de entrega, os carros frigoríficos etc.

A discussão desses assuntos é de grande utilidade, principalmente em muitas cidades do interior em que parte das crianças se destina ao comércio, não só por serem pequenas as possibilidades que o meio lhes faculta, mas também por tradição familiar.

A indústria

Quanto à indústria, as crianças poderão visitar uma fábrica que lhes não ofereça perigo, fazendo observações relativamente:

— à especialidade da fábrica

— ao que vêm a ser matéria prima e artigo manufaturado

— ao trabalho manual e à máquina, oportunidade para um e outro, na fábrica

— ao escoamento do produto manufaturado

— à localização da fábrica

— às relações entre empregado e patrão (comentários simples: cortesia mútua, colaboração etc.).

— aos direitos e deveres dos empregados (aspectos simples de trabalho)

— aos horários de trabalho

— à ligação entre a fábrica e a vida da localidade (fonte de renda e emprego para um grande número de pessoas)

— ao valor da indústria em si.

Um grupo de alunos poderá entrevistar um elemento da diretoria, um chefe de seção ou mesmo um operário para isso credenciado.

ASPECTOS SOCIAIS DA COMUNIDADE VIVIDOS PELAS CRIANÇAS, NA ESCOLA

— o comércio, a indústria e os serviços públicos —

Seria interessante e talvez mesmo fundamental que as crianças vivessem, na escola, a vida de uma comunidade em seu aspecto global, a fim de conhecê-la melhor.

Havendo dificuldades que o impeçam, as crianças poderão viver, separadamente, aspectos da vida de uma comunidade, o que não prejudicará a aprendizagem, desde que a professora mantenha vivo, em todas as ocasiões, o espírito de comunidade e tenha sempre presente a formação de hábitos e atitudes que façam da criança um cidadão consciente. Assim, a professora poderá reproduzir, com as crianças, na sala, no corredor da escola ou em outro local apropriado, um trecho de rua, mantendo, durante o ano, em atividade, uma loja, por exemplo, um departamento dos Correios e Telégrafos, uma farmácia e, num canto da sala, uma escolinha (onde a professora ou mesmo um aluno esclareceria as dúvidas dos colegas), um teatrinho ou um cinema. Havendo várias turmas de 2.º ano, cada uma delas poderia desenvolver um desses trabalhos.

Seria feita, assim, uma seleção de aspectos sociais.

(Ver em sugestões de atividades “Organização e funcionamento de uma loja de doces” pág. 118 e “Organização e funcionamento de uma farmácia” pág. 115).

No que concerne aos Serviços Públicos, será, pois, interessante, além da realização de excursões, que os próprios alunos os desenvolvam no currículo escolar.

Estaremos, assim, valorizando a ação da criança como membro importante da sociedade a que pertence, ao mesmo tempo que a fazemos sentir a eficiência de sua colaboração.

Assim, grupos de alunos poderão cuidar de:

Limpeza Pública

— conservar a sala de aula e a escola em boas condições de limpeza, procurando utilizar devidamente cestas ou caixas de coleta de papéis, se existirem. Em caso contrário, as crianças poderão forrar caixas grandes ou pintar latas e distribuí-las pelas diversas dependências da escola

— verificar as condições de higiene do prédio, em geral (observar ralos, por exemplo)

Assistência Social e Saúde Pública

— auxiliar o tratamento de crianças que se machuquem; organizar e cuidar da farmácia de classe; observar hábitos de higiene; aconselhar o uso individual do lenço, toalha e sabonete para lavar as mãos; acabar com as poças d'água; coletar roupas e brinquedos que possam ser aproveitados por crianças necessitadas.

Escolinha

— auxiliar os alunos mais atrasados ou que tenham sido obrigados a faltar às aulas; organizar jogos para treino, fichas de exercícios etc.

Correio

— transmitir recados, enviar e receber a correspondência da escola etc. (ver “Uma experiência de correio escolar” — pág. 112).

Serviço de trânsito

— fazer observar as leis de precedência (fila); manter-se à direita.

Bibliotecas e museus

— zelar pela biblioteca da classe; pelas coleções de estampas, de jogos, de fichas de estudo etc.

Cinema

— organizar coleções de gravuras, vistas, desenhos e aproveitá-los em filmes.

“Essa divisão em grupos para o desempenho de serviços ligeiros tem como escopo fazer que a criança se habitue:

— a assumir responsabilidade de trabalho;

— a ter ordem e asseio;

— a cooperar;

— a ser polida na linguagem e na conduta;” (*)

(*) Ciências Sociais na Escola Elementar — INEP — 1955 — pág. 58.

enfim, a cumprir, em pequena escala, as grandes obrigações que acarretam os Serviços Públicos, tanto aos cidadãos que dêles se desincumbem, como aos que dêles usufruem.

ASPECTOS LIGADOS À HIGIENE E SAÚDE — ESTÍMULO À UTILIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE DA COMUNIDADE

Reconhecendo a necessidade, em nosso meio, de um amplo movimento em prol da *educação da saúde*, levar a criança a compreender, por sua própria atividade nesse sentido, que a saúde envolve o *bem-estar físico, mental e social*.

Quando as crianças, por exemplo, chegarem ao fim de um trabalho em que se empenharam vivamente, e mostrarem-se felizes, fazê-las compreender que seus esforços levaram-nas a essa condição de felicidade e bem-estar.

Ao término de um trabalho em colaboração, e que se tenha realizado em ambiente propício, fazer ressaltar as condições de ordem e harmonia que a êle presidiram, a satisfação que as mesmas trouxeram, os resultados que permitiram.

Há, por vêzes, na turma, situações em que se faz silêncio e todos experimentam os benefícios da tranquilidade. Sem admoestações ou crítica, mas objetiva e serenamente, comparar êsse momento repousante com outro em que as condições tenham sido adversas.

Não se trata, é claro, de importunar as crianças com essas observações, mas de aproveitar a receptividade que revelam então, no sentido de mostrar-lhes com naturalidade que a colaboração, o respeito, a harmonia, enfim, as atitudes positivas criam bem-estar e melhores condições de vida.

Perguntas como:

“por que nos estamos sentindo bem, agora?”

“por que estamos satisfeitos?”

conduzem, quando formuladas no momento exato, à compreensão das condições de bem-estar mental e social.

Assim, as crianças ir-se-ão preparando para usufruir mais tarde, e plenamente, das ocasiões de recreação que a comunidade lhes oferece, como os parques, por exemplo, ou espetáculos de circo, teatro etc.

E no sentido ainda da *educação da saúde* em seu tríplice aspecto, considerar:

a) o aprêço à saúde física e às regras de higiene;

b) o dever de prevenir doenças, através não só dessas regras de higiene, como do uso de vacinas preventivas, de tratamento dentário etc.

c) o dever de observar certos cuidados em relação aos demais, quando estiver doente (gripe, resfriado etc.).

d) os recursos de que pode e deve lançar mão para não transmitir doenças — uso individual do lenço, do copo, a necessidade de evitar visitas a enfermos de doenças contagiosas, de beber água filtrada ou fervida etc.

e) a necessidade de viver em ambiente adequado — a inconveniência de dormir em um cômodo completamente fechado, a necessidade de evitar poças d'água e vasilhames com água estagnada, a coleta ou queima de lixo, o cuidado com animais transmissores de doenças, a limpeza, o bom-gôsto etc.

As crianças serão levadas a concluir que há reais vantagens para todos quando há *saúde*, e que a preservação da mesma, importando em maior produtividade, é um dos grandes interesses da comunidade, além de o ser de cada indivíduo, em particular.

E que essa preservação da saúde depende, principalmente, de cada indivíduo, e do bom uso que êle faz dos serviços de saúde da comunidade. Nesse sentido, fazer com as crianças o levantamento dêsses serviços, isto é,

- dos Postos de Saúde
- dos Hospitais
- dos Postos de Puericultura
- do Pronto-Socorro local

e ressaltar ainda a colaboração que prestam, aos departamentos de saúde, servidores modestos como

- o mata-mosquitos
- o lixeiro etc.

A LOCALIDADE

OBSERVAÇÕES DOS ASPECTOS GEOGRÁFICOS EM CORRELAÇÃO COM A VIDA ECONÔMICA E SOCIAL DA COMUNIDADE

O estudo da localidade está condicionado às suas características, já que se pode tratar de um simples lugarejo ou de uma cidade, estar situada numa ilha, em zona agrícola etc.

Tomando conhecimento da vida da comunidade, estará a criança estudando a localidade também em seu aspecto geográfico, a que se liga sua forma de vida.

Os aspectos geográficos serão pois observados em correlação com a vida econômica e social da comunidade, já que constituem sua base territorial.

Haverá largas oportunidades para a observação dos seguintes aspectos locais:

- situação geográfica;
- ruas, praças (estradas, caminhos, picadas);
- casas de residência;
- casas comerciais;
- escolas;
- igrejas;
- locais de diversão, inclusive bibliotecas infantis e clubes esportivos;
- repartições públicas;
- estabelecimentos bancários;

fábricas;
a estação de estrada de ferro, o cais; rodovias; campos de aviação;
montanhas, vales, planícies, rios, lagos, mares e ilhas; pontes e túneis;
os fenômenos atmosféricos e sua influência na vida da comunidade em geral

Para a observação dos aspectos locais, do ponto-de-vista dos Estudos Sociais, apresentamos as seguintes sugestões a serem adaptadas a cada caso.

Situação — terreno montanhoso, praia ou outras características determinando o sentido de expansão da localidade.

Exemplo: expansão inicial no sentido do comprimento porque a praia é o limite natural e a rua principal cresceu ao longo da mesma; localidade irradiando de uma praça e tomando todo o vale, via natural de penetração e fixação do homem.

As crianças irão sendo iniciadas na compreensão de que os aspectos geográficos da comunidade, inclusive rios, lagos, ancoradouros, estradas naturais, determinam, de certo modo, as condições de vida e progresso.

Assim, irão compreendendo que:

- vive mais gente nas planícies que nas montanhas
- terras planas são mais fáceis de atravessar do que terras acidentadas e montanhas
- o aproveitamento de terras planas é mais fácil e mais econômico
- terras montanhosas são usadas, inclusive, com o objetivo de recreação e saúde
- em alguns pontos da terra crescem florestas, em outros há pastos e em outros ainda, desertos
- as comunidades, de um modo geral, se localizam, de preferência, próximo às nascentes d'água
- um ancoradouro tem grande importância na vida da localidade por ser um abrigo natural etc.

Praças e ruas principais — O motivo por que são consideradas principais; as características desses locais:

- o transporte e o movimento de pessoas;
- os sinais de tráfego e as faixas de segurança;
- as horas de maior movimento;
- o tipo de calçamento;
- as lojas;
- as casas de diversão;
- os brinquedos da praça.

Outras ruas:

predominância de casas residenciais — os motivos; iluminação e arborização das ruas.

Tipos de habitação — edifícios de apartamentos, casas isoladas, casas de habitação coletiva, barracões etc.; o aspecto e a predominância de um tipo; as áreas livres.

Estabelecimentos comerciais, fábricas e pequenas indústrias.

Igrejas — os serviços sociais prestados à comunidade.

Estabelecimentos bancários:

localização — lugar em que há muito dinheiro em circulação, comércio forte, indústria; utilidade.

Repartições públicas

diferença entre serviço público e serviço particular, no que concerne à utilização, pelo público, desses serviços.

Escolas — serviços prestados à comunidade.

Construções em andamento

importância do planejamento; a planta e a licença para a construção;

materiais de construção; madeira, tijolo, pedra, cimento; transporte do material;

procedência do material;

responsabilidade dos operários;

ferramentas e máquinas utilizadas;

salários; especialização;

o que representa a construção para o progresso do lugar.

Clubes sociais, culturais e esportivos — significação na vida da comunidade.

Terras e águas da localidade — em correlação com o trabalho do homem, aproveitamento das fontes de produção.

Granjas, sítios, chácaras, fazendas — a cultura da terra e a criação de animais.

Estação de trens e o cais — o que representam para a comunidade — o escoamento de produtos.

Rodovias e campos de aviação.









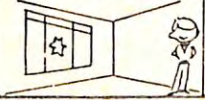
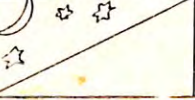


Fenômenos atmosféricos e sua influência na vida da comunidade — épocas de chuva, período de seca, ventos, de que lado o sol surge e de que lado desaparece (estudo da orientação na localidade), época do ano em que o sol é mais forte, época em que faz mais frio, época em que faz mais calor etc.

REGISTRO DA OBSERVAÇÃO DE FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

Como no 1.º ano, o resultado dessas observações deve ser registrado pela criança em cartazes ou quadros-murais apropriados ou mesmo em cadernetas individuais.

Apresentamos, como exemplo, os seguintes registros de observações sobre fenômenos atmosféricos, registros que se vão aperfeiçoando, até chegar a gráficos, embora de simplicidade condizente com o nível de estudos no 2.º ano.

Devemos acrescentar que as crianças devem ser incentivadas a registrar esses fenômenos atmosféricos de maneira pessoal, a fim de se lhes permitir iniciativa e originalidade.

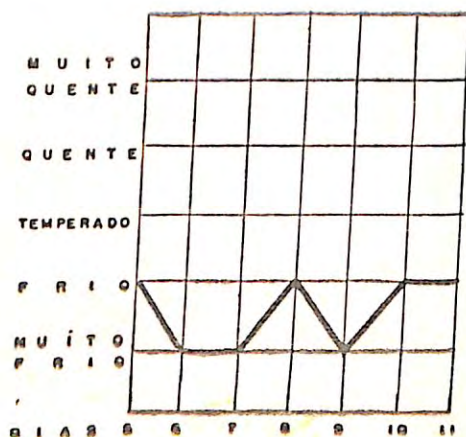
MÊS DE JUNHO			
DIA	TERÇA FEIRA	LOCAL	
MOMENTOS DO DIA	CÉU	TEMPERATURA	VENTO
			
			
			

TIPOS DE NUVENS OBSERVADAS			
MÊS DE	LOCAL		
			
DIAS	DIAS	DIAS	DIAS
-----	-----	-----	-----
-----	-----	-----	-----

GRAFICO DE TEMPERATURA

SEMANA: 5 A 11 DE SETEMBRO

LOCAL: _____



REPRESENTAÇÃO MATERIAL DA LOCALIDADE

As crianças, tendo feito, no 1.º ano de Estudos Sociais, a planta da sala de aula, poderão fazer agora a planta da escola e a da vizinhança da escola, tomando para ponto de referência, neste caso, a própria escola e outros edifícios que se destaquem nesse trecho da localidade.

Para isso será necessária uma pequena excursão de reconhecimento, a fim de que as crianças identifiquem as ruas, cujos nomes em geral desconhecem.

No traçado da planta da vizinhança da escola dar-se-á a noção de ruas paralelas e ruas transversais — paralelas ou transversais (perpendiculares) àquela em que se acha localizada a escola. Ao mesmo tempo, a professora deverá exercitar as crianças relativamente às direções Norte-Sul-Leste-Oeste, já que a orientação deve ter sido objeto de experiências anteriores, seja a propósito da escolha da hora para a realização de uma das excursões (hora em que o sol não esteja muito forte, por exemplo, e o calor muito intenso), seja através do que foi anotado no caderninho de observações, enfim de acôrdo com o desenvolvimento das atividades de classe (ver "Excursões" pág. 106).

No traçado da planta da vizinhança da escola, será focalizada a direção em que a mesma está situada.

Orientação é um assunto de interesse para a criança, isso porque a professora utiliza a experiência que ela muitas vezes já tem, relativamente ao lugar em que o sol nasce e se põe. Se a criança não tem essa experiência, gostará de fazer observações a respeito e concluir. É preciso que a criança compreenda, é claro, que, sabendo uma direção, poderá determinar as outras.

A orientação pelo Cruzeiro do Sul surgirá, provavelmente, por exigência da curiosidade e raciocínio infantis.

Em relação à *planta da vizinhança da escola*, a mesma técnica usada para o 1.º ano usar-se-á no 2.º ano, colocando-se blocos de madeira ou caixas representando quarteirões e retirando-os, após riscar em volta, o que dará desde logo a noção de alinhamento das casas.

Aliás, êsses blocos de madeira ou essas caixas de papelão, conservados em seus respectivos lugares, constituem a maquete da vizinhança da escola. Como atividade preparatória dessa maquete poderão as crianças utilizar o tabuleiro de areia, nêle se exercitando na reprodução dos aspectos topográficos (ver "execução de diorama ou de maquete rudimentar" pág. 121).

Serão também feitas *plantas* em que fiquem assinalados percursos: o da casa do aluno à escola, se a casa fôr perto da escola, o da mãe para as compras, do pai para o local de trabalho, se éste fôr também próximo à casa, o trajeto de uma das excursões etc. Haverá então oportunidade para o traçado de linhas retas e curvas.

Poderá ainda a professôra lembrar a necessidade de calçadas para uso de pedestres, assim como das faixas de segurança já mencionadas.

Como no 1.º ano, as crianças enriquecerão sua experiência no sentido da planificação, olhando de *cima para baixo*: olhar de cima a maquete da vizinhança da escola e compará-la depois com a planta que resultou quando se tiraram os blocos de madeira.

Outras planificações possíveis:

- a praça;
- a horta da escola, com seus canteiros diversos;
- projeto para a execução de um jardim;
- projeto enfim para o que desejarem construir, inclusive a maquete do bairro.

Faz-se necessário ainda realizar exercícios de identificação entre a realidade e a planta e entre esta e a realidade.

Exemplificando: deverá a criança procurar, na planta da vizinhança da escola, determinada rua ou determinado edifício, ou designar a professôra um detalhe (um traço ou sinal convencional) e perguntar a que corresponde na realidade — iniciação à interpretação de símbolos no mapa.

Capítulo 5

INTERESSE HISTÓRICO E COMPREENSÃO DE CONCEITOS HISTÓRICOS

O 2.º ano de Estudos Sociais, no que se refere à *formação do conceito de História e valorização de fatos e homens de interesse histórico*, desenvolverá os objetivos do 1.º ano e dará oportunidade a que sejam considerados mais os seguintes aspectos:

- *continuidade de esforços* no sentido do bem comum;
- *noção de progresso* como resultado desses esforços;
- *interesse* pelos aspectos históricos, em geral.

Tomando conhecimento objetivo das condições de vida locais e de que muitos indivíduos contribuem para a vida do grupo, as crianças sentirão suas responsabilidades como *cidadãos* com direito a se utilizar dos serviços da comunidade. E estarão incentivadas relativamente à sua própria contribuição para a vida em comum, sua melhoria e progresso. O que representa, por certo, significativa iniciação no conceito da *continuidade de esforços no sentido do bem comum*.

Ao mesmo tempo, os aspectos de vida que observarem, principalmente no que diz respeito a modificações que apresentam em relação ao passado e à feição que o progresso lhes vai imprimindo, irão iniciando a criança na noção do *progresso* resultante da continuidade desses esforços.

A observação dos *meios de transporte e de comunicação*, por exemplo, serve de maneira feliz a êsse objetivo, já que a criança se interessa muito por êsses aspectos, e facilmente compreende a importância do aperfeiçoamento dos mesmos para as condições da vida social em progresso, principalmente no confronto que faz dos primeiros meios de transporte e comunicação com os atuais.

Haverá ainda a oportunidade de mostrar como o aperfeiçoamento desses meios de transporte e comunicação leva à

economia de tempo, o que representa elemento de valia para a compreensão futura dos conceitos de distância e tempo, ligados ao de progresso.

Para que essa compreensão se torne mais fácil, levar os alunos à apreciação de meios de transporte antigos como liteiras, carroças, bondes de tração animal etc. em função do tempo, levando-os a concluir que êsses meios de transporte estão ligados a uma época que já passou, mostrando ainda outros aspectos que caracterizavam êsse tempo, como os relacionados à maneira de vestir, aos costumes, ao trabalho e recreação. Assim as crianças irão compreendendo que há diferença no modo de viver atual em relação ao modo de viver, no passado.

Gravuras e fotografias também deverão ser utilizadas, principalmente aquelas em que se façam sentir as diferenças de vestuário e até de fisionomia (cabelos repartidos ao meio, bigodes etc.), levando à compreensão de épocas diferentes. Álbuns de família poderão ajudar nessa reconstituição do passado, fazendo sentir que o passado já foi vivido tal qual o momento presente.

É interessante partir de fatos mais diretamente ligados ao progresso da comunidade, como vimos fazendo, e dêstes passar, no 3.º ano, à história dos costumes, do vestuário, da habitação e das formas de trabalho e divertimento.

É preciso ainda que a criança não só conheça a significação do nome do bairro, povoação ou cidade em que vive, como também tenha conhecimento das pessoas que têm contribuindo e contribuem ainda para o progresso do mesmo, havendo o cuidado de ressaltar o esforço de elementos modestos que trabalharam pelo bem comum.

É importante compreender que várias pessoas contribuíram com seus esforços para melhorar as condições de vida, *no passado*, assim como outras contribuem *agora* para o mesmo fim e outras ainda continuarão a contribuir, para isso, *no futuro*.

E como, através da História, visamos à formação, devemos fazer sentir não só a gratidão que de nós merecem essas pessoas do *passado*, como também o desejo de continuar seus esforços, e respeitar e auxiliar os que o fazem.

As crianças, familiarizando-se com as personagens que se têm feito admirar no meio em que vivem — um médico, um engenheiro, uma professora, o vigário, o guarda, um comerciante etc. — compreendendo a contribuição dêstes indivíduos para o bem comum e progresso da localidade, estarão sendo preparadas para compreender *mais tarde* a importância dos grandes homens em relação aos fatos históricos, e a tomar uma atitude adequada, valorizando-os.

Dando prosseguimento à história local, a professora procurará despertar a curiosidade das crianças pelos lugares históricos, monumentos, prédios, chafarizes etc. a fim de que as mesmas tomem conhecimento das realizações que contribuíram para o progresso da comunidade — no caso da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, o abastecimento d'água em tempo mínimo (arcos da Lapa), a extinção da febre amarela (Instituto de Manguinhos ou monumento a Oswaldo Cruz) etc.

Tais fatos serão devidamente esclarecidos pela professora, que poderá ainda interessar os alunos em leituras a êles referentes.

Pais de alunos ou outros elementos da localidade poderão colaborar nessa reconstituição do passado, principalmente se foram testemunhas ou mesmo intervierem em fatos com ela relacionados.

As crianças compreenderão, por sua vez, que também elas são testemunhas de transformações que se vão incorporando à história da localidade. A professora deve mesmo chamar atenção para êsse fato de grande importância na conceituação de História.

É de valor inestimável portanto, em relação ao estudo da História e aos fins de formação, a criança sentir a força dêstes acontecimentos no testemunho das pessoas que os viveram ou presenciaram.

As excursões a lugares em que existem construções antigas, o confronto das mesmas com as construções modernas, visitas a monumentos, coleções de cartões-postais, observação de selos etc. serão igualmente de grande utilidade nessa reconstituição do passado e darão autenticidade à História.

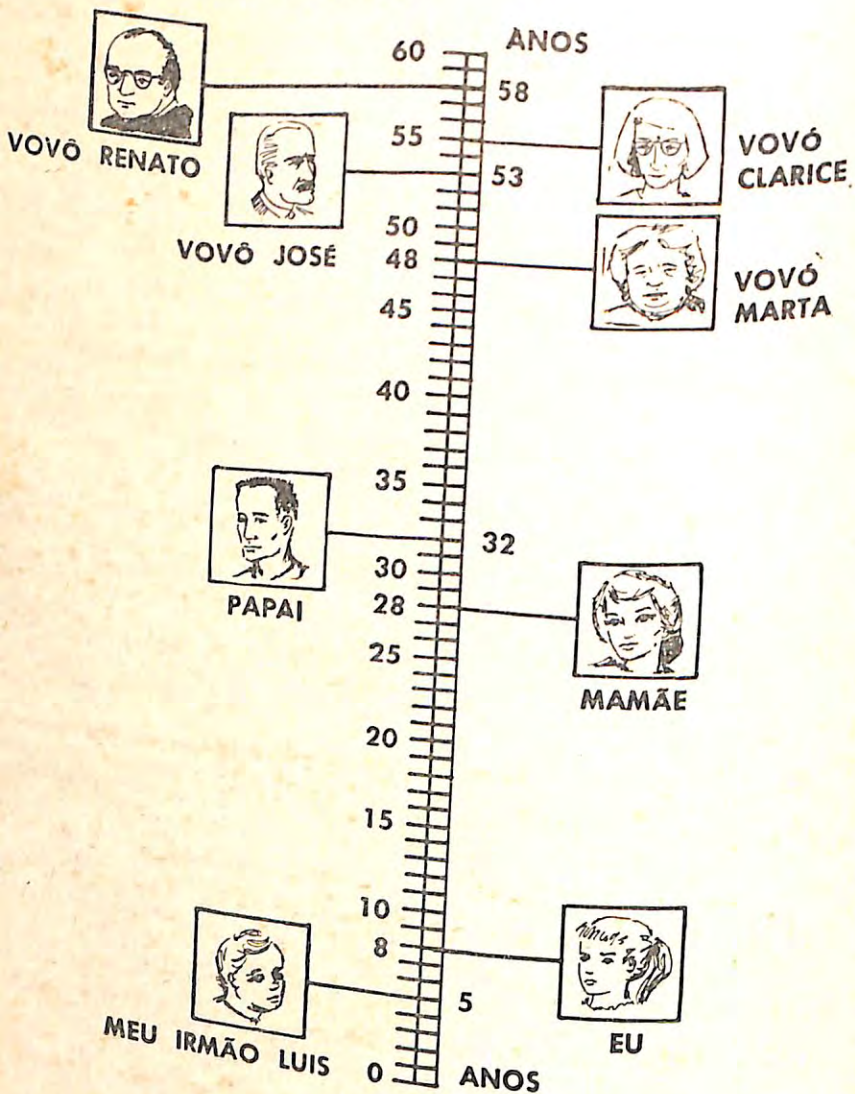
Gráfico das gerações

Nessa oportunidade será de grande interesse, e sobretudo útil às crianças, a organização de um gráfico de gerações, já que foi compreendida, no 1.º ano, a relatividade das idades dos alunos da turma, dos alunos das turmas sucessivas, das idades dos alunos e professores, dos alunos e seus pais e avós. Cada criança poderá fazer o gráfico de sua família, consultando os parentes, embora não se empregue, no momento, o termo "gerações".

As crianças irão percebendo apenas, através da diferença de planos, digamos assim, em que se situam êles próprios e seus irmãos, seus pais e avós, que o tempo passou, e os colocou em "planos" diferentes.

Se realizarem o mesmo gráfico relativamente a famílias conhecidas, mais depressa irão assimilando o *sentido de geração* e compreendendo que esses grupos que se formam em função da idade, distanciam-se no tempo.

Exemplificação de gráfico



Capítulo 6

ENTREVISTAS E EXCURSÕES

(valor das entrevistas e excursões — ver pág. 84)

Entrevistas

A professora deverá inicialmente informar-se a respeito de profissionais idôneos que possam fornecer às crianças os necessários esclarecimentos relativamente a ocupações úteis e mesmo a serviços de utilidade pública como o de abastecimento d'água, o serviço de telefones etc.

Deverá entender-se com o profissional, visando ao êxito da entrevista, isto é, à compreensão, por parte da criança, da importância e valor social da profissão, por mais modesta que seja.

As entrevistas deverão realizar-se fora do horário escolar (com exceção, é claro, das realizadas na própria escola) e podem apresentar as seguintes modalidades:

- um aluno entrevista o próprio pai;
- alunos entrevistam profissionais que vão a sua casa no exercício da profissão, como o padeiro, o leiteiro, o carteiro, o mata-mosquitos, o lixeiro, e, em algumas regiões do Brasil, os vendedores ambulantes (mascate, regatão etc.);
- grupos de alunos entrevistam profissionais da vizinhança, como o sapateiro, o dono da mercearia, o quitandeiro etc.;
- a turma entrevista profissionais convidados a vir à escola (açougueiros, donos de mercearias, engenheiros, dentistas etc.).

Necessidade de planejamento

Embora se reconheça a necessidade de um plano em relação a qualquer tipo de entrevista — já que a criança precisa pensar com antecedência nas perguntas que vai fazer, a fim de não perder tempo e de esclarecer o assunto dentro dos objetivos visados — é a entrevista feita por toda a turma em classe que exige planejamento mais minucioso.

Deve-se esclarecer, entretanto, que todo e qualquer planejamento é sempre feito pelos alunos em colaboração com a professora e sob a direção da mesma.

Dêse modo, o planejamento importará no seguinte:

- a) escolha do tipo de profissional de acôrdo com os fins em vista;
- b) pedido de autorização aos dirigentes da escola e comunicação do nome da pessoa escolhida, com as razões dessa escolha;
- c) como fazer o convite — pessoalmente, por carta etc.;
- d) escolha do dia e hora, de acôrdo com o convidado;
- e) discussão a respeito do que é útil conhecer sobre a profissão do entrevistado;
- f) como organizar as perguntas que deverão ser previamente apresentadas ao profissional, de maneira a ajudá-lo a preparar a entrevista — trabalho em colaboração no quadro negro, seleção, pela professora, de perguntas apresentadas pelos alunos, ou outros processos que ocorram, desde que se mantenha vivo o interesse da turma e haja participação ativa de todos os alunos;
- g) escolha do “reporter” ou dos “repórteres” no caso de entrevista, respectivamente, por grupo de alunos ou pela turma, embora os demais componentes do grupo se possam também manifestar;
- h) como fazer o registro da entrevista.

Ao “reporter” caberá a responsabilidade de dirigir a entrevista, e mesmo de fazer as perguntas de um modo geral, embora dando oportunidade a que falem aqueles que desejarem algum esclarecimento ou tenham algo pessoal a apresentar.

Ao organizar as perguntas que deverão ser previamente apresentadas ao profissional, a professora poderá fixar com os alunos um plano, como o seguinte, por exemplo:

— como se preparou o entrevistado para exercer a profissão

- em quanto tempo o fez
- quais as qualidades necessárias para bem exercer a profissão
- se houve aperfeiçoamento na técnica do trabalho desde que exerce a profissão
- se contribuiu para isso
- os instrumentos de trabalho que utiliza
- se êsses instrumentos são de fácil aquisição
- se já ensinou a alguém a profissão
- quantidade de trabalho que realiza em um dia
- que há de mais interessante no seu ofício
- casos que possa narrar

Registro das observações

a) *grupos de alunos entrevistam profissionais da vizinhança*

Os componentes do grupo tomam ligeiras anotações durante ou logo após as entrevistas que realizem, e posteriormente reúnem-se à professora a fim de preparar o relato. A reunião com a professora pode realizar-se durante a aula, desde que esta atenda de cada vez a um grupo e ocupe o resto da turma em outras atividades, preferencialmente de escrita. Os alunos apresentam suas anotações, que são discutidas e organizadas em sentença que a professora habilmente corrige, se necessário, e mesmo amplia, por vêzes, de acôrdo com a observação de outro componente do grupo. As sentenças são convenientemente concatenadas de maneira a constituir o relato que será apresentado à turma.

A professora escolherá o aluno que fará êsse relato, de acôrdo com o valor das anotações apresentadas e estimulará os demais no sentido de que sejam os futuros relatores. Ao relator caberá transmiti-lo à turma através de leitura oral.

b) *a turma entrevista profissionais convidados a vir à escola*

No que diz respeito à entrevista realizada pela turma, o respectivo registro far-se-á de acôrdo com as necessidades das crianças e a critério da professora. Poderá ser feito através de redação em colaboração, ou de respostas individuais às perguntas endereçadas ao entrevistado, incentivando-se as crianças no sentido de que consultem as anotações que porventura hajam tomado.

Outras considerações:

A professora pedirá ao profissional que aguarde as perguntas das crianças, a fim de que se realize realmente uma entrevista. As perguntas poderão de certo modo diferir das que lhe foram previamente apresentadas, desde que se man tenham dentro do que se convencionou ser importante co- nhecer.

O plano traçado não importa, como vimos, em cercea- mento da liberdade do aluno, no que diz respeito a perguntas que lhe ocorram no momento e, principalmente, àquelas que o levem a compreender melhor o assunto. A entrevista é algo vivo, dinâmico, que deve estabelecer contacto entre entre- vistadores e entrevistados, e não uma conferência, sem parti- cipação ativa da criança.

As entrevistas assim compreendidas são de grande utili- dade prática, no que se refere à aquisição de conhecimentos úteis e atitudes adequadas quanto ao trabalho. De igual modo, conduzem a criança no sentido da técnica da pesquisa, levando-a a procurar respostas para perguntas.

Excursões

A realização de excursões (*) é por vèzes dificultada pela responsabilidade de um número maior de alunos, já que todos desejam e devem realizar excursões e se torna por vèzes impraticável levá-los em grupos, dentro do horário escolar. Além disso, há necessidade de certo cuidado relativamente a lugares que apresentem perigo de acidente, como fábricas, por exemplo, ou locais em que haja lagos, poços etc.

Entretanto, as excursões, pelas oportunidades que apre- sentam de observação dos recursos locais e das atividades e realizações humanas, são indispensáveis ao conhecimento, pela criança, do meio em que vive.

Torna-se imprescindível, portanto, a colaboração dos pro- fessôres, da diretoria e das pessoas interessadas, como pais de alunos, por exemplo, a fim de que sejam removidas as condições que possam dificultar a realização desse tipo de atividade. Nos casos de maior dificuldade, a professora po- derá levar apenas um grupo, que fará um relato para os

(*) Referimo-nos aqui a excursões de mais difícil realização, embora inicialmente a professora deva organizar pequenos passeios pelas ruas próximas à escola, e visitar estabelecimentos da vizinhança, o que não apresenta maior dificuldade.

colegas, tendo o cuidado de levar os outros alunos, na pró- xima excursão.

As excursões deverão ser convenientemente preparadas e, antes de propô-las, a professora deverá realizá-las sòzinha, de maneira a verificar o que será interessante e proveitoso as crianças observarem, e a fim de obter boa-vontade e compreensão para com as mesmas. Nessa oportunidade, de- verá entender-se com a pessoa destacada para informar as crianças, a fim de pedir-lhe que seja atendido de cada vez um dos assuntos de que os grupos se irão incumbir.

A professora traçará, com os alunos, o plano da excursão que se fará, de cada vez, a um dos Serviços de caráter pú- blico, ou a um dos locais ligados ao desenvolvimento social e econômico da comunidade.

Esse planejamento será feito de maneira que as crianças compreendam que estão colaborando com suas idéias para o traçado final do plano.

A professora procurará estimular as crianças no sentido de que apresentem sugestões e aprendam a selecionar as melhores ou mais convenientes, dentre as apresentadas. Ha- verá a preocupação de mostrar às crianças que todos devem ter oportunidade de apresentar suas idéias, o que importará em alternar com os colegas a vez de falar, ouvir opinião dife- rente da sua, aceitá-la ou não, e mesmo solicitar a colabo- ração dos colegas que se mostrem mais reservados, além de procurar sempre ouvir atentamente.

Planejamento da excursão

Esse plano, em linhas gerais, constará do seguinte:

- 1 — objetivo em vista;
- 2 — local ou Serviço que se deseja visitar;
- 3 — observações que deverão ser feitas (essas observa- ções devem compreender, pelo menos, dois ou três assuntos, conforme vem explicado quando do exemplo da excursão ao Corpo de Bombeiros, pág. 108).
- 4 — solicitação de licença da diretora e do encarregado do Serviço que se deseja observar para realizar a visita, com previsão de dia e hora, quando não se tratar de local fran- queado ao público; neste último caso, a escolha do dia e da hora ficará na dependência do que combinarem alunos e pro- fessôres (dia e hora em que não haja muita afluência ao local, por exemplo);
- 5 — entendimento com quem irá atender e das informa- ções às crianças;

- 6 — como se dirigir ao local;
- a) trajeto conveniente — oportunidade para a apresentação do percurso, pela professora; as crianças irão fazendo a identificação do mesmo, durante a excursão;
- b) condução adequada — no sentido de não perder tempo ou cansar as crianças, e também no de evitar prejuízo aos que se dirigem ao trabalho e têm horário a cumprir, disputando-lhes a condução;
- 7 — despesa prevista;
- 8 — como atender às despesas da excursão — contribuição do grupo;
- 9 — necessidade de divisão de atribuições para que sejam observados em sua totalidade os diferentes aspectos que o local ou Serviço apresenta;
- 10 — organização dos alunos em grupos de trabalho — dois ou três grupos, por exemplo;
- 11 — material de trabalho necessário — lápis, caderno de notas etc.;
- 12 — divisão do trabalho de observação — de acôrdo com a divisão da turma em grupos de alunos.

A professora poderá dividir a turma em dois ou três grupos apenas e terá a auxiliá-la, se possível, a mãe de um aluno, uma colega ou mesmo outra pessoa interessada.

A divisão em grupos, além de atender aos objetivos educacionais, principalmente no que se refere à aquisição de hábitos e atitudes sociais convenientes, permite melhor aproveitamento das possibilidades de informação e esclarecimento que a excursão oferece, sem grande perda de tempo.

A excursão

No caso, por exemplo, de as crianças observarem uma rua do bairro, de passagem para a escola, ou num pequeno passeio, um grupo poderá observar, particularmente, as casas residenciais, outro, as comerciais, outro, ainda, os meios de transporte ou a sinalização do Serviço de Trânsito, as faixas de segurança etc.

No caso de excursão a um dos Serviços de que tratamos anteriormente, o Corpo de Bombeiros, por exemplo, todos os alunos se interessarão, naturalmente, pelas informações gerais dadas pela pessoa destacada para atendê-los, porém, a cada grupo incumbirá relatar apenas o que se referir a determinado assunto. Assim, um deles trata das informações relativas à rotina da vida do bombeiro; outro grupo, das primei-

ras providências no caso de alarme de incêndio; outro ainda, de como combater as chamas, por exemplo.

Cada aluno do grupo tomará as anotações que achar necessárias, — horas de trabalho, nome de algumas peças do equipamento etc. — e, regressando à escola, ou no dia seguinte, o grupo se reunirá para preparar o relato, sob a orientação da professora, que terá então, ótima oportunidade para o desenvolvimento de hábitos e atitudes sociais: falar um de cada vez (levantando a mão em sinal de que tem algo a dizer e espera ser atendido), respeitar a opinião do colega, aceitar colaboração, reconhecer falhas e procurar corrigi-las etc.

A professora poderá seguir a mesma orientação que apresentamos para preparo do relato quando da realização de entrevistas por grupos de alunos. Entretanto, como no caso presente não haverá novidade para os demais alunos da turma, poderá substituir a leitura oral por um ditado.

Se a professora, dadas as condições da turma, achar difícil iniciar desde logo êsse trabalho de equipe, os grupos poderão encarregar-se, apenas, de lembrar, à pessoa incumbida de informá-los, cada um dos aspectos que se deseja estudar. Será, mesmo assim, uma responsabilidade atribuída às crianças e de fácil desempenho.

O essencial é que as atividades realizadas esclareçam as crianças quanto aos benefícios prestados à comunidade pelos Serviços Públicos e particulares, comércio e indústria, o que as levará ao desejo de colaborar de imediato e na medida de suas forças. No caso da visita ao Corpo de Bombeiros, aqui focalizada, levar as crianças à compreensão de que podem cooperar de várias maneiras:

- tendo o devido cuidado com os fósforos;
- deixando de soltar balões;
- localizando os sinais de alarma na escola, na vizinhança etc.

A organização aqui prevista, entretanto, não se deve sobrepor à iniciativa das crianças, visto como o nosso principal objetivo é o enriquecimento de sua experiência individual. Elas poderão, assim, fazer as perguntas que desejarem, independentemente do assunto atribuído ao grupo. E poderão igualmente anotar ou desenhar algo que lhes desperte vivo interesse, embora não pertença às observações atribuídas ao grupo. A iniciativa e a espontaneidade caracterizam tôdas as excursões que são, para a criança, experiências de valor.

(Exemplo de trabalho que poderá decorrer das excursões realizadas: "Execução da maquete do bairro").

Visando à economia de tempo, portanto ao rendimento do trabalho escolar, uma professora antiga na escola, ou mesmo a sub-diretora ou a diretora, poderá preparar fichas sobre as características do local e as excursões de fácil realização, anotando as observações mais interessantes a fazer, as melhores horas para a realização da excursão, a duração provável da mesma, a que pessoas deverá a professora dirigir-se ao chegar ao local etc.

Esse trabalho, porém, não dispensa a visita da professora ao local, antes de levar os alunos.

Essas fichas irão sendo enriquecidas ou completadas pelas professoras que realizarem as excursões e de acordo com a reação das crianças.

ATIVIDADES DE LINGUAGEM E MATEMÁTICA DECORRENTES DAS ENTREVISTAS E EXCURSÕES

As observações realizadas darão oportunidade a trabalhos de redação em colaboração, organização e resposta a questionários e outros exercícios de linguagem oral e escrita. Poderão servir de tema a dramatizações, desenhos, organização de exposições e "filmes" para o cinema de classe, motivando ainda leituras que contribuirão para o enriquecimento da experiência das crianças.

É preciso, entretanto, que as crianças realizem as excursões com o maior interesse e sem constrangimento algum quanto à obrigatoriedade dos trabalhos que dela possam resultar.

Nesse sentido, e compreendendo a professora que os objetivos da excursão estarão alcançados, em grande parte, na simples realização da mesma em situação de interesse e em ambiente de compreensão e simpatia, os trabalhos decorrentes das observações feitas devem resultar o mais possível da iniciativa das crianças, ou, pelo menos, ser de seu inteiro agrado. Assim, feito o relato do que observarem, numa reunião do passeio, ou mesmo numa troca natural de impressões, e aproveitadas as oportunidades para a interferência discreta da professora no sentido da justeza da observação e do acerto da linguagem, os trabalhos subseqüentes podem ser uma dramatização, uma redação em colaboração no quadro-negro, um questionário, um ditado ou simples anotação no caderninho de observações. A realização de drama-

tizações dependerá, é claro, das condições de seriedade e dignidade de que as mesmas se possam revestir.

O importante é que os trabalhos não decorram de uma rotina cansativa e desagradável, seguindo-se a cada excursão uma redação ou um questionário, por exemplo.

Aliás, o trabalho de observação será mais produtivo se as crianças lhe emprestarem certo cunho pessoal. A professora poderá interessá-las pelo *caderno de observações*, pedindo que o adquiram conforme seu próprio gosto e façam os desenhos que desejarem, não só relativos às excursões e entrevistas, como também para enfeitá-los. Não serão cadernos de notas, mas de "*lembranças*" dos passeios.

A professora evitará corrigir o que nêles estiver escrito, sugerindo que os próprios alunos o façam, cuidadosamente, sob sua orientação. O *caderninho de lembranças* dos passeios, tendo êsse cunho pessoal, conterà revelações úteis.

Se a professora ou as crianças preferirem, poderão ser usadas fôlhas esparsas, colecionadas ordenadamente, por exemplo, em *pastas de côr* feitas pelas crianças e por elas mesmas ilustradas. As pastas poderão, igualmente, guardar as fotografias tiradas durante as entrevistas e excursões.

Quando a natureza de excursões exigir que cada grupo observe apenas um assunto, ou mesmo um dos aspectos do assunto a estudar, os alunos que constituírem as diferentes equipes poderão fazer relatórios orais do que observaram, respondendo também às perguntas dos colegas, o que constituirá ótimo exercício de linguagem oral. As crianças poderão anotar, formando frases, o que aprenderam com a experiência dos colegas.

A Matemática encontrará oportunidade de expressão em muitas anotações feitas relativamente à despesa com a excursão, horários de trabalho, preço de material etc. As observações relativas à indústria e ao comércio tornarão mais amplas essas oportunidades.

Das excursões poderá surgir interesse por criar na escola uma lojinha, o que será de grande valia para o ensino de Matemática.

ATIVIDADES SUGERIDAS

1 — Correio escolar

Poder-se-á, nas escolas, dar maior relêvo a alguns dos Serviços Públicos, principalmente àqueles que ofereçam maiores oportunidades à ação educativa.

Entre êstes, destaca-se o Correio, que conduz a um clima de colaboração e intercâmbio entre as turmas, pois o hábito de troca de correspondência possibilita que os laços de amizade se firmem e tenham maior significação.

A título de sugestão, reproduzimos aqui uma experiência escolar rica de situações favoráveis a êsse estímulo.

Na cidade do Rio de Janeiro, a Escola Guatemala, escola-laboratório do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, reorganizou, em 1959, o "Correio Escolar", criando para as crianças, realmente, uma situação de vida.

O interesse surgiu quando as crianças encontraram, num armário da escola, um boné e uma pasta de carteiro deixados pela turma também do 2.º ano que organizara um correio escolar em 1957.

De 30 de março a 18 de maio de 1959, a turma reorganizou o correio. Êsse trabalho foi realizado com um grupo de crianças de sete anos e meio que cursava o 2.º ano, e foi orientado pela professora Dirce de Souza Daemon.

A idéia poderia ter surgido também da observação da chegada ou saída da correspondência da escola, do movimento de alunos transmitindo recados, de informações sobre o bairro entregadas às crianças pelo carteiro do lugar quando de uma entrevista, de uma conversa sobre meios de transporte e comunicação ou sobre a maneira de enviar uma carta escrita pela turma, sem despesa, graças ao trabalho da própria

Foi essa uma experiência rica pelas oportunidades vivas que ofereceu à aprendizagem.

Examinemos, pois, êsse trabalho do ponto-de-vista dos Estudos Sociais.

Nas discussões preliminares (após as clássicas perguntas: "Como funcionará o nosso Correio?" e "Para que vai servir?") houve oportunidade para:

— relacionar os serviços prestados pelos carteiros através da narração de experiências anteriores das crianças (colocar cartas no Correio e passar telegramas a pedido dos familiares, acompanhar os pais quando do recebimento ou remessa de encomendas, ou de envio de dinheiro para o interior do país etc.);

— comentários sobre o funcionamento do Correio, chegando inclusive a constatar a importância dos meios de transporte e ao interesse de estudá-los mais minuciosamente;

— reconhecer a importância do trabalho a iniciar;

— informar sobre a utilidade do Correio como instituição pública e a maneira pela qual é mantido pelo Governo;

— informar sobre outras instituições, a fim de levar as crianças a compreender melhor a função do servidor público;

— levar a compreender a necessidade de submeter à opinião da Diretora da escola o que planejavam, visto como o Correio teria influência no andamento de todo trabalho do grupo escolar;

— levar a sentir a necessidade de planejamento.

Durante o planejamento, houve oportunidade para:

— levar à especificação do equipamento necessário ao Correio, pela qualidade e espécie dos serviços a prestar; *caixa coletora*, *guichê* para recebimento de encomendas postais, *um quadro com caixas postais* para o movimento interno da turma, uma pasta individual para a correspondência partitular e para os trabalhos que se relacionassem com o Correio;

— tomar conhecimento da utilidade das caixas-postais; — valorizar o trabalho alheio e a continuidade de ação, desenvolver a iniciativa e o senso de economia (aproveitamento da caixa-coletora deixada pelo grupo de 1957);

— familiarizar o grupo com as atitudes corretas de julgamento através da organização de um concurso (escolha do modelo do guichê);

— valorizar o bom aproveitamento do espaço e o gosto estético (sugestão da professora a respeito das caixas-postais e da colocação das mesmas em um quadro);

— mostrar as vantagens do trabalho feito por grupos (divisão da turma em equipes).

Durante a execução do equipamento acima citado e do mais que se fez necessário, houve igualmente ricas oportunidades de aprendizagem:

Na confecção dos selos — busca de motivos adequados à finalidade — possibilitando a atuação da capacidade imaginativa (a turma utilizou etiquetas carimbadas com a figura do índio Poti, uma das personagens de um livro de histórias que havia feito no 1.º ano); compreensão da necessidade de mecanização na feitura de selos, na vida real, por questão de ordem econômica (o grupo desejava desenhar os selos, um por um).

Na confecção dos envelopes — observação dos vários tipos de envelopes, permitindo comparar feitos; observação, nos envelopes do correio aéreo, da borda colorida que indica a nação de origem; informação sobre a existência de outras nações e de símbolos que as representam; conhecimento dos símbolos de nossa Pátria (a professora não pretendia alongar-se tanto em relação ao assunto, mas o interesse das crianças levou-a a isso).

Na confecção dos cartazes de propaganda — compreensão da necessidade de divulgar a existência de mais um serviço na escola, visando ao benefício geral, valorização da idéia-motivo, do gosto estético, boa aceitação da crítica construtiva.

As crianças fizeram o guichê de madeira com a professora especializada em trabalhos manuais, mas poderiam tê-lo feito de cartão, ou ter levantado ripas em continuação às arestas de um caixote revestindo três lados desse conjunto com papel pardo e abrindo, num dos lados, o “guichê”.

As discussões sobre a inauguração festiva levaram a: — dar à festa o sentido de seriedade inerente ao serviço a ser inaugurado (uma festa com “cortes de fitas” e relato do trabalho feito);

— mostrar a vantagem que há em utilizar o concurso de vários elementos de um grupo (antes fôra sugerido um discurso, o que daria oportunidade a uma criança, apenas);

— desenvolver atitudes e hábitos positivos na escolha dos oradores que representariam a todos (concurso de leitura, levando a grande interesse pelo treino da leitura).

A eleição dos novos “servidores públicos” (carteiro e funcionária do guichê), deram oportunidade ao exercício de atitudes e hábitos democráticos.

A compreensão da necessidade de normas para o bom andamento de um serviço, ao mesmo tempo que desenvolvia a responsabilidade social, trouxe a organização do regulamento do Correio Escolar, cuja redação transcrevemos:

Regulamento do correio escolar

1.º — O Correio servirá a todos os alunos e professores da Escola Guatemala.

2.º — A correspondência deverá ser colocada na caixa coletora que ficará no corredor do 2.º andar.

3.º — Os pacotes deverão ser entregues diretamente no guichê da sala 2, entre 11 h e 11h 30.

4.º — O carteiro fará a distribuição da correspondência entre 11h e 11h 30.

5.º — O Correio Escolar não se responsabiliza pelas cartas que não venham com o sobrescrito legível e correto.

6.º — A correspondência deve ter nome e endereço do remetente no verso do envelope, para que a carta possa ser devolvida, caso não seja encontrado o destinatário.”

Tôdas as crianças aprenderam a sobrescritar com os endereços completos do destinatário e do remetente, o que veio permitir referências e observações relativas às ruas, praças, lojas, etc., do bairro em que residiam.

Outras oportunidades surgiram no decorrer dos trabalhos. Entre essas, por exemplo, o de levar à compreensão da absoluta necessidade do *sigilo* da correspondência; de que o selo é uma *contribuição* do cidadão pelo trabalho que recebe do Serviço dos Correios; de que os motivos usados para os selos têm sua inspiração em assuntos de grande valor para o país do ponto-de-vista cultural, econômico ou político.

Seria interessante também duas ou mais escolas fazerem um trabalho de conjunto, organizando agências de correio. Cada escola apresentar-se-ia como uma comunidade. A sede distrital, a diretoria da escola, ou mesmo professoras amigas encarregar-se-iam de fazer chegar a correspondência “de uma comunidade a outra”.

2 — Organização de uma farmácia

(ver Aspectos ligados à Higiene e Saúde pág. 90)

Tendo as crianças compreendido o aprêço da comunidade pela saúde do indivíduo, levá-las a interessar-se pela

organização de uma "farmácia", no sentido de viverem, na escola, como aqui preconizamos, as responsabilidades e os problemas da comunidade.

Durante o planejamento geral do trabalho haverá oportunidade para:

- levar a sentir a necessidade de planejamento;
- desenvolver a capacidade de previsão;
- utilizar experiências anteriores no que diz respeito a atitudes sociais.

Todo o trabalho, tanto de planejamento, como de execução propriamente dita, será orientado pela professora, não só no que se refere a conhecimentos e técnicas mas também, e principalmente, no que diz respeito a atitudes sociais.

Quando da organização da lista de remédios necessários aos primeiros socorros em caso de acidente, haverá oportunidade para:

- verificar a necessidade de medicamentos específicos, pela enumeração de pequenos acidentes e males que podem ocorrer na escola;
- informar sobre higiene e saúde, levando a hábitos e atitudes convenientes na vida diária (exemplo: necessidade de usar desinfetantes no caso de ferimentos, de guardar imobilidade quando houver suspeita de fratura, de procurar o Pronto Socorro quando o caso for de maior gravidade, de tomar com a máxima presteza as providências adequadas no caso de ser mordido por um animal — encaminhar-se imediatamente ao serviço de vacinação (no Rio, Instituto Pasteur) e levar a exame o animal para verificar se este está acometido de raiva;

— realizar inquéritos em casa, e na própria escola — ouvir enfermeiras, e médicos, visando à organização da lista dos medicamentos; ouvir pais, professores, etc. sobre remédios caseiros, aproveitados apenas quando receberem aprovação do médico;

— valorizar a atuação do médico e do dentista, que vão às causas dos males, conduzindo à compreensão de que a farmácia infantil visa apenas a uma melhoria momentânea;

— informar sobre a necessidade de proteger certos remédios de agentes externos (poeira, claridade, calor etc.).

Execução do trabalho

Durante a campanha para aquisição de medicamentos, a professora não só evidenciará o dever de contribuir para uma causa benemerente em que, aliás, a própria pessoa que contribui é beneficiada, mas também valorizará a solidarie-

dade, a cooperação e a iniciativa (festinhas, sorteio de um objeto, contribuições, tanto monetárias, como de medicamentos etc.). Poderão ser feitos, igualmente, pedidos de amostras a médicos e laboratórios, pessoalmente e por carta.

Para guardar os remédios, as crianças poderão fazer um armário aproveitando caixotes ou caixas, ou mesmo reformando algum móvel existente na sala de aula, ou na escola, desenvolvendo, dêsse modo, o senso de economia, e os recursos de imaginação.

A execução de tarefas essenciais como:

- manter o estoque
- conservar cada medicamento em seu lugar
- guardar o algodão em um frasco tapado
- pôr em todos os frascos rótulos com letra legível, de preferência de imprensa
- proteger da luz a água oxigenada etc.

desenvolverá atitudes e hábitos relativos à responsabilidade, organização, previsão e higiene.

Com relação à preservação da saúde, sugerimos as seguintes medidas:

— levar à utilização de fontes de informação adequadas, como folhetos do S.N.E.S., entrevistas com médicos escolares etc., conduzindo a hábitos de pesquisa

— reservar um lugar de destaque na biblioteca de classe ou na da escola, para prospectos, listas de telefones de instituições públicas (hospitais, Pronto Socorro, Assistência, Postos de Saúde, de Puericultura, e de Vacinação de Animais), quadro semanal das farmácias de plantão no bairro etc.

— colaborar nas campanhas oficiais em prol da saúde, com cartazes, trabalhos no jornalzinho ou na "televisão" da escola.

Os prospectos a que acima nos referimos poderão ser ilustrados e tratarão, de maneira sucinta e o mais possível objetiva, dos seguintes assuntos, dentre outros:

"Por que se escovam os dentes depois das refeições?"

"Por que não se deve ficar com os pés molhados?"

"Por que se deve lavar as mãos antes das refeições?"

"Por que se deve mastigar bem os alimentos?"

Haverá um grupo de alunos encarregado da farmácia, e um, de alunos de turmas mais adiantadas, dos socorros urgentes (em um sistema de rodízio, desde que apresentem as condições necessárias).

Completando as medidas de ordem higiênica, será interessante que as crianças se organizem de maneira a haver sempre, na escola, um corpo variável de alunos que trabalhe pela manutenção do asseio do prédio.

É preciso não esquecer que, em relação às pessoas a atender, faz-se necessário conduzir as crianças à compreensão dos sentimentos da solidariedade humana e cristã.

3 — Organização e funcionamento de uma loja de doces (ver "Aspectos sociais da comunidade vividos pela criança" pág. 88).

Essa atividade, desenvolvida na Escola Guatemala, ofereceu reais e vivas oportunidades para os Estudos Sociais e para a prática de aritmética, principalmente.

Hábitos, atitudes e conhecimentos iam sendo desenvolvidos à medida que as crianças encontravam soluções para problemas como os seguintes:

Podemos organizar uma lojinha na escola?

- a necessidade de consultar a diretora
- a consideração pelos interesses gerais da escola.

Como conseguir os doces?

- a necessidade de planejamento — responsabilidade, economia, iniciativa
- o valor da cooperação — auxílio dado pelas professoras e familiares dos alunos
- reconhecimento devido aos que cooperam

Onde conseguir os doces?

- o hábito de pesquisa
- o valor da lista telefônica e do próprio telefone como veículo de informações.
- a necessidade de computar preços
- a venda a varejo e por atacado
- o comércio e a indústria (ligeira informação)
- a importância de tomar informações sobre a honestidade profissional dos estabelecimentos comerciais e industriais a ser escolhidos
- o acatamento à opinião de pessoas mais experientes.

A conselho da professora-merendeira as crianças opinaram por um estabelecimento comercial que, em idênticas con-

dições às dos demais, apresentava a vantagem de já haver fornecido doces à escola por ocasião de festas e, relativamente ao qual se conheciam a qualidade do produto e a responsabilidade na entrega.

- conhecimento de bairros e zonas da cidade — pela necessidade de saber a localização de fábricas de doces
- a importância do comércio na cidade do Rio de Janeiro

(Uma criança encontrou o endereço de uma firma paulista num envólucro de bombom, o que levou a professora a localizar a cidade de São Paulo no Estado, e êste no mapa do Brasil).

Como guardar os doces?

Que doces vender? e

Que cuidados tomar por ocasião da venda?

- a necessidade de previsão
- a importância da higiene
- a nocividade de alguns insetos
- o respeito à saúde dos demais — as crianças fizeram guardanapos e ainda fichas para evitar o manuseio do dinheiro pelos que vendiam os doces.
- a consideração pelos fregueses — respeito à prece-dência, atenção e cortesia
- conhecimento dos vários tipos de casas comerciais — pela necessidade de saber onde comprar o material necessário ao funcionamento da lojinha: papel, papelão, madeira, ingredientes para os doces etc.
- conhecimento das ruas principais do bairro e de outros bairros pela localização das casas comerciais que seriam úteis

Como conseguir capital para a compra dos doces?

- iniciativa, economia, cooperação, responsabilidade, a honestidade — a turma aceitou um empréstimo, assumiu compromissos e saldou-os

Onde vender os doces?

Onde e como fazer alguns doces?

Qual o horário de funcionamento da loja?

- a consideração pelos interesses gerais da escola e do público comprador

Quem ficará encarregado das vendas?

- a autocrítica
- a importância de se estar apto para exercer uma tarefa
- o acatamento à opinião dos mais experientes

Qual será o nome da loja?

— o acatamento à opinião da maioria

— a adequação do nome

Quais serão os preços dos doces?

— a honestidade — não visara lucros exagerados

— conhecimento dos problemas financeiros de uma loja

verdadeira: o aluguel do prédio, os impostos, o capital, o ordenado dos "caixeiros", o lucro

— diferenças de situação com referência à loja da Escola

Como saber se a lojinha está funcionando a contento?

— a vantagem das anotações a respeito

— a importância de se estar a par do movimento financeiro da loja

— o livro-caixa e sua função discriminativa e controladora

— a necessidade de saber controlar o dinheiro.

— o acatamento à opinião dos mais experientes, neste caso, a professora.

O interesse natural das crianças conduziu-as ao estudo da história do açúcar, ao mesmo tempo que organizavam um livrinho de receitas. Dessa maneira foram focalizados os engenhos de açúcar e estudada a vida dos escravos.

Considerações gerais

Esse trabalho teve início em outubro de 1957, coincidindo exatamente com o surto da "gripe asiática" na cidade. As aulas foram suspensas por vinte dias mas, mesmo assim, não houve quebra de interesse. O entusiasmo por ele suscitado foi tão grande e o trabalho se desenvolveu de um ponto-de-vista de tal modo real e prático que as crianças continuaram responsáveis pelo funcionamento da loja no ano seguinte. Surgiram então novas oportunidades de aprendizagem, agora relativas ao 3.º ano.

Nos anos subsequentes mantiveram ainda a loja, embora a adaptassem aos novos interesses que surgiram (no 4.º ano transformaram-na em uma sociedade anônima).

É claro que as crianças desenvolveram outras atividades paralelas. A professora Sarah Lerner, que orientava a turma no primeiro ano de existência da loja, financiou inicialmente o projeto, tendo o grupo assumido compromissos fielmente resgatados. Foi essa a melhor solução encontrada à vista do tempo que já se perdera com a suspensão das aulas. A professora visava principalmente às vantagens que adviriam,

desde logo, para a aprendizagem, notadamente da matemática, com o funcionamento normal da lojinha. O seu gesto, porém, foi rico em conteúdo social.

Atitudes de compreensão, simpatia e cooperação em relação às crianças e à professora devem ser apontadas, pois contribuíram fortemente para o grande êxito do empreendimento:

— a diretora, professoras e algumas das mães as incentivaram, acolhendo com entusiasmo a idéia.

— a escola forneceu-lhes farinha, manteiga e açúcar, além de permitir o uso da cozinha

— algumas mães fizeram doces enquanto a lojinha não dispunha de capital suficiente

— irmãos, primos e amigos mais experimentados das crianças ajudaram-nas a procurar fábricas e lojas.

4 — Execução de um diorama ou maquete rudimentar

(ver "Representação material da localidade", pág. 97)

A professora selecionará os aspectos de maior interesse, de vez que uma atividade dêse tipo deve ter pequena duração, a fim de assegurar sua característica ativa, pela permanência do que faz a criança aprender verdadeiramente: o interesse.

Procurará fazer que o trecho a reproduzir seja limitado, para que as crianças possam ter uma noção de conjunto.

Os aspectos a selecionar serão, naturalmente, os de maior importância no 2.º ano de Estudos Sociais e que se situem próximos à escola — o correio (Serviço Público), lojas (indústria e comércio), fábricas, casas residenciais etc.

As oportunidades de aprendizagem já foram de certo modo desenvolvidas anteriormente, faltando-nos apenas algumas considerações sobre a fase preparatória e a de execução.

Fase preparatória

(ver "A localidade", pág. 92)

Pequenas excursões e entrevistas (ver pág. 103); esboços, gravuras ou fotografias de acidentes físicos, de prédios etc.; discussões em classe; pequenas planificações (ver no 1.º ano pág. 48).

(Durante a execução, as atividades da fase preparatória poderão ressurgir, quando necessário).

Fase de execução
(Sugestões)

Reproduzir o melhor possível a topografia do terreno e os acidentes físicos mais importantes do ponto-de-vista da vida na comunidade.

As ruas e praças.

A arborização, os postes de sinalização, de iluminação e telefônicos, os hidrantes — (Os serviços públicos e de utilidade pública).

Repartições públicas, igrejas, fábricas e casas comerciais (o trabalho, a indústria e o comércio).

A escola e as casas das crianças — cada criança poderá fazer a sua.

Demais casas — representação tósca.

Sugestões de ordem prática para a execução da maquete

Poderão ser utilizados na reprodução topográfica: papéis amarrotados e pintados; areia; argila peneirada; tiras de papel superpostas e coladas; massa de papel; plastilina; algodão colorido; água colorida com papel fino, numa tampa ou lata rasa; papel brilhante; papel metálico; papel celofane etc.

As ruas poderão ser pintadas apenas ou recortadas em papel e coladas.

Prédios: feitos em cartolina; uma caixa ou várias caixas coladas etc.

Árvores, plantas em geral, postes etc. — penas; recortes em papelão; palitos de fósforo revestidos ou pintados, arame fino e papel crepon ou algodão, fio plástico de eletricidade etc.

5 — Outras atividades decorrentes dos trabalhos programados para o 2.º ano

— organização de pequenos livros focalizando aspectos da comunidade: meios de transporte, Serviços Públicos (o servidor público, seus instrumentos de trabalho, uniforme etc.); uma casa comercial (artigos de venda, os vendedores etc.)

— organização do histórico da atividade em que as crianças estão empenhadas — redação em conjunto ou respostas a questionários

— organização da caderneta de endereços e de telefones dos colegas

— catálogo de telefones úteis

— execução de cartões de visita

— cartazes indicando horários de expediente em repartições, de transporte etc.

— dramatizações: obediência à sinalização do tráfego, à indicação de itinerários, imitação de um servidor público em seu trabalho (reprodução mímica), pequenas adivinhações relativas aos servidores, jogos em que os profissionais são relacionados aos pequenos problemas caseiros que solucionam

— execução e utilização de pequenos jogos individuais ou de grupo: dominó, quarteto etc.

— apresentação de canções e poesias sobre os trabalhadores, sobre os meios de transporte etc.

— desenhos, pinturas e pequenos mosaicos de papel lustroso representando os aspectos mais belos da localidade (criação artística)

— coleção de fotografias, figuras, miniaturas etc.

— organização de pequenas exposições

e, ainda, a

— *participação em campanhas*, da escola ou da comunidade, como as da Cooperativa Escolar, as da Caixa Escolar, a do alumínio, agasalhos para os pobres etc.

Essas últimas atividades são especialmente significativas de vez que levam a práticas de *cooperação e solidariedade humanas*.

Será de grande valor educativo, por exemplo, destinem as crianças parte do lucro da "Loja de Doces", ou de atividade semelhante, a instituições benemerentes.

Estas atividades, assim como a prática do "mutirão" na escola e as atividades de Serviço Público, vêm integrar a criança à sociedade a que pertence e fazê-la sentir a eficiência de sua colaboração através de laços de solidariedade e compreensão humanas.

AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

Os processos de avaliação em todo o curso elementar fundamentam-se nas razões já explanadas para o 1.º ano (pág. 71), embora se diferenciem quanto à contribuição por parte da criança, ao mesmo tempo que se enriquecem devido a novas técnicas e objetivos.

Continuará a professora a observar e anotar aspectos gerais em relação ao processo educacional e ainda outros específicos, atendendo à diferenciação dos objetivos. Será de grande interesse anotar as mudanças de atitude e as circunstâncias em que as mesmas se evidenciaram.

Para esse fim, determinadas crianças serão observadas de maneira particular, porém será de utilidade a professora realizar um balanço geral da turma, pelo menos três vezes ao ano, no princípio, no meio e no fim do período escolar.

Um campo mais vasto de atividades virá ajudá-la nesse trabalho de apreciação dos resultados.

As dramatizações, os jogos dramáticos, as técnicas de entrevistas e de excursões, as anotações dos trabalhos realizados, a utilização de gráficos e de linhas de tempo serão oportunidades para o desenvolvimento da criança em grande número de bons hábitos e habilidades, nos mais diversos setores da aprendizagem, o que será observado pela professora.

Para maior probabilidade de êxito, a professora não só deverá selecionar as atitudes de maior importância de acordo com os objetivos a atingir, mas também atender, de cada vez, a duas ou três atitudes apenas.

Não se deve ainda esquecer que, no 2.º ano, geralmente já alfabetizados e de posse do maior número de experiências, os alunos estarão em situação de melhor realizar a autocrítica, que então poderá ser um pouco intensificada.

Dessa maneira, poderão avaliar, por exemplo, seu comportamento na rua, o respeito à precedência, o zelo pela conservação do seu material, do material do grupo e público.

QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO

ENTREVISTA COM TRABALHADORES DA COMUNIDADE

Entrevista: o sapateiro Sr.

Grupo A

Data:

1. Fomos procurá-lo em hora apropriada? Sim. Não, porque
2. Levamos as perguntas que organizamos? Sim. Não, porque
3. Fizemos tôdas essas perguntas? Sim. Não, porque
4. Fizemos perguntas diferentes? Não. Sim, porque
5. Anotamos as respostas a essas perguntas diferentes? Não, porque Sim, porque
6. Aprendemos alguma coisa com essa entrevista? Sim. Não.
7. Do que aprendemos consideramos mais importante

Alguns gráficos simples podem estimular e servir de auto-avaliação:

Exemplo:

Mês de

(21 dias letivos)

CHEGUEI AO FIM DOS TRABALHOS						
MÊS DE ABRIL ALUNO						
DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21 FERIADO	22	23	24	25	26
27	28	29	30			
FOLGA				FOLGA		

— Durante quinze dias, no mês, consegui terminar meus trabalhos de classe à hora marcada. Assim, preenchi 15 quadrículas.

Este tipo de avaliação é interessante para turmas em que as crianças se distraiam durante o trabalho.

As anotações são feitas durante o período marcado (dias letivos de um mês ou períodos menores), cobrindo cada criança, diariamente, um quadrinho se conseguir terminar de fato os trabalhos dentro do prazo exigido.

A professora determina o prazo na base da velocidade de 80% do grupo, ou segundo outra orientação mais adequada às condições da turma.

É necessário estimular a criança no sentido de que preencha um número cada vez maior de quadriculas, embora se deva elogiar o esforço realizado, porque o número de retângulos preenchidos, mesmo pequeno, poderá corresponder a certa melhoria relativamente à capacidade da criança.

Esses gráficos simples, ou mesmo pequenas anotações num caderno, poderão servir de base a um gráfico de maior expressão, como se vê abaixo:

Nº DE DIAS	CONSEGUI TERMINAR O TRABALHO NO TEMPO MARCADO				
	ALUNO:				
22					
21					
20					
19					
18					
17					
16					
15					
14					
13					
12					
11					
10					
9					
8					
7					
6					
5					
4					
3					
2					
1					
	AUGUSTO	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.

Obs. Utilizar papel quadriculado.

A auto-avaliação poderá abranger períodos maiores ou menores, assim como realizar-se de maneira mais ou menos regular, de acordo com o que pareça conveniente à professora. No exemplo acima, a criança poderá realizá-la em períodos menores, de um a dois meses, de uma a duas semanas etc.

O que se faz necessário é que a professora sugira à criança a auto-avaliação quando perceber possibilidades de progresso, a fim de que a mesma se torne fator de estímulo, e não de desânimo ou de desinteresse.

Sugestões para exercícios de fixação que servem também para a avaliação das informações e dos conhecimentos adquiridos.

Comparando uma fotografia ou um desenho da localidade com a planta da mesma, estabelecer a correspondência entre acidentes físicos, edifícios etc.

Exemplificando:

- assinalar, na planta, o local da escola, da praça do bairro, de uma lagoa etc.
- assinalar a própria casa, a igreja ou outro edifício importante do bairro.

Observando a planta de uma casa

- indicar as portas e janelas
- dizer o número de quartos
- dizer para que direção se voltam as janelas dos quartos sabendo que estes têm as janelas voltadas para leste e o local onde nasce o Sol; se recebem sol pela manhã ou à tarde etc. (orientação).

Preencher uma linha de tempo com os nomes de pessoas de acordo com uma lista de idades; assinalar o que nasceu primeiro, o que nasceu por último etc. (usar também acontecimentos da vida das crianças etc.).

Fazer listas de:

- alimentos que se guardam em frigoríficos; os que se encontram conservados em latas ou em frascos etc.
- sortimentos de lojas
- material e instrumentos usados na construção de casas, na feitura de alguns objetos etc.

Separar, numa relação dada:

— os instrumentos ou materiais que são de madeira, os de ferro etc.

— alguns materiais que se encontram já prontos na natureza e os que se obtêm através de processos industriais: cimento, madeira etc.

— as casas comerciais, as indústrias, os edifícios públicos do bairro

— os veículos antigos e modernos

— os meios de transporte terrestres, marítimos e aéreos

Interpretar os sinais de trânsito:

Mostrar conhecimento de maneiras corretas de agir, marcando com uma cruz, por exemplo, a atitude certa de um pedestre que vai atravessar a rua.

Distinguir o destinatário e o remetente, a procedência e o destino de uma carta ou bilhete.

Citar indústrias em que são utilizadas certas matérias primas como argila, areia, algodão etc.

Dizer um serviço de utilidade pública de que a criança se beneficie.

Explicar, por exemplo:

— porque os telhados são inclinados

— porque as janelas dos quartos devem ter persianas

— qual o profissional que deve ser chamado ou consultado para resolver problemas da vida diária, ou qual se encarrega de determinada função.

Assim:

Para que você tenha um sapato, muitos trabalham: o vaqueiro, o empregado do matadouro, o operário da fábrica de calçados, o vendedor da loja de calçados.

Escreva abaixo as profissões dos que trabalham para que você tenha pão (ou uniforme, caderno, livros etc.)

.....
.....
.....
.....

3.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

NOVAS FORMAS DE VIDA E APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS NO SENTIDO DA MELHORIA E PROGRESSO DAS CONDIÇÕES DE VIDA.

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 3º ANO

Objetivos e programa

— Levar a criança a tomar contacto com novas formas de vida

— Fazê-la compreender o sentido dessas novas formas de vida pela comparação de seus aspectos sociais

— Levá-la a relacionar os aspectos geográficos da região às atividades humanas nela desenvolvidas

— Levá-la a compreender a importância, para as comunidades em geral, dos aspectos de inter-relação e interdependência

— Iniciar a criança na compreensão do valor econômico do solo e seu aproveitamento, no sentido da melhoria das condições de vida

— Fazê-la compreender que as condições de vida da comunidade estão na dependência do aproveitamento das possibilidades econômicas da região

— Levar a criança a valorizar as experiências humanas no sentido da adaptação e melhoria das condições de vida

— Iniciá-la na apreciação do passado como base para o desenvolvimento do amor às tradições benéficas.

No interesse desses objetivos, levar a criança a situações que a façam apreciar ou reconhecer que:

— a vida no campo ou numa colônia de pesca, por exemplo, e a vida na cidade são diferentes, mas igualmente valiosas

— a maneira por que vivem as pessoas, as atividades a que se entregam, o trabalho que realizam, têm em grande parte relação com as condições físicas do lugar em que vivem

— as condições de vida se tornam mais satisfatórias quando há relações de boa-vizinhança entre as comunidades

— o bem-estar, o progresso das comunidades em geral está ligado às atividades de compra e venda

— e estas são enriquecidas e incentivadas quando se faz o devido aproveitamento das fontes de recursos naturais da região

— o uso inteligente do solo e dos recursos naturais em geral leva à conservação e recuperação dos mesmos

— a forma atual de vida representa a soma de numerosas e válidas experiências.

Nesse sentido, favorecer o desenvolvimento da iniciativa pessoal e do espírito de grupo, levando a atitudes convenientes em relação:

ao próximo (sentimentos cristãos de amor e respeito, compreensão, colaboração e solidariedade, boa-vontade e generosidade) e

à terra (amor e apêgo à terra, às nossas coisas e à nossa gente)

Procurar ainda desenvolver os seguintes hábitos, atitudes e habilidades:

— de pesquisa, levando a criança a buscar informações usando fontes de recursos locais (bibliotecas, museus, serviços públicos em geral etc.)

— perseverança, levando a aplicar a iniciativa pessoal de maneira continuada e persistente

— de usar mapas de localidades e do Estado a fim de resolver dificuldades

— de selecionar e agrupar material

— de dispor material de maneira adequada e atraente

— de usar técnicas eficientes de divulgação

As crianças, ao fim do 3.º ano de Estudos Sociais, devem ter adquirido conhecimentos e informações relativamente a:

— diversidade de aspectos de vida nas diferentes comunidades (urbanas, de pesca, agrícola, de pecuária etc.)

— boa-vizinhança e interdependência nas relações entre as diferentes comunidades

— a localidade em que vive a criança e as localidades vizinhas; aspecto geográfico e situação no estado

— comunidade urbana; principais cidades do estado

— conceito de estado e de país

— nome do estado e sua situação no Brasil

— o governo da cidade (ou do município), do estado e do país; manutenção dos serviços públicos: os impostos

— noção de capital; a capital do estado e do país

— aspectos históricos e tradicionais da cidade; as pessoas que contribuíram para seu crescimento e progresso

— possibilidades econômicas locais e seu aproveitamento

— relação entre o ambiente físico da região e as atividades humanas

— habitação, usos e costumes que predominam na região

— conhecimento dos fenômenos naturais, do solo e dos acidentes físicos da localidade

— fenômenos naturais, solo, acidentes físicos e seus inter-relacionamentos

— globo-terrestre e movimentos da Terra

— uso inteligente da terra e dos recursos naturais

— conservação e recuperação desses recursos

— condições locais de trabalho no passado e no presente; noção de tempo

— descobrimento do Brasil e fatos a êle relacionados: a navegação portuguesa, as grandes invenções, o descobrimento do caminho marítimo para as Índias, o comércio de especiarias

— primitivos habitantes do Brasil

— indígena, português e negro como elementos formadores de nosso povo

— processos de colonização; os jesuítas

— como evoluiu, entre nós, o conceito de habitação

— como se formaram e evoluíram nossos hábitos alimentares

— meios de locomoção e transporte, no Brasil

Interesses da criança de 9 anos e o programa do 3.º ano

A criança de 9 anos possui agora uma capacidade cada vez maior de aplicar seu raciocínio aos objetos, por sua própria iniciativa ou à menor sugestão do meio. É capaz de utilizar seus momentos livres em atividades úteis. Tem interesse que a absorvem (ex.: rádio, leitura, fazer álbuns, estudar mapas geográficos e desenhá-los); revela grande perseverança nas coisas que a interessam e diante de uma tarefa é capaz de vencer obstáculos até cumpri-la.

Tem capacidade de crítica social e de autocrítica.

Gosta de ser ajudada pela professora, se necessário, mas quer ser independente e quer que tenham confiança nela.

Ama a leitura pelos fatos e informações que ela lhe traz; vê na escrita a utilidade prática: colaborar no seu jornalzinho, fazer listas, ter em dia o catálogo de suas coleções.

Nessa idade a criança gosta de prever e organizar antecipadamente o que vai fazer. Interessa-se por fazer inventários e listas, por classificar, identificar, pôr ordem em suas informações. São freqüentes nessa idade as coleções de selos, minerais etc.

Aos 9 anos a criança aprende a subordinar seus próprios interesses às exigências do grupo e gosta mais de competir como classe ou membro do grupo do que como indivíduo.

Os interesses aqui relacionados constituir-se-ão em fundamento às situações de aprendizagem criadas para a realização do programa de 3.º ano.

Capítulo 2

A BOA-VIZINHANÇA E A INTERDEPENDÊNCIA NAS RELAÇÕES ENTRE AS COMUNIDADES

No 2.º ano de Estudos Sociais, a criança toma conhecimento da comunidade em que vive e com ela se identifica, satisfazendo assim os interesses da idade no sentido de apreender o que a cerca.

Essa identificação ao meio processa-se de maneira dinâmica, através de experiências que lhe possibilitam uma apreensão ou reconhecimento de valores, ao mesmo tempo que a estimulam em relação à melhoria das condições de vida do ponto-de-vista social, moral e espiritual. Dêsse modo, sua participação nos atos da comunidade a vai preparando para uma ação renovadora, dando-lhe motivos para agir, o que lhe favorece sobremodo a iniciativa pessoal.

A criança aos nove anos, no seu 3.º ano de estudo, manifesta grande curiosidade, o que a conduz à compreensão do que lhe sucede, ampliando-lhe a capacidade de discernir. Aos poucos vai tomando conhecimento de que há pessoas que pertencem a outros meios, de que há aspectos de vida diferentes dos que constituem sua rotina.

As crianças que pertencem a uma *comunidade urbana*, por exemplo, quando bem conduzidas, irão compreendendo que a vida das crianças de uma *comunidade agrícola*, de *pecuária* ou de *pesca* é diferente, porém, igualmente valiosa.

Sua viva curiosidade e acentuada simpatia por êsses novos e fascinantes aspectos de vida conduzirão a professora a criar-lhes oportunidades de obter informações que terão, assim, conteúdo humano. E é justamente a *necessidade de dar conteúdo humano a essas informações, um dos grandes objetivos, senão, o maior, dos Estudos Sociais no 3.º ano primário.*

Da apresentação conveniente dessas novas formas de vida resultará, para a criança, a valorização dos aspectos de inter-

cidade e pelo bem público e de propor medidas nesse sentido, medidas essas que se transformam em lei quando aprovadas (dar exemplos, aproveitando leis em vigor ou leis votadas recentemente e de fácil compreensão por parte da criança);

b) uma outra pessoa, o prefeito, igualmente eleito pelo povo, não só recebe as determinações desse grupo e as manda executar por seus auxiliares, como também propõe a esse grupo medidas de interesse do povo e da cidade — as crianças devem conhecer o nome do prefeito;

c) há também, no governo, pessoas incumbidas de resolver os problemas que surgem quando há diversidade de opiniões sobre os direitos dos cidadãos; essas pessoas resolvem os problemas de acordo com as determinações da lei.

Assim as crianças serão levadas a compreender nitidamente o *trabalho de equipe do governo*, trabalho esse que permite a divisão de atribuições, mas harmoniza os três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário — numa responsabilidade só: a de agir em nome do povo e no interesse desse mesmo povo e da cidade.

Deverá, ainda a criança ser conduzida a compreender:

— que o bom funcionamento e a manutenção dos serviços públicos da cidade — já estudados no 2.º ano — estão na dependência do pagamento de impostos. (Desde que seja instituída, na escola, uma verdadeira rede de serviços públicos, e de lojas, a cargo dos alunos, os impostos poderão ser cobrados dos lucros destas. Os alunos poderão ainda realizar *pequenas tarefas* em prol do funcionamento e da conservação dos serviços — o que importará, para a criança, em oportunidade de desenvolver a atitude de colaboração).

— que o cidadão paga os impostos *em dinheiro* e que o governo aplica esse dinheiro visando apenas ao bem-estar dos cidadãos, o que dá ensejo a que os mais favorecidos tenham o privilégio de ajudar, através desses impostos, aos menos favorecidos, pelas possibilidades maiores que oferecem ao governo de atender ao povo, dando-lhe escolas públicas, hospitais etc.

— que também a criança pode colaborar de várias maneiras para manter e elevar o prestígio de sua cidade: esforçando-se por ser um bom aluno, cooperando nas campanhas em prol da melhoria e do progresso da cidade, divulgando algo característico etc.;

— que a cidade mudou desde a sua fundação até os dias de hoje e que, portanto, tem uma *história* interessante que as

crianças podem e devem conhecer através dos livros e da narração das pessoas mais velhas ou credenciadas para isso (*).

— que amar a sua cidade é amar também a sua história, a sua tradição e procurar engrandecê-la nos moldes da ação dos homens que a edificaram e honraram.

CONCEITOS POLÍTICO-ADMINISTRATIVOS

Dêsse modo, e através de outros aspectos de vida das localidades vizinhas e da cidade, as crianças apreendem, em seu justo valor, os conceitos de *interdependência* e de *inter-relação*, os quais cada vez mais se acentuam no que diz respeito às comunidades em geral.

No estudo da interdependência entre as comunidades a criança será levada a abranger maior área de relações humanas, e conduzida ao conhecimento de comunidades menos próximas como, por exemplo, as principais cidades do estado, que assim ficará caracterizado como um território delimitado.

Além disso, irá compreendendo que sua própria comunidade, as comunidades vizinhas e as menos próximas têm interesses comuns e também interesses diversos e são servidas em sua vida coletiva pelas instituições estaduais.

A criança, identificando seu próprio estado, no mapa, será levada a compreender que seu estado é uma unidade dentre as várias unidades (estados) que formam o país. Ela terá consciência de seu estado em correlação com os demais, e não como unidade isolada.

A professora poderá lembrar que essa divisão política em estados facilita a ação do governo do país no atendimento às necessidades locais.

A capital do estado será agora caracterizada como a sede do governo do estado. Pode-se ressaltar que sua condição de capital leva a maior densidade demográfica, à convergência de riquezas econômicas, ao desenvolvimento da indústria e de atividades culturais e artísticas.

Compreenderá, a criança, que os estados, em seu conjunto, formam um todo — o país — que se caracteriza pela identidade de origem, de território, de governo e de língua.

Assim, a criança ampliará seu conceito de comunidade, compreendendo a Comunidade Nacional como um agrupamento humano em território delimitado tendo interesses comuns e interesses diversos também.

(*) Ressaltar homens de interesse histórico; no caso do Rio de Janeiro, Estácio de Sá, D. João VI, Mauá — iluminação a gás e os primeiros bondes — Oswaldo Cruz, Pereira Passos, etc.

Dêse modo, a criança compreenderá que

— o estado tem autonomia suficiente para resolver seus problemas locais

— a solução desses problemas se deve harmonizar com os interesses gerais do país

— o governo do país harmoniza os interesses dos estados entre si e destes com os do país, em geral.

— o governo federal tem ação supletiva em vários setores, isto é, ação que se acrescenta às iniciativas estaduais, de acordo com as necessidades

— o estado tem maior responsabilidade na resolução dos problemas estaduais e pode controlar melhor que o Governo Federal, mais distante, o trabalho desenvolvido para resolver tais problemas

— os governos locais e cada cidadão devem procurar resolver os problemas de cada localidade, na medida do possível, deixando aos governos estaduais e federal os problemas mais gerais.

Será fácil agora a criança concluir que o governo do país representa um poder centralizador e que o poder estadual, beneficiando-se de uma certa autonomia, representa a força descentralizadora necessária ao equilíbrio do sistema administrativo.

O paralelo entre a organização escolar e a de governo, no país, objetiva a aprendizagem, já que os processos democráticos de vida são os mesmos em qualquer situação.

Num ou noutro caso (escola ou país) tornar-se-ão evidentes não só a autonomia relativa de cada unidade, como a união de todas no sentido dos mesmos interesses e sob uma direção única no que concerne a princípios e objetivos gerais.

A professora levará o aluno a uma real situação de aprendizagem, se, no paralelo que venha a fazer com a organização escolar, ressaltar os princípios de conduta, por exemplo, que a direção da escola espera sejam por todos observados (ordem, interesse pelo trabalho, frequência). Será fácil igualmente compreender que esses princípios levam aos objetivos de aprendizagem que a direção da escola espera sejam alcançados.

Informadas do grande número e da complexidade dos problemas do estado e do país, as crianças compreenderão que é necessário o concurso de muitas pessoas para os trabalhos de governo. É, pois, de grande interesse educativo que nossas crianças pensem em termos de equipe ao pensar no governo do Brasil.

Conhecimentos a adquirir

Deverão as crianças dominar os seguintes conhecimentos:

— diversidade de aspectos de vida nas diferentes comunidades (urbana, de pesca, agrícola, de pecuária etc.);

— a boa vizinhança e a interdependência nas relações entre as diferentes comunidades;

— a comunidade urbana; principais cidades do estado;

— conceito de estado e de país;

— nome do estado e sua situação no Brasil; outros estados;

— governo da cidade (ou do município), do estado e do país; manutenção dos serviços públicos: o imposto

— noção do capital; a capital do estado e do país

— aspectos históricos e tradicionais da cidade; as pessoas que contribuíram para o seu crescimento e progresso.

Deverão ainda reconhecer o mapa do Brasil localizando com facilidade a Capital da República, o estado em que vivem e a capital de seu estado, além de outras cidades importantes desse estado que porventura tenham sido citadas.

Capítulo 3

O HOMEM E O APROVEITAMENTO DOS RECURSOS LOCAIS RELATIVAMENTE ÀS NECESSIDADES PRIMÁRIAS

Como conduzir a criança a experiências de aprendizagem, nesse sentido

A curiosidade e a vivacidade naturais da criança, assim como a ação da escola no 1.º e 2.º anos de Estudos Sociais, levam-na a tomar conhecimento de novos aspectos da comunidade.

A criança, conforme as possibilidades que lhe oferece o local em que vive, familiariza-se com:

escolas
igreja
clubes
estabelecimentos comerciais
pequenas ou grandes indústrias
mercados
entrepósitos de peixe ou de leite
cooperativas
matadouros
profissões modestas e profissões de maior relêvo social.

E em todos êsses aspectos, ela aprende a relacionar o homem o trabalho e o atendimento às necessidades de vida.

Dentro da realidade, portanto, é que as crianças irão viver as experiências de aprendizagem relativa ao 3.º ano de Estudos Sociais.

Desde logo avultam os recursos que a Natureza põe ao alcance do homem, despertando na criança a curiosidade pelo aproveitamento que o homem tem feito, e continua fazendo, dêsses mesmos recursos.

A satisfação dessa curiosidade, pela Escola, levará a criança a interessar-se pela maneira por que trabalhamos pelo aproveitamento do que temos, pela conservação e recuperação de nossas fontes de recursos. O que fará compreender ainda que usufruímos das vantagens que daí decorrem para a melhoria de condições de vida. No caso de se evidenciarem deficiências e falhas, a criança deve ser levada a atitudes positivas e, portanto, deve habituar-se, nessas circunstâncias, a pensar em termos de ação e reconstrução.

Assim, por exemplo, as condições de higiene local: se deficientes, deprimem o homem, que se vê a braços com condições negativas que lhe impossibilitam quase o trabalho, contra as quais não se dispõe a lutar, por desconhecer os meios de que poderá lançar mão e que, por vêzes, estão ao seu alcance.

É preciso que as nossas crianças compreendam que o aproveitamento dos recursos naturais está na dependência direta das condições de higiene local e de saúde do homem.

Dá a importância dos

Aspectos de Higiene e Saúde ligados à vida local.

E daí igualmente a necessidade de levar as crianças a reconhecer que podem desde já colaborar nesse sentido, cuidando de si próprias, de sua higiene e saúde, e levando aos demais os conhecimentos que tiveram oportunidade de adquirir e que irão concorrer para a melhoria de condições de vida de sua comunidade.

A professora, que no 2.º ano as levou a tarefas de Assistência Social e Saúde Pública no âmbito de sua escola (ver 2.º ano, pág. 115), poderá agora levar suas atividades para fora da escola, de maneira a atingir de imediato a comunidade.

As crianças, por sugestão da professora ou iniciativa própria muitas vêzes, poderão organizar campanhas de escla-

recimento ou grupos de trabalho voluntário em prol da higiene e saúde, que poderão inclusive ser coordenados por um *clube agrícola* que se venha a criar (ver "Clubes e organizações em geral", pág. 202).

Embora as Ciências Físicas e Naturais esclareçam as crianças a respeito de endemias rurais, suas causas, e das soluções para o problema, aqui lembramos à professora o que se torna mais urgente relativamente à Educação Sanitária, e que conduz as crianças, de imediato, a atitudes de responsabilidade social.

Cuidados higiênicos

— limpeza no sentido da prevenção de moléstias (a boubá (*), o tracoma etc.), visto como já se vem tratando de higiene pessoal desde o 1.º ano.

— higiene da alimentação incluindo a proscrição do álcool nas bebidas, a boa escolha de alimentos e seu preparo conveniente, no sentido ainda de uma vida saudável (prevenção do bócio — ingerir sal iodado, do beribéri etc.)

— higiene do vestuário, ressaltando-se a importância do uso do calçado (prevenção da ancilostomose).

— higiene da habitação, ressaltando a necessidade de rebocar as paredes (prevenção da "Doença de Chafrestas das paredes").

a) rebocar as paredes (prevenção da "Doença de Chafrestas das paredes").

b) piso impermeável (peste bubônica, elefantíase ou filariose etc.).

c) fossas (ancilostomose principalmente)

d) incinerar ou enterrar o lixo, conforme o caso

e) cortar o mato à volta da casa

f) proteger as nascentes e as águas dos arredores

Constituirá motivo de campanhas:

a) combate aos animais transmissores de doenças

caramujo — apanha-se esquistossomose, isto é, a "chistosa", nos lagos, nos rios e nas valas onde há caramujos (a

(*) Caso a doença já se tenha manifestado, deve ser curada com injeções de boubalisina.

(**) Será bom a professora, em relação a essa doença, frisar que se não pode admitir que uma doença de conseqüências tão funestas se venha a instalar no meio rural, quando os cuidados preventivos importam em atividade tão simples e fácil como a de rebocar paredes.

cal viva e o sulfato de cobre matam os caramujos) — "com caramujo não se brinca" (*)

ratos, mosquitos etc.

b) cuidados especiais em relação a animais domésticos:

ter o menor número possível de cães e não os alimentar com vísceras cruas (hidatidose), evitar contacto com os cães mesmo sendo de estimação;

manter os porcos em locais apropriados e limpos.

A professora deverá ainda valorizar, sempre que possível, a ação dos guardas sanitários ou pessoas credenciadas por órgãos do Ministério da Saúde, como o Departamento Nacional de Endemias Rurais, o Serviço Especial de Saúde Pública etc., levando as crianças a colher informações em folhetos publicados por esses órgãos e colecioná-los a fim de, inclusive, distribuí-los pela comunidade.

Seria também interessante que as professoras procurassem obter filmes do Serviço Especial da Saúde Pública; por exemplo, "Maneco, o Sabido" (ensina a construir fossas), "Limpeza e Saúde" (destino a dar ao lixo) etc.

A própria escola daria um proveitoso e belo exemplo de cooperação às crianças, se viesse a solicitar do Departamento Nacional de Endemias Rurais os remédios de maior urgência a fim de distribuí-los aos doentes do lugar, e solicitasse orientação médica.

O Departamento Nacional de Endemias Rurais reconhece nessas pessoas de boa-vontade verdadeiros benfeitores das populações rurais e lhes concede mesmo o diploma de *cooperador na luta pela saúde*.

Essa atitude da Escola representaria um gesto edificante e um estímulo de valor no que concerne à formação de nossas crianças.

APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS

Os produtos da terra úteis à alimentação e ao vestuário, por exemplo, e os que contribuem para nosso teto, nossa segurança e abrigo, serão valorizados pela professora que

(*) "Cartilha da Saúde — O Alfabeto da Higiene" — Dante Costa — Departamento Nacional de Endemias Rurais — M. Saúde.

procurará despertar, em nossas crianças, maior interesse pelas riquezas da terra, considerando-as, nesse caso, principalmente do ponto-de-vista das necessidades materiais primárias do homem.

A professora fará ver à criança que o homem, quando procura tornar favoráveis à vida as condições ambientes, tem, forçosamente, de trabalhar o solo (preparando-o para lhe fornecer produtos alimentícios, para nêlo construir seu abrigo, para abrir estradas que lhe permitam locomover-se na direção desejada etc.). Mostrará ainda que

— nada se obtém sem um mínimo de esforços; o solo, que é o recurso básico do homem, exige interesse e cuidados especiais

— quanto mais o homem cuidar da terra, mais generosamente ela compensará seus esforços

— melhorar a produção é melhorar as condições de vida

— cultivar pequena horta, quando se dispõe de terra, custa relativamente pouco e dá resultados compensadores.

A aprendizagem nesse sentido far-se-á de maneira objetiva, conveniente, se a professora interessar seus alunos no cultivo de pequena horta, na escola ("Preparo de uma horta", pág. 206).

Será essa uma atividade de valor, pois, afora os objetivos de formação e a aquisição de conhecimentos específicos que lhe são inerentes, proporcionará à criança experiências que a conduzirão a compreender o valor econômico da terra.

A professora mostrará o benefício que poderá trazer à Caixa Escolar, por exemplo, a venda dos produtos obtidos, o que irá conduzindo à compreensão do que seja uma cultura comercial, isto é, destinada à venda.

A compreensão do valor econômico da terra tornar-se-á acessível à criança, se a professora conduzir a aprendizagem de maneira a mostrar que

— se cada pessoa que possuir um pedaço de terra aproveitá-lo no interesse de sua subsistência estará concorrendo para o bem-estar próprio e, de certo modo, da comunidade

— quando as pessoas obtêm da terra mais do que lhes é necessário, podem comerciar seus produtos

— próximo às cidades encontram-se comumente pomares, hortas, granjas ou sítios que fornecem produtos alimentícios ("o cinturão verde")

— uma plantação grande é um negócio, e devemos procurar espécies de cultura que, devido às condições locais favoráveis, permitam lucro

— no trato da terra o espírito inventivo, a habilidade e os conhecimentos do homem podem muitas vezes compensar a carência de recursos locais.

O preparo de uma horta, portanto, é atividade sobretudo útil à compreensão dos aspectos sócio-econômicos do aproveitamento do solo, do abastecimento e da interdependência, principalmente entre a zona urbana e os centros agrícolas.

A criança compreenderá, assim, o valor econômico da terra, isto é, o solo como o recurso básico do homem, o que a leva a concluir que seu tratamento e aproveitamento adequados trarão benefícios:

à economia particular

à coletividade, pelo barateamento do produto

à economia da região, pela possibilidade de mercados vizinhos, o que leva a criança a compreender igualmente as atividades de *exportação* e *importação*, ao mesmo tempo que percebe a necessidade de intensificar relações com as cidades mais próximas da comunidade.

A criança precisa compreender ainda que o uso inteligente da terra ou dos recursos que a Natureza oferece não depende apenas da habilidade e conhecimentos do homem, mas também, e principalmente, de suas aspirações.

Dêsse modo, a profissão de agricultor ganhará em nobreza e significação social, o que evidentemente é de importância para a *radicação rural* e o aperfeiçoamento técnico do homem do campo.

Faz-se necessário ainda levar a criança à compreensão de que o aproveitamento de recursos far-se-á relativamente a quaisquer recursos que a Natureza ofereça ao homem.

Mostrar-se-á, então, que algumas regiões se caracterizam pelo solo fértil, favorável à agricultura; outras pela existência de ferro, carvão ou outros minerais; outras ainda pela pesca, pelas florestas ou boas pastagens etc.

— que, assim, há comunidades de diferentes tipos: agrícolas, de mineração, essencialmente madeiras, de criatório etc. o que leva, mais uma vez, à compreensão da

INTERDEPENDÊNCIA ENTRE O AMBIENTE FÍSICO E AS ATIVIDADES HUMANAS

Conforme as características da localidade em que vive a criança — colônia de pesca, centro industrial ou pastoril, por exemplo — a noção dessa *interdependência* deverá abranger o aproveitamento de quaisquer recursos naturais que atendam, como vimos, às necessidades primárias do homem. O que leva naturalmente a criança a relacionar o ambiente físico às atividades humanas e, portanto, às condições de vida do ponto-de-vista de habitação, usos e costumes. Assim, ela aprende:

— que há uma interdependência entre o homem e o meio geográfico

— que os homens usam seu ambiente de muitas maneiras

— que o ambiente físico tem influência sobre a maneira por que se ocupam as pessoas e, portanto, sobre o modo porque ganham a vida

— que uma comunidade, mesmo pequena, torna-se importante quando desempenha qualquer função, servindo às demais comunidades de algum modo: como centro de pesca, manufatureiro, de compra, de venda etc.

Assim, faz-se evidente a necessidade das crianças compreenderem o *ambiente físico* em que vivem.

Observações, comentários, registros, pesquisas e pequenas experiências no campo das ciências naturais levarão as crianças a perceber a íntima relação existente entre

— os fenômenos naturais

— os fenômenos naturais e o solo

— os fenômenos naturais e os acidentes físicos

É imprescindível, porém, que, em qualquer observação ou experiência, a criança sinta, em última análise, o *interêsse pelo homem e pela comunidade, em geral.*

Afora as vantagens do ponto-de-vista social que esse estudo trará, são evidentes as inúmeras oportunidades no campo da geografia, das ciências naturais, da matemática e da linguagem. Por outro lado, o aumento de vocabulário específico e o grande número de conceitos adequados, por exemplo, serão de grande importância para o desenvolvimento mental da criança. O hábito de *ver realmente* trará, em seqüência, a apreciação da Natureza e do sentido da vida humana, levando a um enriquecimento interior que a criança poderá ainda exprimir em atividades de criação artística.

Os fenômenos da atmosfera

O interêsse pelo assunto poderá ocorrer, por exemplo, durante o preparo da horta, trabalho que apresenta oportunidades à observação desses fenômenos.

As crianças, observando que os fenômenos atmosféricos influem de maneira apreciável nas culturas em geral, serão levadas a considerá-los em sua devida importância. Daí resultará a compreensão da necessidade de observações mais pretisas, o que importa na valorização dos instrumentos de meteorologia. Termômetro, cata-vento, biruta e higrômetro irão permitir de maneira razoável tais observações (*).

As crianças apreciarão devidamente os fenômenos que exerçam real influência na vida de sua comunidade. Assim, a geada que cai em algumas regiões, trazendo conseqüências negativas do ponto-de-vista econômico e social, será, nesses locais, observada e anotada. Da mesma forma, nas zonas de pesca principalmente, por motivos óbvios, torna-se evidente a importância da observação do vento, do nevoeiro e do movimento das marés.

O trabalho de observação e registro de fenômenos da atmosfera poderá ser distribuído pelos diferentes grupos da turma em rodízio de atribuições, fixando-se as conclusões coletivamente. E, por ocasião das discussões, a professora deverá relacionar os resultados com fatos importantes, às vezes fora das possibilidades de observação das crianças, mas cuja influência elas podem compreender: certas chuvas e a conseqüente baixa de temperatura, por exemplo, como efeito da aproximação de massas frias.

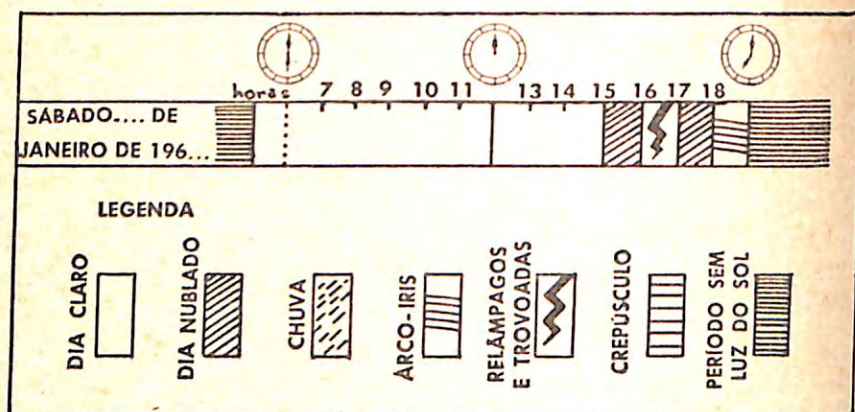
A continuidade dos registros deverá ser incentivada mesmo durante o período de férias, já que se constituirá em base valiosíssima para os estudos sobre clima no 4.º ano. Será igualmente útil que as turmas da tarde e da manhã, se as houver, troquem as observações feitas.

As crianças poderiam ainda, baseadas nas informações dos Serviços Oficiais de Meteorologia, anunciar a previsão do tempo na escola, organizando um sistema de *sinais de tempo* com bandeirinhas ou cartões, além de fazer uso do jornal, "rádio" e "televisão" da escola, caso existam.

(*) Excetuando-se o termômetro, os demais instrumentos podem ser construídos em classe.

Exemplos de registros (*)

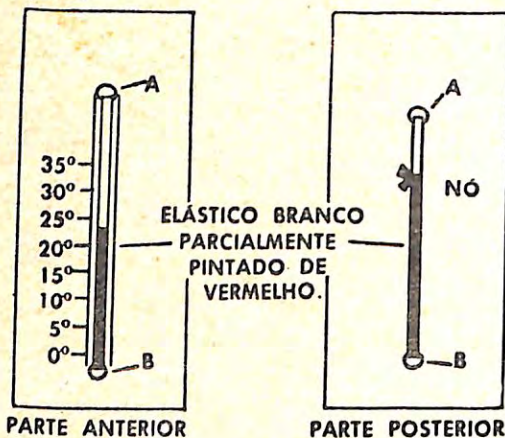
A) ASPECTO GERAL DO DIA



O registro de sábado... de janeiro de 196... mostra que o dia clareou antes das 6h da manhã, só escurecendo às 7 da noite. Foi um dia claro e ensolarado, com chuvas torrenciais seguidas de arco-íris no final da tarde.

B) TEMPERATURA

Para favorecer o treino da leitura de graus será útil um cartaz com o desenho de um termômetro em que se substitui a coluna de mercúrio por um elástico, parcialmente pintado de vermelho, e que pode ser movimentado através das aberturas "a" e "b", marcando-se assim a temperatura desejada.



Os alunos poderiam, inclusive, fazer quadros menores para uso individual.

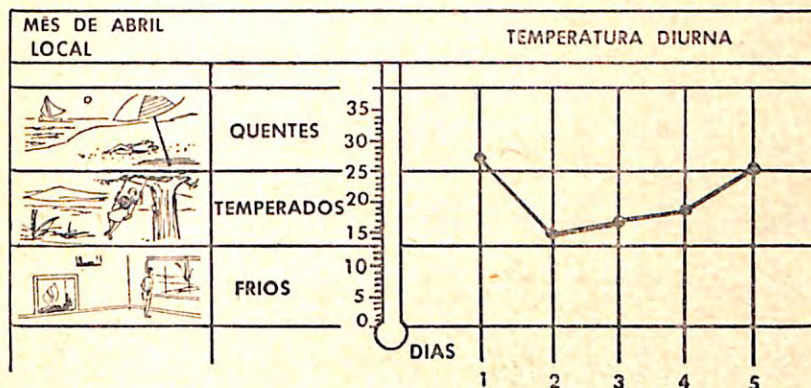
(*) Muitos desses registros conduzem a conclusões cuja causa — movimento de translação da terra, por exemplo — deverá ser apresentada à criança. (Ver "Globo-terrestre e mapas" pág. 194).

A prática da leitura de graus segue-se a utilização do termômetro verdadeiro.

Sugerimos, nos primeiros dias, a anotação da temperatura em termômetros desenhados. As crianças, a lápis de cor, desenharão a coluna de mercúrio.

Será de grande interesse tomar a temperatura durante o dia e durante a noite, tendo o cuidado de proteger o termômetro contra os raios diretos do sol e de colocá-lo entre 1,30m e 2m de altura.

Mensalmente, de acordo com as temperaturas anotadas, far-se-ão gráficos de barras, de linhas ou de pontos.



Número de dias quentes —

Número de dias temperados —

Número de dias frios —

Conclusão: O mês de abril foi um mês predominantemente (quente, temperado ou frio).

DURAÇÃO DOS DIAS E DAS NOITES	
	ANO LOCAL
DIAS	HORAS
	7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 1 2 3 4 5 6
22 DE MAIO	
22 DE JUNHO	
LEGENDAS	DIA CLARO NOITE CREPÚSCULO
CONCLUSÕES	

c) LUZ E SOMBRA

A duração do dia e da noite poderá ser concluída usando-se as anotações sobre o nascer e o pôr-do-sol.

A escola poderá ser observada tendo-se em vista o insola-mento.

Locais insolados de nossa escola				
Data:		Local:		
Lugares mais insolados	Horas			
	8h	11h30	13h	16h
	Salas do lado direito			
Temperatura	Lado direito graus			
	Lado esquerdo graus			
Conclusões:				
O lado da escola que recebeu sol durante mais tempo foi o				
A temperatura é mais elevada nos lugares insolados.				
Chegou a haver diferença de o entre um lugar insolado e outro sombrio.				
De acôrdo com a hora, varia a intensidade de calor do sol.				

O trabalho de observação, ao ar livre, da sombra projetada por um objeto poderá também agora ser iniciado em situação de jôgo, brincando a criança com a própria sombra

ou com as dos colegas. Depois, incentivadas pelas primeiras descobertas, passarão a experiências de cunho mais sério e a registros. Dêsse modo facilmente perceberão que essas sombras são efeito da luz do sol, que elas variam de tamanho de acôrdo com as horas do dia e que sua direção depende da posição do sol.

Fincando-se verticalmente, no terreno da escola, um bastão de modo a exceder do solo 1m e riscando no chão, de hora em hora, a sombra por êle projetada, as crianças relacionarão a direção e tamanho da sombra à posição do sol e à intensidade da luz e do calor (uso do termômetro).

A essa experiência seguir-se-ão registros

a) Reprodução do desenho projetado no solo pelas sombras com a indicação das horas de observação, e, possivelmente das temperaturas, seguindo-se as conclusões tiradas.

b)

Sombra e temperatura		
Dia... de de 19 .. Local		
Horário	Temperat.	Medida das sombras
8h	...°cm
9h	...°cm
etc.		

Conclusões:

Luz e calor do sol

Variou a intensidade de calor

Hora de maior intensidade de calor:h

Hora de menor intensidade de calor:h

O calor do sol variou de.... graus a graus

Sombra projetada

Variou o tamanho das sombras

Hora em que a sombra foi menor: ...h


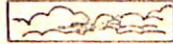

Hora em que a sombra foi maior: ...h

A sombra variou de cm

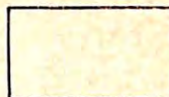
c)

Estudo da sombra		
Local Ano Horário da observação: 12h		
Datas (*)	Medida das sombras	Conclusões
22 maio		
22 junho		
21 julho		
23 agosto		
23 setembro etc.		

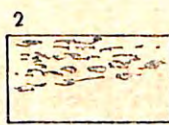
e se distende quando a umidade é excessiva; da mesma maneira a substância que compõe o chapéu muda de cor ao absorver grande quantidade de umidade do ar (*).

AS NUVENS, O VENTO E O TEMPO			
MÊS DE	DE 196	LOCAL	
DIAS	NUVENS	VENTO (DIREÇÃO E FORÇA)	TEMPO
7 HORAS		O $\begin{matrix} N \\ \nearrow \\ S \end{matrix}$ E	B O M
12 HORAS			
18 HORAS		O $\begin{matrix} N \\ \nearrow \\ S \end{matrix}$ E	
NOITE (20 HS)		O $\begin{matrix} N \\ \nearrow \\ S \end{matrix}$ E	

LEGENDAS



AUSÊNCIA



d) O VENTO, AS NUVENS E A CHUVA

No 3.º ano a curiosidade natural das crianças exigirá explicações, que devem ser atendidas, sobre a formação dos ventos, das nuvens e das chuvas (**).

A formação das nuvens e a chuva, provando a existência de vapor d'água no ar atmosférico (***) permitirá referência à importância da umidade na sensação de calor que experimentamos e na ocorrência de chuvas próximas.

As crianças poderiam mesmo observar higrômetros rudimentares tipo "frade e freira", menina cujo chapéu muda de cor etc. A professora explicará, então, que a fibra da parte posterior se contraí quando há menos umidade no ar

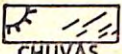



(*) Ou datas próximas.

(**) Pequenas experiências afetas às Ciências Físicas: tampa de lata recortada em pás como no moinho de vento e suspensa por um fio sobre uma chama — as camadas de ar que se aquecem sobem, produzindo deslocamento de ar que faz a tampa girar (vento); vapor que escapa de uma chaleira e a formação de gotículas na parte interior da tampa colocada sobre o vapor (nuvens e chuva).

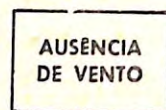
(***) Comparar dois copos, um com água na temperatura normal e outro com água gelada (o vapor d'água da atmosfera se condensa formando gotículas na parte exterior do copo).

(*) A professora deve chamar a atenção para a altitude em que as nuvens se formam: os tipos 1 e 2 são nuvens altas e os tipos 5 e 6, nuvens baixas.

Pelas anotações que fizeram, as crianças podem concluir que as nuvens 1 e 2 geralmente trazem vento; o tipo 4, possíveis chuvas, enquanto as de ns. 5 e 6 revelam chuvas fortes e, às vezes, temporais.

INTENSIDADE E DURAÇÃO DAS CHUVAS			
MÊS DE	LOCAL		
			
CHUVAS INTERMITENTES	FINAS E PERSISTENTES	FORTES E PERSISTENTES	DE TEMPORAL
DIA 11 DE 12 HS ÀS 19 HS PERÍODO DE ESTIAGEM ETC.			DIA 2 DE 17 H.10 ÀS 18 H. 05 DIA 8 DE 17 H.30 ÀS 19 H. ETC.
CONCLUSÕES NÊSSE MÊS FORAM FREQUENTES AS CHUVAS NO FINAL DA TARDE ESSAS CHUVAS NÃO DURAM MUITO E NÃO REFRESCAM *			



LEGENDA



Em caso de possíveis erros nas previsões de tempo oficiais, a professora poderá explicar que erros são fáceis de ocorrer num Serviço que exige instrumentos de grande precisão e por vezes difíceis de serem obtidos e em que há inúmeros fatores em jogo.

Para melhor trabalho de confronto e análise de observações as crianças deverão organizar quadros que englobem os vários fenômenos, como na exemplificação que se segue.

(*) A última conclusão resultou de um confronto entre as temperaturas registradas antes, depois e durante os períodos de chuva.

QUADRO DE OBSERVAÇÕES						
LOCAL		MÊS DE JUNHO				
VEGETAIS	FESTEJOS	TEMPERATURA	CHUVAS	CÉU	DIAS	NOITES
	SANTO ANTONIO SÃO PEDRO SÃO JOÃO	(ENTRE ° E °) DIAS QUASE FRIOS E NOITES FRIAS	POUCAS FINAS E DURADOU- RAS	CLARO E SEM NUVENS AS VÊZES PELA MANHÃ UM POUCO DE NEBLINA	JÁ UM POUCO MAIS CURTOS SOL FRACO	JÁ UM POUCO MAIS LONGAS MUITAS ESTRELAS
AS ÁRVORES CHAMADAS BICO DE PAPAGAIO ESTÃO CHEIAS DE BRACTEAS E FLORES						

Nota: Em lugares afastados dos centros urbanos, na primeira coluna podem-se acrescentar observações sobre a plantação, a colheita ou sobre a vida dos animais.

Os fenômenos naturais, o solo e os acidentes físicos

O solo será objeto de observações simples e de pequenas experiências afetas às Ciências Naturais com a finalidade de determinar-lhe o tipo, a fertilidade e as influências positivas e negativas que o sol, a chuva e o vento exercem sobre ele.

Em pequenas *excursões* as crianças constatarem a existência de águas, terras e de cobertura vegetal. Cabe então à professora orientar o trabalho de relacionamento dos acidentes com o solo e os fenômenos atmosféricos.

Dêse modo relacionam-se, por exemplo:

- águas da localidade e chuvas
- matas, chuva, solo favorável, temperatura elevada
- semi-aridez e carência de chuvas
- semi-aridez e solo desfavorável
- semi-aridez, carência de chuvas e solo desfavorável.

As crianças serão ainda levadas a observar que a vegetação impede que o calor do sol esquite muito a terra. Por isso as árvores refrescam o ar das vizinhanças e as gramíneas mantêm a umidade em grandes extensões de terreno, além de evitar que as enchurradas levem essas terras.

Os acidentes físicos da localidade — ilha, elevação, rio, baía, lago etc. — já devem ter sido observados, de acordo

com o nosso objetivo de ligar a vida da comunidade à sua base geográfica. Compete-nos agora preparar a *conceituação* dos mesmos.

O ponto de partida é, pois, a observação direta conduzida no sentido de deixar evidentes os dados necessários a essa conceituação.

De volta à classe, faz-se, em tabuleiro de areia ou em maquete da comunidade, a representação dos acidentes.

Aproveitar-se-á, assim, o gosto natural das crianças pela modelagem, ao mesmo tempo que se lhes oferece a vantagem da representação concreta e global, o que lhes permitirá observações freqüentes e de vários pontos-de-vista.

Fotografias, estampas e desenhos completarão as observações e servirão mesmo, caso a professora julgue aconselhável, para apresentar acidentes geográficos que a criança não possa observar diretamente, seguindo-se a representação em modelagem desses novos acidentes, desta vez isoladamente.

Esses modelos e ainda a organização de álbuns e fichários apresentando o mesmo acidente de vários pontos-de-vista levarão a criança à redescoberta do conceito nos casos mais simples, aproveitando-se a capacidade que a distingue, nessa fase, de aplicar seu raciocínio, com o maior interesse e seriedade, aos objetos e às coisas, por iniciativa própria, ou à menor sugestão do meio.

E estará apta a compreender símbolos gráficos (*) como:



RIO



LAGO



BAIA



PASTOS



BOSQUE

Haverá ainda oportunidade de observações interessantes no que diz respeito aos meios de comunicação e transporte, isto é, às direções tomadas pelas estradas locais (incluindo estradas antigas ou trilhas), vias férreas etc., visto como

(*) Rio, lagoa e baía, coloridos de azul; bosques e pastos, de verde.

existe estreita relação entre essas rotas e a história econômica da região.

Do mesmo modo, observarão que o homem procura vencer os obstáculos naturais da região construindo pontes, túneis etc.

O resultado do trabalho ficará registrado em um caderno de observações para futuras consultas.

APROVEITAMENTO E VALORIZAÇÃO DE PRODUTOS DA LOCALIDADE

Essas experiências anteriormente vividas concorrem para a integração da criança ao meio e preparam-na para compreender e aceitar no futuro outras formas de vida, o que corresponde a objetivo relevante dos Estudos Sociais.

O conhecimento das possibilidades econômicas da região é de grande importância, levando a criança a compreender que o homem, além dos recursos pessoais de que dispõe, tem ao seu alcance recursos inumeráveis que a Natureza oferece e *lhe cabe aproveitar*.

Faz-se necessário incentivar as crianças no sentido da valorização de produtos locais, o que poderá, inclusive, levá-las a melhorar as condições do ambiente familiar no que diz respeito ao cuidado e bom gosto.

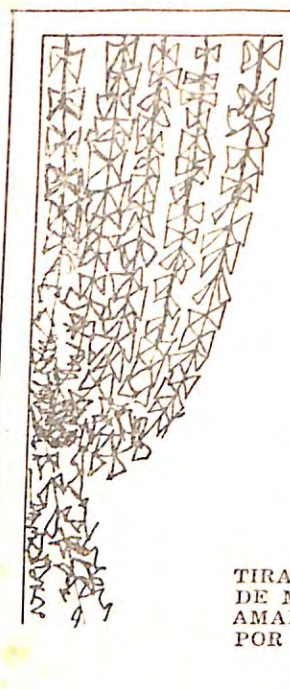
Há aspectos dessa valorização que se podem revestir de grande interesse para as crianças, conduzindo-as a uma feliz aprendizagem através do planejamento, da realização do trabalho e da apreciação dos resultados práticos obtidos, e ainda à *afirmação da personalidade*, por uma participação direta na vida do grupo através da difusão de idéias novas e úteis.

Esses aspectos formativos podem ser aproveitados no sentido de maior integração no meio rural. Na Fazenda do Rosário (*), no curso para professores rurais leigos, tais aspectos constituem objetivo de relêvo, a fim de que os professores, encontrando motivos de maior identificação com o meio, favoreçam a radicação rural, levando as crianças a experiências semelhantes.

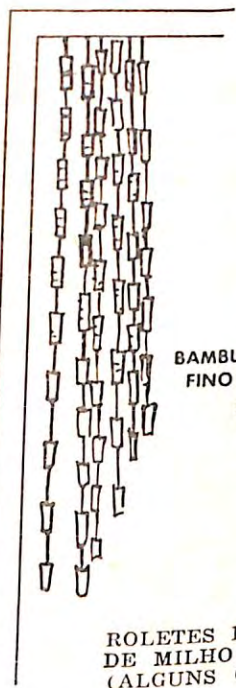
O plantio de milho, por exemplo, e seu aproveitamento total são largamente incentivados na Fazenda, chegando a influir na vida da comunidade.

(*) Instituição educacional situada em Ibireté, próximo a Belo Horizonte e que se compõe de centro para excepcionais e de centro de aperfeiçoamento para professores leigos de zona rural.

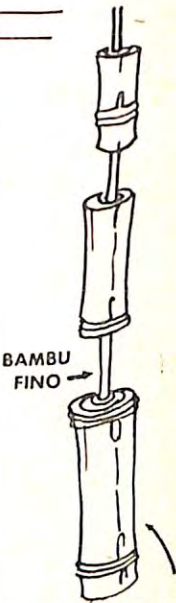
O próprio aspecto da escola revela amor à terra e carinho por tudo quanto ela pode proporcionar. São de belo efeito, por exemplo, as cortinas de palha de milho, de bambu e as de sabugo de milho.



TIRAS DE PALHA
DE MILHO
AMARRADAS
POR CORDÃO



ROLETES DE SABUGO
DE MILHO
(ALGUNS COLORIDOS)



A ornamentação do auditório é rica de sugestões. Há belas composições decorativas feitas em papel, à maneira de mosaicos, representando aspectos colhidos em excursões ou resultantes de observações variadas. Há inclusive um pé de girassol em tamanho natural (o maior jamais encontrado no lugar) ao lado do maior pé de milho produzido. Belos mosaicos representam ainda os abacaxis de Lagoa Santa, local a que foram os alunos em uma das excursões. O auditório é, pois, um lugar em que o visitante também participa da vida da fazenda e recolhe impressões de uma atividade fecunda e de grande amor à terra e ao que ela nos pode dar.

A instituição da *Festa do Milho* é também medida de valor educativo inestimável.

Nesse dia, são recebidos, na Fazenda, familiares dos alunos dos diversos grupos educacionais existentes, e ainda habitantes dos arredores, professores etc.

Não só os números artísticos da festa, como a própria ornamentação do local, têm por motivo o milho. São também oferecidos pratos cuja base é o milho, além de pequenas lembranças confeccionadas com partes não comestíveis do precioso alimento.

Valoriza-se assim, uma vez mais, o principal produto da localidade, incentivando-se ainda a atitudes que favorecem a radicação rural.

Conservação e recuperação dos produtos naturais

Tendo as crianças aprendido a valorizar os recursos naturais e seu respectivo aproveitamento, percebem, agora, de maneira intuitiva, a necessidade de conservação e recuperação desses mesmos recursos no interesse do bem-estar comum.

Será de grande significação comemorar festivamente e de maneira adequada, nas escolas, o "*Dia da Conservação do Solo e da Água*", dia 15 de abril, data do aniversário natalício do Dr. Hugh Bennett, que foi o incentivador das modernas idéias de proteção dos recursos naturais. Esse dia foi instituído pelo Estado de São Paulo em 1957, quando da visita do Dr. Bennett ao Brasil. Será interessante e oportuno levar ao conhecimento das crianças a obra do Dr. Hugh Bennett, que dedicou toda sua vida, e ainda o faz, à defesa da terra para garantir ao homem sua subsistência. Hoje a conservação do solo é movimento internacional.

Atividades escolares no sentido da conservação e recuperação de recursos

A necessidade do *reflorestamento*, por exemplo, além de facilmente compreendida pela criança, poderá levá-la a uma bela e útil campanha na comunidade, o que a irá preparando para o *desempenho de suas responsabilidades sociais futuras*.

Aliás, em tempo oportuno, as crianças poderão realizar campanhas de grande alcance social, nas quais se divulguem conhecimentos úteis, como os seguintes:

— campanha em prol da valorização e acatamento dos conselhos de agrônomos experientes credenciados pelo governo, de sanitaristas etc.; (*)

- campanha contra a prática das queimadas;
- campanha no sentido de que não soltem balões;
- campanha em prol da utilização racional das florestas:

- a) métodos eficientes de corte (abate);
- b) plantação de árvores novas à proporção que outras vão sendo utilizadas ou destruídas;
- c) proteção contra incêndios, insetos e doenças etc.;
- campanha pela conservação de pastos;
- campanha pela conservação e recuperação do solo de modo geral (uso de fertilizantes, descanso da terra, rotação de culturas, cobertura de vegetação etc.).

Poder-se-á igualmente, através de concursos entre as crianças, criar "slogans" no sentido de que o solo sempre que fôr transmitido a outrem o seja em condições superiores àquelas em que foi recebido. Isso pelo amor à terra e no próprio benefício de todos.

A fase é de grande interesse social e cabe à professora incentivar o trabalho de grupo, assim como o trabalho em prol do grupo.

A criança precisa sentir que é membro da comunidade, isto é, que faz parte de seu grupo de trabalho, como o faz do grupo de trabalho, na escola.

Uma sadia competição entre os grupos da turma (***) — concurso de cartazes, de artigos ou "slogans" para o jornalzinho etc. no sentido das campanhas empreendidas (a de não soltar balões, por exemplo) — terá apreciável valor do ponto-de-vista da educação, dado o caráter esportivo de que se reveste.

Do mesmo modo são de grande valor educativo os clubes e organizações que se venham a fundar com o objetivo de proteção às árvores, ou de valorização dos recursos naturais e incentivo ao amor e ao trato da terra.

Nesta fase, aliás, são bastante oportunos os clubes infantis, visto aumentarem o interesse pelo trabalho, ao mesmo tempo que oferecem às crianças maiores oportunidades de experiências sociais e de organização. (Ver Clubes e organizações em geral, pág. 202).

(*) Será útil conduzi-las a entrevistas nesse sentido.

(**) Concurso de cartazes, de artigos ou "slogans" para o jornalzinho etc.

Os recursos audio-visuais de ensino (*) muito auxiliarão as crianças nessas campanhas dentro e fora da escola.

Os pais poderão também auxiliar os filhos nessas mesmas campanhas: as relações entre os membros da comunidade nada mais são do que o prolongamento das relações de família e quanto mais harmoniosas forem estas, mais significativas serão aquelas.

Sempre, e em tôdas as ocasiões, portanto, haverá para a criança o ensejo de afirmação pessoal através de atividades sociais que beneficiam amplamente o grupo.

CONDIÇÕES DE TRABALHO NO PASSADO E NO PRESENTE

(contribuição ao desenvolvimento da noção de tempo).

Conforme o desenvolvimento dado ao assunto pelas oportunidades que o meio oferece, as crianças, levando em consideração os diferentes graus de aperfeiçoamento técnico e o rendimento do trabalho humano, estarão sendo iniciadas na evolução das técnicas de trabalho.

Poderão, assim, chegar a um confronto, em linhas gerais, entre as condições de trabalho do passado e as de hoje, confronto esse de grande utilidade do ponto-de-vista do desenvolvimento da noção de tempo.

Antigamente:

- poucos recursos naturais conhecidos;
- técnicas rudimentares de trabalho;
- predominância do trabalho manual;
- pequena produtividade;
- labor árduo;

Hoje:

- mais recursos naturais conhecidos;
- maquinaria facilitando o trabalho e aumentando a produção;
- novas técnicas, isto é, novas maneiras de fazer as coisas;
- conservação e recuperação das fontes de recursos naturais.

De acôrdo com as possibilidades de observação a que nos referimos, reais experiências de aprendizagem terão lugar

(*) Ver outros recursos para a aprendizagem — 4.º ano, pág. 290.

através do progresso de técnicas agrícolas, industriais ou comerciais e dos meios de comunicação e transporte importando apenas que a aprendizagem se realize em função das experiências vividas na localidade.

Haverá aí ocasião para entrevistas e excursões que devem seguir a orientação dada às mesmas no 2.º ano de Estudos Sociais.

Poderão ser feitas visitas a lugares onde o trabalho de produção e o comércio possam ser observados — oficinas, granjas, sítios, depósitos de mercadorias, locais de armazenagem de mercadoria no pôrto ou na estação de estrada de ferro (conforme o caso), mercados de venda por atacado etc.

Poderá mesmo ser feito pelas crianças, conforme o caso, um passeio para observar o corte da lenha e uma serra portátil em ação, ou uma visita a uma fazenda leiteira para observar a conservação do solo através do uso do estrume animal, por exemplo.

É preciso, no entanto, deixar claro o valor do trabalho manual em setores onde não pode ser substituído pela máquina.

Lembramos ainda que haverá grandes oportunidades para a criança no que diz respeito à *iniciativa e à orientação e planejamento de atividades*, já que nessa idade, procura de motu-próprio melhorar seus conhecimentos e capacidades e nisso se empenha com o maior interesse.

A *noção de tempo* que se vem desenvolvendo, como vimos, através da comparação entre as condições de trabalho no passado e atualmente, encontrará motivos de maior desenvolvimento ainda na evolução dos meios de transporte, moradia etc., que são decorrência do progresso técnico e de que adiante trataremos com maior amplitude (pág. 176).

Aliás, o estudo dos aspectos de trabalho no passado e no presente terá maior objetividade se o relacionarmos ao *conceito de geração* que as crianças vêm adquirindo desde o 2.º ano (ver pág. 101).

As crianças poderão fazer novos gráficos de geração, e mesmo repetir os que dizem respeito à sua própria família, a fim de relacionar os progressos de que vão tomando consciência às gerações que se sucedem.

Agora, a professora fá-las-á comparar os gráficos de suas respectivas famílias, o que as levará a perceber que se formaram *grupos contemporâneos*, o das crianças, o de seus pais, e o de seus avós. A professora dir-lhes-á então, que *esses grupos contemporâneos*, constítuem as *gerações* e que *essas gerações contemporâneas*, constítuem as *gerações* e que após outras, vêm sucedendo ao correr dos tempos, umas

Poderá a professora dar mais objetividade a essa compreensão, fazendo-as citar fatos que sua geração venha presenciando (*).

É importante que as crianças compreendam — e para isso vêm sendo preparadas desde o 1.º ano — que o progresso corresponde a esforços de pessoas comuns, em benefício de todos.

As crianças serão levadas também a uma *pesquisa referente aos acontecimentos relativos à geração de seus pais e de seus avós* no interesse ainda de situar os acontecimentos no tempo. A professora poderá entender-se com os familiares de seus alunos de maneira que essas narrações digam respeito ao que estiver ligado aos interesses da turma: melhoramentos do local, evolução de técnicas agrícolas ou de trabalho no campo (“ao meu tempo, os homens lavravam os campos empregando enxadas, hoje já usam o arado”); evolução de hábitos alimentares, de meios de transporte; evolução nos hábitos de moradia etc.

Será essa uma contribuição de inestimável valor de parte dos familiares da criança. Dessa contribuição resultam, para a aprendizagem, grandes benefícios:

- o de chamar, *uma vez mais*, os familiares à escola no intuito de colaborar na obra de educação
- o de mostrar, *uma vez mais*, o valor da experiência dos mais velhos
- o de, *uma vez mais*, levar a criança a respeitar a experiência alheia.

A professora, através de fotografias dos álbuns de família de seus alunos, mostrará que as *gerações se sucedem*, apresentando diferenças relativamente à maneira de vestir, de pentear-se, e que os próprios hábitos e costumes *modificam-se*.

É preciso que a criança apreenda o sentido de *geração* ligado ao de *época*, a fim de que em seu espírito, se vá agora tornando mais precisa a noção de tempo *histórico*.

Conhecimentos a adquirir

Os estudos realizados neste capítulo, permitirão o domínio das seguintes noções:

- *possibilidades econômicas locais e seu aproveitamento*
- *relação entre o ambiente físico da região e as atividades humanas*

(*) Os foguetes espaciais, por exemplo, constituem progresso que as crianças ainda não compreendem, mas de que tomam conhecimento com vivo interesse e que constituem verdadeiro marco em sua geração. Podem, portanto, ser aqui citados como acontecimento atual.

- fenômenos naturais, solo, acidentes físicos e seus inter-relacionamentos
- a forma da Terra; a existência dos dias e das noites e o movimento de rotação
- a duração dos dias e das noites, a temperatura, a observação da sombra e o movimento de translação da Terra
- uso inteligente da terra e dos recursos naturais — conservação e recuperação dos mesmos
- condições locais de trabalho no passado e no presente

Capítulo 4

ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA NO SENTIDO DE ADAPTAÇÃO E MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA

As crianças precisam sentir em todos os aspectos da vida, principalmente naqueles que estão ao seu alcance na comunidade, as marcas do *aperfeiçoamento* e do *progresso*.

Daí a necessidade de fazê-las acompanhar o homem no seu lento aprendizado da melhor maneira de utilizar, em benefício próprio, os recursos de que dispõe, no sentido da adaptação e da melhoria das condições de vida.

A maneira por que se formaram e evoluíram nossos *hábitos alimentares*, por exemplo, e o progresso na maneira por que o homem tem procurado *abrigar-se* e *locomover-se*, além de fascinar a criança pelos aspectos pitorescos de que se revestem, criam excelentes oportunidades para o desenho, a narração, a leitura, a dramatização, os trabalhos manuais, a matemática, enfim, as atividades de *pesquisa e estudo*, de *criação e construção*.

Tomando consciência do lento progresso do homem no sentido de satisfazer suas necessidades primárias, a criança será levada a valorizar êsses aspectos de vida simples, mas essenciais.

Compreenderá, igualmente, e isso é de grande importância, que a *forma atual de vida representa a soma de numerosas e válidas experiências*, o que provavelmente a estimulará no sentido de *contribuir com sua própria experiência para o progresso*, e de *aceitar e valorizar a experiência alheia*.

Será necessário, entretanto, dada a amplitude do assunto, restringi-lo, no 3.º ano de Estudos Sociais, o mais possível, à *experiência brasileira*.

De modo geral, pois, conduziremos as crianças ao conhecimento dos aspectos do aproveitamento de recursos naturais pelo homem dentro da experiência brasileira e no sentido de suas necessidades primárias, isto é, à compreensão da maneira por que o homem aprendeu a fazer uso dos solos, das águas, dos vegetais, dos animais, minerais etc. para satisfazer suas necessidades primárias de *alimentação, de vestuário, de abrigo, de comunicação e de transporte*, o que oferece grandes oportunidades de pesquisa.

Dáí resultam para a criança noções de grande valor educativo como as seguintes:

— à medida de suas necessidades, o homem aprende a fazer e utilizar instrumentos, utensílios etc.

— à medida que o homem aprende, as coisas existentes tornam-se para êle mais importantes, o que resulta na valorização dos recursos de que dispõe.

Essa orientação far-nos-á retroceder às origens da vida brasileira e ao início da colonização.

1. OS PORTUGUESES À ÉPOCA DO DESCOBRIMENTO

O descobrimento do Brasil e os fatos a êle relacionados — as navegações portuguesas, o descobrimento do caminho marítimo para as Índias etc. — darão oportunidade à criança de compreender o estágio de cultura do povo português a essa época e a atuação dos colonizadores nos problemas primordiais de vida, no Brasil.

Para que as crianças venham a compreender o estágio de cultura do povo português à época, a professora deverá esclarecê-las a respeito dos fatores que contribuíram para o domínio português nos mares. Assim, ressaltará a importância da Escola de Sagres como centro de estudo e pesquisa da época.

Do mesmo modo, a professora deverá conduzir as crianças a compreender o que representaram para a precisão dos rumos, a defesa, o conhecimento dos mares e a divulgação de idéias

A BÚSSOLA, A PÓLVORA, O PAPEL E A IMPRENSA

transmitindo maior segurança e fé nos empreendimentos.

2. O INDÍGENA

Procuraremos então fazer que as crianças conheçam a maneira por que os primitivos habitantes de nossa terra satisfizeram sua necessidade de abrigo, alimentação, vestuário e transporte, estudando-os em seu ambiente natural, de modo a apreender-lhes a cultura própria e o papel que desempenharam na formação da sociedade brasileira.

Esse estudo deve possibilitar as seguintes verificações, por parte da criança:

— o ameríndio é um dos elementos de formação do nosso povo, elemento étnico, com características próprias que nos foram legadas;

— a mulher indígena contribuiu para o desenvolvimento social e econômico do Brasil — para a *formação da família brasileira*, casando-se com o colonizador português, e assim transmitindo de maneira mais direta sua cultura, isto é, o conhecimento de sementes e raízes que se incorporaram definitivamente à nossa alimentação e à medicina caseira, assim como as crenças, certos vocábulos, habilidades e artes, hábitos de asseio e higiene do corpo, enfim, seus usos e costumes;

— o índio, inadaptado à lavoura e ao trabalho escravo, principalmente por suas condições de nomadismo, colaborou na obra de *colonização dos portugueses, como sertanista, e na defesa da colônia*; como sertanistas, ajudou a devassar e conquistar os sertões tendo sido guia, canoeiro, vaqueiro, guerreiro, caçador e pescador, transmitindo seus conhecimentos sobre a fauna brasileira;

— a alimentação indígena, proveniente de um tipo de agricultura própria, deu ao Brasil hábitos alimentares igualmente próprios, tendo por base a farinha de mandioca; forneceu à cozinha brasileira grande número de pratos cuja tradição é muito viva na região norte do Brasil: o inhame ou cará, o palmito, alimentos feitos de farinha de mandioca, como o beiju, por exemplo, de farinha de milho, de castanha de caju etc.

— o índio não fez o devido aproveitamento de nossos recursos naturais — o que mostrará à criança que o maior ou menor aproveitamento dos recursos naturais, pelo homem, decorre de seu estágio de cultura mais ou menos elevado e das possibilidades de intercâmbio com povos de cultura mais avançada. Entretanto a êle se deve, entre outras contribuições, a revelação aos colonizadores do pau-brasil, da árvore de borracha, da erva-mate, do guaraná e da mandioca, produtos de aplicação industrial e, portanto, de grande valor econômico.

Terão vivo interesse para as crianças os utensílios e instrumentos indígenas, o que provavelmente lhes despertará o desejo de fazer alguma coisa, de criar. (*)

A professora dará a essas atividades de criação o desenvolvimento adequado se levar as crianças à compreensão de que:

— devem utilizar os recursos de inteligência e de vontade de que são dotadas no sentido de facilitar suas tarefas;

— os obstáculos que encontrarem à satisfação de seus desejos e necessidades, só as deverão estimular no sentido de vencê-los.

Faz-se necessário incentivar as meninas em relação aos trabalhos manuais e caseiros, mostrando-lhes que a indústria de utensílios cabia à mulher indígena e que ela foi realmente, na família, elemento de valor econômico (em relação aos meninos basta manter o interesse que em geral demonstram pelos trabalhos manuais, embora se deva esclarecê-los quanto à necessidade de auxiliar nos trabalhos caseiros).

Incentivar as crianças quanto à necessidade de cuidar dos objetos em geral, e do material escolar, em particular, mostrando conseqüentes vantagens da durabilidade e economia

3. O COLONIZADOR

Procurar-se-á levar as crianças a compreender que os primeiros portugueses a se estabelecerem de maneira permanente na colônia, fizeram-no atraídos pelas magníficas condições que a terra apresentava para o comércio rendoso do açúcar (**): terrenos extensos e ambiente físico apropriado à cultura da cana-de-açúcar. Assim, transformaram-na em uma "colônia de plantação", utilizando ainda industrialmente a

(*) Procurar madeiras, pedras, conchas, espinhas de peixe, fibras de palmeiras e outros materiais para confecção de utensílios usados pelos índios na obtenção de alimento.

Experimentar fazer machados, arco e flecha, rêde para pescar, anzóis, ralos de mandioca (madeira com lascas de pedra ou espinhos de peixe encaixados), urupemas, tipitis, almofariz cavado em tronco de árvore e pilão de um pedaço de pau grosso. Tudo de acôrdo com as possibilidades da escola.

Experimentar a confecção de cestas simples. Se possível, realizar trabalhos em cerâmica. (Estudos Sociais na Escola Elementar — INEP — 2.ª ed., 1955 — págs. 82 e 83).

(**) Açúcar: artigo raro nessa época e muito procurado; chegou a fazer parte de enxovais de rainhas, de tal modo era considerado artigo precioso.

riqueza vegetal por êles introduzida (a cana-de-açúcar e os primeiros engenhos; o açúcar, primeiro produto industrial exportado).

Os portugueses trouxeram:

sementes,
plantas alimentícias,
o primeiro gado,
os primeiros animais de transporte,
instrumentos agrícolas.

Em relação a técnicas de trabalho, o colonizador português introduziu diversos tipos de engenho, dos quais os principais foram os movidos a água — "engenhos reais" e os de bois e cavalos — "engenhocas", tendo sido o engenho movido a água o tipo primitivo, pelo aproveitamento das correntes hidráulicas abundantes na área açucareira.

Embora os colonizadores portugueses não fizessem também o aproveitamento devido de nossos recursos naturais, interessando-se quase que exclusivamente pela cultura da cana-de-açúcar (sòmente no planalto paulista houve cultura diversificada), empregaram, ainda assim, recursos próprios na utilização e desenvolvimento dessa riqueza vegetal e criaram as grandes propriedades rurais, as fazendas latifundiárias que foram os verdadeiros centros de colonização. Nelas, nas casas-grandes, teve origem a família brasileira.

A sesmaria poderá ser explicada às crianças como doação de terras para cultivo, de maneira a completar-se o conhecimento dos recursos de que lançaram mão os portugueses no início da obra de colonização de nossa terra.

4. O NEGRO

Lembrar às crianças que a lavoura nas grandes propriedades rurais prosperou graças ao trabalho do negro-escravo e que a colonização, tendo por base a agricultura, assentou portanto na lavoura escravocrata.

A contribuição do negro, relativamente a outros aspectos de adaptação e melhoria de condições de vida, tornar-se-á evidente através, por exemplo, da evolução de nossos hábitos alimentares e dos meios de transporte, assuntos desenvolvidos a seguir.

Dêsse modo, torna-se clara para a criança a assimilação de experiências várias em nosso processo de formação.

A professora julgará agora, de acôrdo com o nível do grupo que orienta, a conveniência de conduzir as crianças a

esclarecimentos a respeito da contribuição e influência africanas nos ofícios (*), nas artes (**), no folclore, ao mesmo tempo em que são considerados o estágio de cultura atingido e a vida anterior em terras africanas.

Será útil saber que:

— as práticas agrícolas, o sistema de irrigação, eram familiares à maior parte dos africanos aqui introduzidos (os negros mais atrasados da África, como os hotentotes, pigmeus boschimanos etc., não foram introduzidos no Brasil).

— o ferro e outros metais eram trabalhados habilmente, expandindo-se ainda o africano artisticamente através da escultura na madeira e no barro, da tecelagem e da cerâmica.

— a criação do gado era de grande importância social na região ocidental da África vizinha à ilha de Madagascar, o que teve influência no folclore afro-brasileiro: o bumba-meu-boi, o maracatu etc.

— havia organizações sociais adiantadas “côrtes de reis com cerimonial complicado”, de que as congadas são vestígios e cuja comprovação se encontra, por exemplo, na República dos Palmares e na personalidade de Chico Reis.

Explicar às crianças que a temperatura na África é elevada, enquanto em Portugal é temperada, o que tornou a adaptação dos negros mais fácil que a dos portugueses.

CONTRIBUIÇÃO DOS JESUÍTAS

Dentro da orientação que vimos seguindo, faz-se necessário mostrar que os jesuítas contribuíram, de maneira marcante, para o aproveitamento de recursos naturais, nativos ou introduzidos na colônia;

No planalto paulista, por exemplo, ao lado das espécies indígenas, plantaram trigo, uvas, peras, maçãs e outras frutas (o planalto paulista, lugar de clima fresco, favorecia a adaptação dessas culturas européias). Muitos dos frutos que aí cultivaram foram por eles aproveitados na indústria de doces (goiabada, marmelada etc.).

Em Olinda (Pernambuco), os jesuítas dispunham de uma quinta para adaptação de culturas do Reino.

(*) O artesanato, nos primeiros séculos de nossa História, coube em grande parte aos africanos, que foram sapateiros, tecelões, metalúrgicos, etc. A eles devemos a primeira metalurgia rudimentar existente em Minas Gerais e no Brasil.

(**) Recordar o ritmo e os instrumentos musicais como a cuica, o agogô, o berimbau etc.

Ensinarão o indígena a tecer algodão para confeccionar vestimentas.

É interessante levar a criança a compreender a influência que os jesuítas exerceram sobre o silvícola, através da catequese e da maneira por que os tratavam, em contraste com a inabilidade do colonizador português, nesse sentido.

Os jesuítas foram catequistas, medianeiros entre os portugueses e os índios, pacificadores, conselheiros e educadores. Ensinarão, além de religião, a ler, escrever e contar.

Deram belo exemplo de trabalho, empregando não raro esforço pessoal na árdua tarefa de construção de igrejas e conventos. Assim foi, logo de início, na construção da primeira igreja do Brasil, a da Ajuda, na Bahia. (*)

Foram os jesuítas os primeiros educadores do Brasil, tendo procurado conduzir o silvícola para a civilização e a fé, através principalmente da música e do canto que exerciam sobre ele grande atração.

Os colégios dos jesuítas foram, por vezes, núcleos de futuras cidades.

Devemos, portanto, destacar na obra dos jesuítas:

- a catequese,
- a disseminação da instrução,
- preocupação com o trabalho artesanal e agrícola.

Os Jesuítas, silvícola, o negro e o colonizador — personagens de histórias.

Narrações feitas sobre a vida dos jesuítas darão oportunidade às crianças de sentir realizadas aspirações de coragem, sacrifício e lealdade, o que se constitui em apelo à imaginação das crianças e impacto às suas emoções.

Também o colonizador, o negro e o silvícola, este principalmente, serão personagens de histórias contadas às crianças. Tanto lendas quanto episódios autênticos poderão ser narrados. A criança, que aos nove anos busca, nas histórias, aventuras reais, procurará na lenda, e nisso deverá ser auxiliada pela professora, os contactos com a realidade.

Quer num caso, quer noutro, haverá o valor e a força da sugestão; e nas histórias verdadeiras, informações de ordem cultural e moral.

As narrativas a respeito de Caramuru, Ararigboia e Chico Reis, por exemplo, estimularão as crianças relativamente a habilidades e atitudes convenientes e o interesse levará a criança a indagações e pesquisas que irão aos poucos possi-

(*) Salientar a obra de Anchieta — patrono da educação no Brasil.